

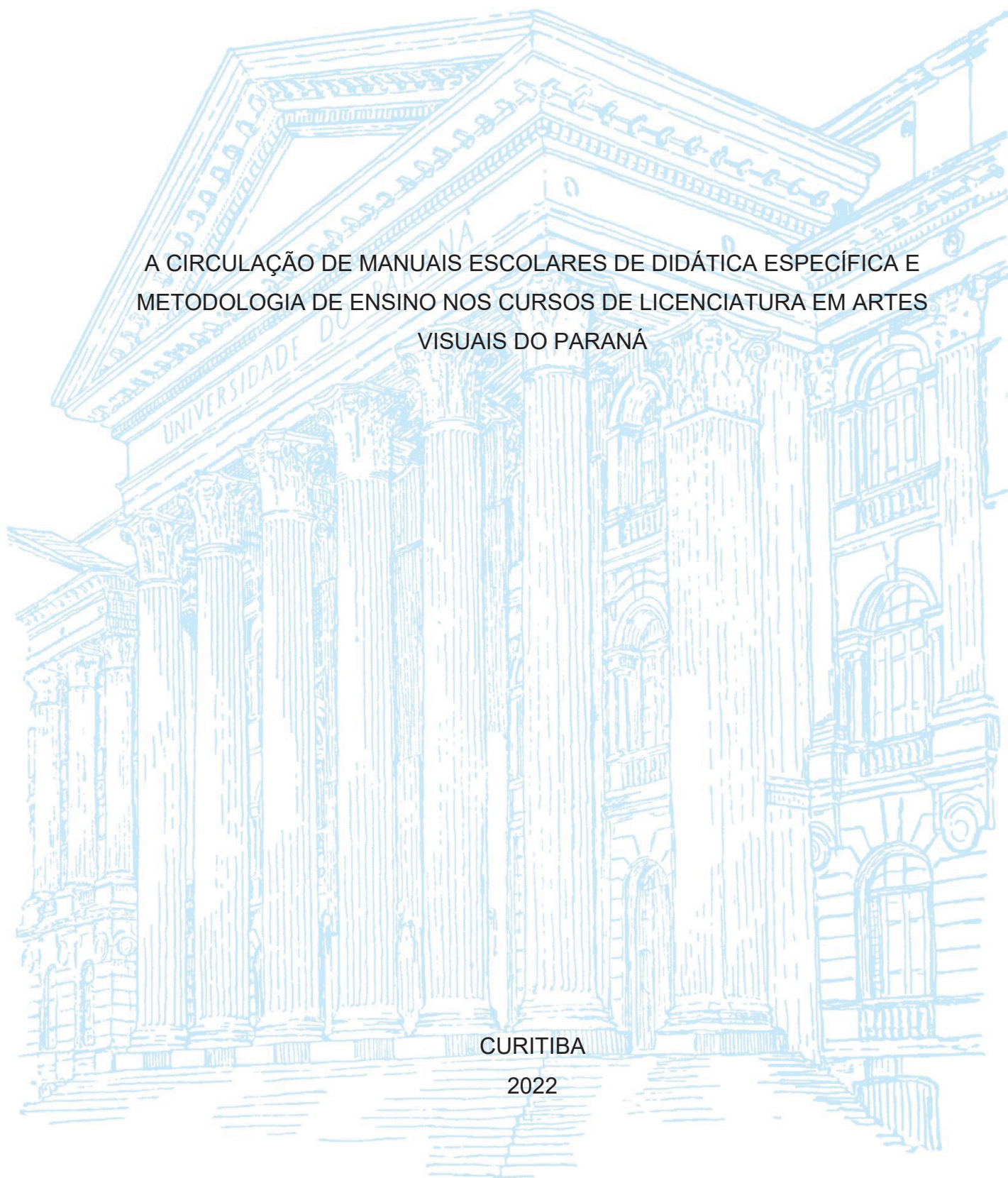
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

NATALY PATRICIA DA LAPA CONFORTE

A CIRCULAÇÃO DE MANUAIS ESCOLARES DE DIDÁTICA ESPECÍFICA E  
METODOLOGIA DE ENSINO NOS CURSOS DE LICENCIATURA EM ARTES  
VISUAIS DO PARANÁ

CURITIBA

2022



NATALY PATRICIA DA LAPA CONFORTE

A CIRCULAÇÃO DE MANUAIS ESCOLARES DE DIDÁTICA ESPECÍFICA E  
METODOLOGIA DE ENSINO NOS CURSOS DE LICENCIATURA EM ARTES  
VISUAIS DO PARANÁ

Dissertação apresentada ao curso de Pós-Graduação em Educação, Setor de Educação, Linha de Pesquisa Cultura, Escola e Processos Formativos em Educação, Universidade Federal do Paraná, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Profa. Dra. Tânia Maria F. Braga Garcia

CURITIBA

2022

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
SISTEMA DE BIBLIOTECAS – BIBLIOTECA DO CAMPUS REBOUÇAS

Conforte, Nataly Patricia da Lapa.

A circulação de manuais escolares de didática específica e metodologia de ensino nos cursos de Licenciatura em Artes Visuais do Paraná / Nataly Patricia da Lapa Conforte. – Curitiba, 2022.

1 recurso on-line : PDF.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Paraná, Setor de Educação. Programa de Pós-Graduação em Educação. Orientadora: Prof<sup>a</sup> Dr<sup>a</sup> Tânia Maria F. Braga Garcia

1. Educação – Estudo e ensino. 2. Artes plásticas – Paraná. 3. Arte – Estudo e ensino. 4. Licenciatura. 5. Professores de arte. I. Garcia, Tania Maria Figueiredo Braga, 1950-. II. Universidade Federal do Paraná. Programa de Pós-Graduação em Educação. III. Título.

Bibliotecária: Maria Teresa Alves Gonzati CRB-9/1584



MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO  
SETOR DE EDUCAÇÃO  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EDUCAÇÃO -  
40001016001P0

## TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação EDUCAÇÃO da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da dissertação de Mestrado de **NATALY PATRICIA DA LAPA CONFORTE** intitulada: **A circulação de manuais escolares de didática específica e metodologia de ensino nos cursos de licenciatura em Artes Visuais do Paraná**, sob orientação da Profa. Dra. TANIA MARIA FIGUEIREDO BRAGA GARCIA, que após terem inquirido a aluna e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de mestra está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

CURITIBA, 30 de Março de 2022.

Assinatura Eletrônica

09/05/2022 10:58:48.0

TANIA MARIA FIGUEIREDO BRAGA GARCIA  
Presidente da Banca Examinadora

Assinatura Eletrônica

10/05/2022 15:21:21.0

MAUREN TEUBER  
Avaliador Externo (UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PARANÁ)

Assinatura Eletrônica

10/05/2022 09:32:46.0

DANIEL BRUNO MOMOLI  
Avaliador Externo (UNIVERSIDADE ESTADUAL DO PARANÁ)

Assinatura Eletrônica

09/05/2022 21:26:59.0

GUILHERME GABRIEL BALLANDE ROMANELLI  
Avaliador Interno (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

---

Rockefeller nº 57 ? Reboças - CURITIBA - Paraná - Brasil

CEP 80230-130 - Tel: (41) 3535-6255 - E-mail: ppge.ufpr@gmail.com

Documento assinado eletronicamente de acordo com o disposto na legislação federal Decreto 8539 de 08 de outubro de 2015.

Gerado e autenticado pelo SIGA-UFPR, com a seguinte identificação única: 183504

Para autenticar este documento/assinatura, acesse <https://www.prppg.ufpr.br/siga/visitante/autenticacaoassinaturas.jsp>  
e insira o código 183504

## AGRADECIMENTOS

Primeiramente, gostaria de agradecer a todas as pessoas presentes em minha trajetória escolar e acadêmica, pois de alguma maneira contribuíram para esse momento. Que almejar e cursar uma Pós-Graduação, em uma instituição pública e gratuita, possa estar ao alcance de todas(os) as(os) estudantes.

Aos meus pais, que não mediram esforços para prover uma educação de qualidade e continuam a me incentivar para seguir o caminho que escolhi: a docência em Arte.

À minha orientadora, Tânia Maria F. Braga Garcia, a quem chamo carinhosamente de “profe”, pelas contribuições na pesquisa. Sempre repleta de generosidade, com seu olhar atento e cuidadoso... Muito obrigada!

À professora Mauren Teuber (UNESPAR), por me acompanhar desde a graduação e me incentivar a ingressar no mestrado, e pela sua participação na banca de qualificação e de defesa.

Ao professor Daniel Momoli (UNESPAR), por me receber em sua disciplina, intitulada Materiais Didáticos, para a realização da prática de docência. Agradeço as conversas e trocas de conhecimento e sua participação na banca de defesa.

Aos professores Guilherme Romanelli (UFPR) e Anne Cacielle da Silva (SME de Curitiba), por aceitarem participar da banca de qualificação e de defesa e contribuir com a temática.

Às professoras Ana Cláudia Urban, Cristina Carta Cardoso de Medeiros e Gizele de Souza, cujas disciplinas foram essenciais nesse percurso.

Aos colegas do NPPD, pelas suas produções científicas que colaboraram com a construção desse trabalho.

Ao CNPq, pela concessão da bolsa de pesquisa, possibilitando minha permanência na universidade.

E às funcionárias do Programa de Pós-Graduação em Educação da UFPR, sempre muito solícitas.

## RESUMO

Investiga a circulação dos manuais de Didática Específica e de Metodologia para o Ensino das Artes Visuais, tema do projeto inicial apresentado à Linha de Pesquisa Cultura, Escola e Processos Formativos em Educação do PPGE/UFPR, que necessitou de adaptações e recortes em função das medidas de controle da pandemia de COVID-19 durante os anos de 2020 e 2021. Discute a formação de professores que atuam no ensino da disciplina de Arte, situando espaços formativos em graduação e pós-graduação, mapeando linhas de pesquisa voltadas ao campo educacional. Apresenta resultados de estudo de natureza exploratória, no qual foram localizados os cursos de licenciatura e os programas de pós-graduação em Artes Visuais ou similares, ofertados por instituições com administração federal ou estadual nas cinco regiões brasileiras. Contribui para situar o espaço acadêmico na formação de professores para ensinar Arte, disciplina escolar na Educação Básica, na especificidade das Artes Visuais; evidencia que nos programas de pós-graduação há poucas linhas de pesquisa voltadas ao ensino; e apresenta levantamento que identificou poucas dissertações e teses produzidas entre 2009 e 2020, relacionadas às palavras-chave livro didático, material didático e metodologia no ensino da Arte. Com base nos resultados do estudo exploratório, estabelece a problemática da circulação de manuais de orientação aos professores em cursos de formação para a docência em Artes Visuais. Recorta geograficamente o Estado do Paraná por (I) concentrar o maior número de cursos gratuitos de licenciatura em Artes Visuais ou Artes na modalidade presencial, e (II) por não ter programas de pós-graduação com mestrado e/ou doutorado acadêmico em Artes Visuais. Propõe como questão a ser respondida: há manuais de orientação didática que circulam nas bibliotecas dos cursos de licenciatura em Artes Visuais, nas Instituições de Ensino Superior da rede pública do Paraná? Analisa os dados disponibilizados de forma on-line no site de oito bibliotecas dos oito cursos ofertados em seis Universidades do Estado: UEL, UEM, UNESPAR, UEPG, UFPR e UNICENTRO. Entre os resultados, destaca a existência nos registros das bibliotecas de poucos manuais de orientação didática e metodológica e a presença expressiva de manuais voltados ao aprendizado de técnicas; ressalta a autoria de obras por intelectuais dedicados ao ensino e à pesquisa no campo disciplinar no caso dos poucos manuais didáticos localizados, bem como a ausência de publicações mais recentes. Aponta questões finais que problematizam a organização de acervos específicos, sugerindo novas questões para estudos futuros.

Palavras-chave: manualística; ensino de Artes Visuais; formação de professores; circulação de manuais didáticos de Arte.

## RESUMEN

Investiga la circulación de los manuales de Didáctica Específica y de Metodología para la enseñanza de las Artes Visuales, tema del proyecto inicial presentado en la Línea de Investigación Cultura, Escuela y Procesos Formativos en Educación del PPGE/UFPR, que requirió adaptaciones y recortes debido a las medidas de control de la COVID-19, en la pandemia durante los años de 2020 y 2021. Se discute la formación de profesores que enseñan la asignatura del Arte, ubicando espacios formativos en cursos de graduación y posgrado, mapeando las líneas de investigación dirigidas al campo educativo. Presenta resultados de estudio de naturaleza exploratoria donde se localizaron los cursos de graduación y los programas de posgrado en Artes Visuales o similares, ofrecidos por instituciones con administración federal o estadual en las cinco regiones brasileñas. Contribuye a situar el espacio académico en la formación de profesores para la enseñanza del Arte, asignatura escolar en la Educación Básica, en la especificidad de las Artes Visuales; muestra que en los programas de posgrado existen pocas líneas de investigación enfocadas a la enseñanza; y presenta un levantamiento que identificó pocas disertaciones y tesis producidas entre 2009 y 2020, relacionadas con las palabras clave libro de texto, material didáctico y metodología en la enseñanza del Arte. Con base en los resultados del estudio exploratorio, establece la cuestión de la circulación de manuales de orientación para profesores en cursos de formación para la enseñanza de las Artes Visuales. Elige como recorte geográfico el Estado de Paraná por (I) concentrar la mayor cantidad de cursos gratuitos de graduación en Artes Visuales o Artes en la modalidad presencial, y (II) por no tener programas de posgrado con maestría académica y/o doctorado en Artes Visuales. Propone como pregunta a responder: ¿existen manuales de orientación didáctica que circulan en las bibliotecas de los cursos de graduación en Artes Visuales, en las Instituciones de Enseñanza Superior de la red pública de Paraná? Analiza los datos disponibles en el sitio web de ocho bibliotecas de los ocho cursos ofrecidos en seis universidades del estado: UEL, UEM, UNESPAR, UEPG, UFPR y UNICENTRO. Entre los resultados, destaca la existencia en los registros bibliotecarios de pocos manuales de orientación didáctica y metodológica y la expresiva presencia de manuales orientados al aprendizaje de técnicas; se destaca la autoría de obras de intelectuales dedicados a la docencia y a la investigación en el campo disciplinar en el caso de los pocos manuales didácticos localizados, así como la ausencia de publicaciones más recientes. Señala preguntas finales que problematizan la organización de colecciones específicas sugiriendo nuevas preguntas para estudios futuros.

Palabras clave: manualística; enseñanza de Artes Visuales; formación de profesores; circulación de manuales escolares de Arte.

## LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 – LEGISLAÇÃO E POLÍTICA PÚBLICA PARA O ENSINO DA ARTE NA EDUCAÇÃO BÁSICA.....	26
QUADRO 2 – CONCEPÇÕES DE ENSINO PARA AS ARTES VISUAIS .....	32
QUADRO 3 – CURSOS PRESENCIAIS DE LICENCIATURA EM IES PÚBLICAS	37
QUADRO 4 – PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO APENAS COM MESTRADO ACADÊMICO .....	42
QUADRO 5 – PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO COM MESTRADO E DOUTORADO ACADÊMICO .....	42
QUADRO 6 – PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES, ARTES VISUAIS OU ARTE E CULTURA VISUAL COM LINHA DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO .....	43
QUADRO 7 – ANO DE PRODUÇÃO DAS 170 PESQUISAS NOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES, ARTES VISUAIS OU ARTE E CULTURA VISUAL .....	46
QUADRO 8 – PALAVRAS-CHAVE NO TÍTULO DAS 170 PESQUISAS NOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES, ARTES VISUAIS OU ARTE E CULTURA VISUAL .....	47
QUADRO 9 – ANO DE PRODUÇÃO DAS 30 PESQUISAS NOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO NO PARANÁ.....	50
QUADRO 10 – PALAVRAS-CHAVE NO TÍTULO DAS 30 PESQUISAS NOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO NO PARANÁ .....	50
QUADRO 11 – AS IES COM PESQUISAS SOBRE LIVRO DIDÁTICO, MATERIAL DIDÁTICO E METODOLOGIA.....	52
QUADRO 12 – ANO DE PRODUÇÃO DAS 14 PESQUISAS SOBRE LIVRO DIDÁTICO, MATERIAL DIDÁTICO E METODOLOGIA.....	52
QUADRO 13 – LISTA DE PUBLICAÇÕES SOBRE DIDÁTICA E ARTE, ARTES VISUAIS OU PLÁSTICAS.....	82
QUADRO 14 – LISTA DE PUBLICAÇÕES SOBRE METODOLOGIA E ARTE, ARTES VISUAIS.....	85
QUADRO 15 – PUBLICAÇÃO SOBRE METODOLOGIA DA PESQUISA EM ARTES PLÁSTICAS .....	90

QUADRO 16 – PUBLICAÇÃO SOBRE LIVRO DIDÁTICO E ARTE .....	92
QUADRO 17 – LISTA DE PUBLICAÇÕES CATALOGADAS COMO MANUAIS RELACIONADOS À ARTE.....	90
QUADRO 18 – QUADRO COMPARATIVO POR PALAVRA-CHAVE.....	95
QUADRO 19 – QUADRO COMPARATIVO POR ANO DA PUBLICAÇÃO OU ANO DA EDIÇÃO .....	96

## LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 – CAPA DO LIVRO ARTE E DIDÁTICA .....	82
FIGURA 2 – CAPA DO LIVRO DIDÁTICA APLICADA AO ENSINO DA ARTE .....	83
FIGURA 3 – CAPA DO LIVRO DIDÁTICA DO ENSINO DE ARTE - A LÍNGUA DO MUNDO.....	84
FIGURA 4 – CAPA DO LIVRO ARTES VISUAIS NA EDUCAÇÃO INCLUSIVA.....	86
FIGURA 5 – CAPA DO LIVRO METODOLOGIA DO ENSINO DE ARTE .....	87
FIGURA 6 – CAPA DO LIVRO METODOLOGIA DO ENSINO DE ARTE .....	88
FIGURA 7 – CAPA DO LIVRO METODOLOGIA DO ENSINO DE ARTE .....	89
FIGURA 8 – CAPA DO LIVRO CONTEÚDO, METODOLOGIA E AVALIAÇÃO DO ENSINO DE ARTES.....	89
FIGURA 9 – CAPA DO LIVRO O MEIO COMO PONTO ZERO: METODOLOGIA DA PESQUISA EM ARTES PLÁSTICAS .....	91
FIGURA 10 – CAPA DO LIVRO ARTE-EDUCAÇÃO: VIVÊNCIA, EXPERIENCIAÇÃO OU LIVRO DIDÁTICO? .....	91

## LISTA DE ABREVIATURAS OU SIGLAS

ANPAP	- Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas
FAEB	- Federação de Arte/Educadores do Brasil
FAP	- Faculdade de Artes do Paraná
FURG	- Universidade Federal do Rio Grande
IES	- Instituição de Ensino Superior
IFCE	- Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará
IFG	- Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Goiás
IFMA	- Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Maranhão
IFPR	- Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná
LDB	- Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional
NPPD	- Núcleo de Pesquisa em Publicações Didáticas
PIBID	- Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência
PNBE	- Programa Nacional Biblioteca da Escola
PNLD	- Plano Nacional do Livro e do Material Didático
PUCPR	- Pontifícia Universidade Católica do Paraná
UDESC	- Universidade do Estado de Santa Catarina
UEL	- Universidade Estadual de Londrina
UEM	- Universidade Estadual de Maringá
UEMG	- Universidade do Estado de Minas Gerais
UEPG	- Universidade Estadual de Ponta Grossa
UERGS	- Universidade Estadual do Rio Grande do Sul
UERJ	- Universidade do Estado do Rio de Janeiro
UFAM	- Universidade Federal do Amazonas
UFBA	- Universidade Federal da Bahia
UFC	- Universidade Federal do Ceará
UF	- Unidade Federativa
UFES	- Universidade Federal do Espírito Santo
UFF	- Universidade Federal Fluminense
UFG	- Universidade Federal de Goiás
UFJF	- Universidade Federal de Juiz de Fora
UFMA	- Universidade Federal do Maranhão
UFMG	- Universidade Federal de Minas Gerais

UFMS	- Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
UFOB	- Universidade Federal do Oeste da Bahia
UFPA	- Universidade Federal do Pará
UFPB	- Universidade Federal da Paraíba
UFPE	- Universidade Federal de Pernambuco
UFPEL	- Universidade Federal de Pelotas
UFPI	- Universidade Federal do Piauí
UFPR	- Universidade Federal do Paraná
UFRB	- Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
UFRGS	- Universidade Federal do Rio Grande do Sul
UFRJ	- Universidade Federal do Rio de Janeiro
UFRN	- Universidade Federal do Rio Grande do Norte
UFRR	- Universidade Federal de Roraima
UFRRJ	- Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro
UFS	- Universidade Federal do Sergipe
UFSM	- Universidade Federal de Santa Maria
UFT	- Universidade Federal de Tocantins
UFU	- Universidade Federal de Uberlândia
UnB	- Universidade de Brasília
UNEAL	- Universidade Estadual de Alagoas
UNEMAT	- Universidade do Estado de Mato Grosso
UNESP	- Universidade Estadual Paulista
UNESPAR	- Universidade Estadual do Paraná
UNICAMP	- Universidade Estadual de Campinas
UNICENTRO	- Universidade Estadual do Centro Oeste
UNIFAP	- Universidade Federal do Amapá
UNIFESP	- Universidade Federal de São Paulo
UNIFESSPA	- Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará
UNIMONTES	- Universidade Estadual de Montes Claros
UNIR	- Universidade Federal de Rondônia
UNIVASF	- Universidade Federal do Vale do São Francisco
URCA	- Universidade Regional do Cariri
USP	- Universidade de São Paulo

## SUMÁRIO

	<b>APRESENTAÇÃO.....</b>	<b>13</b>
<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>17</b>
<b>2</b>	<b>ARTES VISUAIS: OS DESAFIOS PARA FORMAR PROFESSORES E ORIENTAR SEU ENSINO .....</b>	<b>23</b>
2.1	ARTE: UMA DISCIPLINA ESCOLAR .....	26
2.2	FORMANDO PARA ENSINAR ARTES VISUAIS .....	35
2.2.1	Formação em Cursos de Licenciatura .....	36
2.2.2	Formação em nível de Pós-Graduação .....	41
2.2.3	A produção sobre temas da Educação nos Programas de Pós-Graduação em Artes ou Artes Visuais .....	45
2.2.4	Os Programas de Pós-Graduação em Educação: direcionando o olhar para o Estado do Paraná .....	49
2.2.5	Reunindo as dissertações e teses sobre livro didático, material didático e metodologia de ensino.....	51
<b>3</b>	<b>OS ESTUDOS DE MANUALÍSTICA: CONCEITUAÇÕES PARA SITUAR OS MANUAIS DESTINADOS À ORIENTAÇÃO DE PROFESSORES.....</b>	<b>60</b>
3.1	MANUALÍSTICA: UM CAMPO DE PESQUISA .....	62
3.2	CAMINHOS CONCEITUAIS: UM TRAJETO PARA DEFINIÇÃO DOS MANUAIS ESCOLARES .....	65
3.2.1.	Os livros didáticos.....	66
3.2.2	Os manuais pedagógicos e os manuais didáticos: algumas diferenciações	70
<b>4</b>	<b>MANUAIS DESTINADOS À FORMAÇÃO DE PROFESSORES: CONHECIMENTO DIDÁTICO-PEDAGÓGICO EM CIRCULAÇÃO NAS BIBLIOTECAS DOS CURSOS DE LICENCIATURA NO PARANÁ.....</b>	<b>76</b>
4.1	OS OBJETIVOS E OS PROCEDIMENTOS DE PESQUISA .....	77
4.2	RESULTADOS: MANUAIS LOCALIZADOS NAS BIBLIOTECAS DOS CURSOS DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES NO ESTADO DO PARANÁ .....	80
<b>5</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>99</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>104</b>
	<b>APÊNDICE 1 – LISTA DAS PESQUISAS SOBRE LIVRO DIDÁTICO, MATERIAL DIDÁTICO E METODOLOGIA DE ENSINO.....</b>	<b>112</b>

<b>APÊNDICE 2 – LISTA DOS 35 LIVROS LOCALIZADOS NAS BIBLIOTECAS .....</b>	<b>115</b>
-------------------------------------------------------------------------------	------------

## APRESENTAÇÃO

O ano letivo se aproximava e eu ficava ansiosa para adquirir os livros didáticos solicitados pela escola. Minha mãe sempre dizia que não podia fazer “orelhas”, amassar ou dobrar as pontas do livro, deveria proteger com um plástico e manusear com cuidado, por isso, encapar esse material era praticamente um ritual. Levei essa prática até o Ensino Médio, exceto no 3º ano, quando minha escola adotou um sistema apostilado. Naquele tempo, meus livros favoritos eram os de Língua Portuguesa e Redação, porque traziam letras de música, poesias e imagens de obras de Arte. Porém, ao final do ano me questionava por que a música não havia sido tocada, a poesia não havia sido declamada ou a obra de Arte apreciada; o livro, um material caro para quem comprava, era pouco explorado. Os mais usados pelos professores eram os de Ciências, aquelas chamadas de “Exatas”, para fazer os exercícios no próprio livro.

Ao resgatar memórias sobre as aulas de Arte, posso dizer que me lembro de poucas coisas. Não havia livro didático e o caderno em alguns anos era com espiral (Cartografia e Desenho) e, em outros, uma pasta com sacos plásticos para guardar folhas avulsas. A Geometria era um assunto muito presente, usávamos compasso, transferidor, esquadros, e só tive Arte na escola até o primeiro ano do Ensino Médio.

No Ensino Superior, minha primeira graduação foi em Desenho Industrial Programação Visual, na PUCPR. Encantei-me com o Design Gráfico e as possibilidades de criação, principalmente ilustração, tipografia e *lettering*; na época não tinha interesse pela área editorial. Faltando um semestre para a conclusão do curso, os professores de uma disciplina chamada “Prática Profissional” solicitaram um pequeno texto sobre o futuro. Ao buscar em tempos recentes essas anotações, percebi certa insatisfação com a profissão, pois escrevi “tentar vestibular na FAP (Faculdade de Artes do Paraná) licenciatura em Artes Visuais ou fazer uma pós e lecionar Artes para crianças”. A ideia de fazer uma pós na área ficou em segundo plano, pois percebi que era necessário cursar uma licenciatura para compreender os processos de ensino-aprendizagem e outros conhecimentos específicos.

Após cinco anos entrei na FAP<sup>1</sup> e no primeiro ano do curso descobri que para dar aulas de Arte no Ensino Fundamental - Anos Iniciais era necessário ter Magistério ou cursar Pedagogia, portanto, decidi me dedicar ao Ensino Fundamental – Anos Finais e Ensino Médio.

No segundo ano da licenciatura, algumas situações me aproximaram dos livros didáticos. A primeira experiência foi com os livros aprovados pelo Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD) para a disciplina de Arte, durante um curso realizado no Centro Estadual de Capacitação em Artes - Guido Viaro, localizado em Curitiba. A professora responsável pela atividade levou exemplares como objeto de curiosidade, para apresentar aos participantes um novo recurso disponível para o Ensino Médio, que começava a ser distribuído aos alunos das escolas públicas como ação do PNLD.

Naquela oportunidade, folheei os livros e me interessei pelo material, mas, ao conversar com alguns professores, verifiquei que as opiniões eram diversas: “gosto muito dessa edição por trazer interdisciplinaridade”, “o livro é ruim porque o conteúdo é todo misturado”, “o material é muito básico, prefiro pesquisar em livros de História da Arte”. A ausência de consenso sobre a qualidade dos livros didáticos e mesmo sobre sua necessidade ou função causaram-me surpresa.

A segunda situação de aproximação ocorreu quando a professora de Didática da FAP levou para a aula uma opção de livro para uso no ensino produzido em 2006 pelo Governo do Estado do Paraná por meio da Secretaria de Estado da Educação, intitulado **Arte - Ensino Médio**. Elaborado em parceria com professores da rede estadual e com participação de professores de Universidades, foi o primeiro material distribuído gratuitamente e utilizado em muitas salas de aula no Paraná, uma vez que naquele período o PNLD não incluía livros para a disciplina.

Essas experiências somaram-se à necessidade de planejar aulas para o Ensino Fundamental – Anos Finais e Ensino Médio durante minha participação no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) e no estágio obrigatório, etapa final do curso de licenciatura. Ao procurar materiais para organizar as aulas, os livros didáticos se apresentaram como uma opção, o que aumentou meu interesse por eles como fonte de pesquisa. Assim, para o Trabalho de Conclusão de

---

<sup>1</sup> Atualmente a IES é parte da Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR), formada por sete campi em seis cidades desse estado.

Curso decidi estudar os livros didáticos de Arte aprovados pelo PNLD 2015. Realizei análise de conteúdo em um capítulo de cada livro para observar as concepções sobre Arte e os possíveis encaminhamentos apontados para o ensino das Artes Visuais.

Nesse mesmo período, ainda como aluna de graduação, tive contato com o Núcleo de Pesquisas em Publicações Didáticas (NPPD) da Universidade Federal do Paraná (UFPR), ao participar de colóquios de pesquisa. Nos encontros, percebi a possibilidade de aprofundar os estudos e cursar o mestrado em um Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), intensificando o desejo de pesquisar livros didáticos de Arte e os manuais escolares destinados aos professores, em particular, aqueles produzidos para orientar os professores a ensinar Artes Visuais.

Apresentei, então, para o processo seletivo, um projeto na Linha de Pesquisa Cultura, Escola e Processos Formativos em Educação, no segundo semestre de 2019. Aprovado, a expectativa e a ansiedade eram grandes para continuar o contato com os manuais como objeto de pesquisa e também com o Núcleo no qual meu projeto estaria inserido. A intenção era ir ao encontro dos manuais destinados aos professores, aqueles livros que se propõem a orientar o ensino e, portanto, se constituem como obras de natureza didática e metodológica.

O início do ano ocorreu com uma reunião geral para acolhida dos alunos novos do PPGE, nos primeiros dias de março de 2020. Depois disso, o isolamento social, imposto pela pandemia que começava, definiu a realização de um curso no modo de ensino remoto emergencial. Aulas e sessões de orientação ocorreram apenas virtualmente, durante dois anos. O contato com os acervos físicos foi dificultado e, por isso, o projeto necessitou ser redefinido, para que se tornasse viável nas condições desse período.

Esta apresentação contribui para explicar como cheguei a esta etapa final do curso de Mestrado e para que os resultados apresentados neste texto sejam compreendidos como resultado de um processo. Apesar de submetido aos limites que todos conheceram nesse período de dois anos da pandemia, não foi impedimento para que eu avançasse nos estudos dos manuais, procurando compreender algumas de suas relações com a formação de professores. Do projeto original, permanece a intenção de continuidade analisando conteúdo e a forma dos manuais produzidos para orientar o ensino, desejo não realizado em razão do impedimento de acesso às obras, em acervos físicos.

Os resultados evidenciam as contribuições possíveis ao estudo do tema, nas condições reais em que a pesquisa foi realizada, e apontam questões para estudos futuros relacionados aos manuais escolares, em especial aqueles que, na esteira de estudos do NPPD, denomino de manuais didáticos em sentido estrito, pois são destinados à orientação didática e metodológica das disciplinas escolarizadas, como a Arte e as Artes Visuais.

## 1 INTRODUÇÃO

Os primeiros questionamentos que me levaram a essa pesquisa são referentes aos manuais escolares voltados ao professor de Arte, com o interesse de entender algumas questões: Qual o histórico da produção desses livros no Brasil? Com qual finalidade? Por editoras? Pelo Estado? Fazem parte de programas governamentais, como o Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD) ou o Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE)?

A partir dessas reflexões iniciais me propus a investigar os manuais escolares direcionados aos professores do componente curricular Arte, produzidos no Brasil após a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional<sup>2</sup> (LDB) de 1996, com a ideia de mapear e analisar um conjunto de produções para o ensino das Artes Visuais<sup>3</sup>, em especial para a discussão de aspectos da Didática, da Metodologia de Ensino e da Aprendizagem, contribuindo para a compreensão da disciplina Arte na escolarização. Porém, a proposta inicial necessitou ser ajustada devido à pandemia do COVID-19, que inviabilizou o acesso aos manuais disponibilizados em espaços físicos (como o NPPD/UFPR) e não disponíveis em acervos on-line.

Sem abandonar o interesse por estes objetos da cultura escolar, e levando em conta as especificidades do campo disciplinar, foi estruturada uma pesquisa exploratória para redefinição do foco do projeto. Fui motivada a investigar os locais onde se formam os futuros professores, na intenção de encontrar discussões sobre os manuais escolares ou os livros didáticos para o ensino das Artes Visuais. De início, localizei os programas de pós-graduação em Artes Visuais nas Instituições de Ensino Superior (IES) da rede pública com o propósito de agrupar dissertações e teses que tivessem alguma aproximação ao meu objeto de estudo, os manuais escolares, entendidos em sentido amplo. Ainda que de forma inicial, ressalto aqui o problema de conceituação deste objeto, que se revela no uso de diferentes expressões, entre as quais livro escolar, livro didático, manual didático. A busca por palavras-chave foi realizada no título das produções acadêmicas, por entender que nele, em princípio, apresenta-se o assunto principal do trabalho.

---

<sup>2</sup> Na LDB de 1996 ocorre a obrigatoriedade do componente curricular Arte na escola, uma temática que será retomada ao longo desta dissertação.

<sup>3</sup> Área de formação da autora da pesquisa.

Considerando-se o tema e as relações inicialmente pensadas, em especial as de natureza didática e metodológica, foram escolhidas as seguintes expressões para a busca: Arte e educação; Arte-educação/educador; currículo; ensino de Arte; ensino de Artes Visuais; formação de professor; livro didático; manual para professor; material didático; metodologia de ensino e prática de ensino.

O recorte temporal foi definido para produções no período de 2009 a 2020 e se justifica por dois motivos. A partir de uma busca inicial mais ampla, foram localizadas duas dissertações sobre o livro didático de Arte em 2009, período em que esse livro não fazia parte do PNLD, o que indicaria sua relevância como tema mesmo antes da inclusão da disciplina no programa. Definido então o ano de 2009 como ponto de referência, a segunda justificativa para o recorte temporal está relacionada à necessidade de estender a busca para incluir pesquisas realizadas na última década, portanto, até as mais recentes (2020), que já podem ter sido influenciadas pela presença de livros didáticos de Arte no PNLD.

O estudo exploratório produziu um volume expressivo de material produzido nos programas, com 186 pesquisas, sendo 141 dissertações e 45 teses sobre o conjunto de temas expressos nas categorias de busca. Com tais resultados obtidos na análise dos cursos de pós-graduação em Artes Visuais, abria-se um conjunto de possibilidades de análise, em especial sobre a formação inicial e continuada de professores para ensinar Artes Visuais. Qual a localização geográfica dos cursos de licenciatura e dos programas de pós-graduação em Artes Visuais? Há concentração em regiões específicas? Há escassez em outras? A IES que forma o professor para a Educação Básica possui mestrado e doutorado no campo das Artes Visuais? Os programas analisados têm linhas de pesquisa relacionadas à Educação? Se sim, onde estão os centros produtores de conhecimento sobre o tema? Se não, para onde se deslocam os futuros pesquisadores? Esse deslocamento é para programas de pós-graduação em Educação ou de Artes Visuais em outras regiões?

Tais questionamentos realizados durante o percurso da pesquisa puderam ser, em parte, elucidados pelas análises dos dados produzidos e apresentados ao longo do segundo capítulo dessa dissertação. Sem dúvida, o conjunto de perguntas formuladas permitiria abrir caminhos para várias pesquisas, inclusive com outros objetos a serem estudados. Contudo, de forma preliminar, a análise dos dados produzidos foi um instrumento para tomar decisões e fazer recortes para que o curso de mestrado fosse realizado no tempo estabelecido – dois anos – e ainda nos limites

que a pandemia impunha. Mantinha-se a intenção de produzir conhecimentos sobre os manuais escolares, porém, os resultados definiam algumas questões a serem privilegiadas.

Em especial, os estudos realizados nas disciplinas do curso explicitaram a importância de estudar os manuais escolares na sua conexão com a configuração das disciplinas escolares em sua historicidade e características próprias em cada campo de conhecimento. Com base em autores como Chervel, aperfeiçoei o entendimento de que os manuais escolares se constituem em fontes relevantes para quem deseja entender uma disciplina escolar, seus conteúdos, suas formas de ensinar e avaliar. A vulgata, segundo o autor, é divulgada pelos manuais e ao estudá-los é possível compreender as disciplinas e suas configurações como produções sócio-históricas.

Quando se trata de manuais destinados à orientação de professores, são entendidas como obras de natureza didática e metodológica, que se diferenciam dos livros didáticos de conteúdos das disciplinas, de acordo com Bufrem, Schmidt e Garcia (2006). Neste caso, o estudo desses manuais pode contribuir para a compreensão do campo de formação de professores, por evidenciarem concepções de ensino e de aprendizagem que circulam em dados momentos.

Assim, os dados do estudo de natureza exploratória assumiram maior importância e foram organizados para serem incorporados à dissertação, no sentido de uma contribuição para situar o espaço acadêmico no qual são formados professores para ensinar Arte como disciplina escolar na Educação Básica. Em especial, os dados contribuem para localizar espaços de formação de professores para ensinar Artes Visuais e se constituíram como um dos objetivos específicos da pesquisa, ao lado dos objetivos voltados aos manuais de orientação, que também podem ser entendidos como instrumentos de formação docente.

Um ponto a destacar é que ficou evidenciado que o Estado do Paraná registra o maior número de cursos de licenciatura, comparativamente com outras Unidades Federativas (UF), ao mesmo tempo em que não possui IES com programas de pós-graduação<sup>4</sup> específica na área das Artes Visuais, o que não ocorre com as outras

---

<sup>4</sup> No caso desta pesquisa estão sendo contabilizados os níveis de mestrado acadêmico e doutorado acadêmico. Em 2019, a Universidade Estadual do Paraná (UNESPAR), Campus de Curitiba II - FAP iniciou um Programa de Pós-Graduação em Artes em nível de Mestrado Profissional.

linguagens artísticas<sup>5</sup>. Essa constatação foi tomada como um ponto a ser considerado na continuidade da pesquisa, contribuindo para encaminhar as questões relacionadas aos manuais escolares.

A partir daí, a problemática estruturou-se em torno da seguinte questão orientadora: considerando-se o grande número de cursos de licenciatura no Estado, que poderia ser entendido como uma alta demanda do sistema por professores de Arte e, portanto, uma valorização da disciplina e da formação didática para seu ensino, há manuais de Didática e Metodologia de ensino das Artes Visuais que circulam nas bibliotecas dos cursos de licenciatura em Artes Visuais no Estado do Paraná?

A pesquisa foi dirigida, então, ao seu segundo objetivo específico: realizar um levantamento no site das bibliotecas dos cursos, para verificar a presença de registros de manuais de Didática específica e Metodologia do Ensino das Artes Visuais disponíveis para o empréstimo aos discentes. Dependendo dos resultados das buscas, um terceiro objetivo (que não se materializou na realização desta pesquisa) poderia ser colocado na direção de analisar ementas e programas de disciplinas de formação pedagógica, para verificar a inclusão de obras dessa natureza nas referências oficiais.

Assim, a pesquisa apresentada nesta dissertação sistematiza respostas iniciais a dois objetivos traçados, a partir dos processos da investigação exploratória realizada e dos dados que dela resultaram: a) situar o campo de formação de professores para atuar na disciplina de Arte, em licenciaturas e nos programas de pós-graduação em Artes Visuais, verificando nestes programas a existência de linhas de pesquisa relacionadas ao ensino; b) identificar indícios ou evidências da circulação de manuais de orientação aos professores nesse campo de formação.

Para evidenciar os diálogos que sustentaram a produção da pesquisa, no Capítulo 2 analiso elementos constitutivos do ensino das Artes Visuais a partir de duas perspectivas: (I) a Arte como disciplina e (II) a formação de professores para ensinar Arte. Busquei apoio em autores que analisam o processo de escolarização, especialmente quanto aos conceitos de disciplina escolar (CHERVEL, 1990; FORQUIN, 1992) e de forma escolar (VINCENT; LAHIRE; THIN, 2001). No caso do

---

<sup>5</sup> No texto será utilizada a expressão linguagens artísticas. Contudo, em diferentes documentos de orientação curricular aparecem outras expressões como unidade temática e eixos.

ensino da Arte e a formação dos professores, recorri a Schlichta (2015), Teuber (2016) e Vasconcellos (2015).

Nesse capítulo são incluídos, por meio de quadros, os resultados da investigação realizada para atender ao primeiro objetivo, voltado a situar o campo de formação de professores de Artes Visuais em instituições públicas brasileiras. Além dos cursos de licenciatura que têm essa finalidade explícita, também foram analisados os programas de pós-graduação, verificando as linhas de pesquisa que estão voltadas à educação nas quais poderiam ser encontradas conexões com os recursos e materiais didáticos e, portanto, mesmo que de forma implícita, com os manuais escolares.

O Capítulo 3 foi dedicado aos manuais escolares, apresentando algumas distinções, classificações e funções desse artefato cultural a partir de autores como Choppin (2004) e Escolano (2006). Procurei articular o conteúdo do capítulo com base no consenso entre os autores de que os manuais são uma permanência na cultura escolar. Eles estão estreitamente ligados à cultura profissional dos professores, seja como suporte para planejamento das aulas, seja como um recurso usado no trabalho com os alunos. Entre os manuais escolares, destacam-se os manuais que se destinam aos professores, cuja finalidade é orientar o trabalho docente, e que circulam no país, em especial desde o início da República.

Assim se encaminha o texto para o Capítulo 4, no qual se apresenta um mapeamento dos manuais de Didática específica e Metodologia do Ensino, disponibilizados nas bibliotecas das seis Universidades públicas do Estado do Paraná que ofertam cursos de licenciatura em Artes Visuais. Nesse contexto, os manuais são entendidos de forma privilegiada como objeto da cultura escolar e como uma fonte de pesquisa no campo da *manualística* (ESCOLANO, 2004), o qual agrupa estudos em torno da história dos modos de elaboração, produção e uso dos livros escolares.

Dominique Julia (2001) explica que, do ponto de vista da História da Educação, “pode-se tentar reconstituir, indiretamente, as práticas escolares a partir das normas ditadas nos programas oficiais ou nos artigos das revistas pedagógicas” (JULIA, 2001, p. 17). Também os manuais de orientação aos professores permitem essa reconstituição e, ao dialogar com outras fontes empíricas, é possível levantar explicações plausíveis sobre práticas de ensino consideradas necessárias, adequadas e desejáveis em determinado momento histórico. Permitem, ainda, compreender permanências e mudanças que se expressam nos modos de ensinar

atualmente propostos. O resultado do levantamento realizado nas instituições que formam professores para ensinar Artes Visuais pode apresentar um indicativo do Ensino, da Metodologia ou da Didática específica que circulam nas universidades e apontar novos debates sobre relações entre os processos formativos, os manuais escolares e a presença de determinadas concepções ou práticas difundidas na escola.

Certamente, não se considera que haja um processo mecânico de transmissão de conhecimentos de Didática ou Metodologia utilizados em aula. Mas este mapeamento pode sugerir elementos conceituais e metodológicos valorizados academicamente e postos em circulação pelos manuais, demandando novas questões e estudos para fazer algum grau de aproximação com apropriações feitas pelos professores e professoras que ensinam Artes Visuais nas escolas.

O caminho trilhado nessa dissertação acompanha as pesquisas que vêm sendo realizadas no NPPD/UFPR, que privilegiam estudos que se estendem a todas as disciplinas escolares. Considerando-se a diversidade de formas de definir esse objeto da cultura escolar, os trabalhos têm buscado explorar possibilidades de categorização que foram utilizadas nesta dissertação para conceituar os manuais escolares como todos aqueles livros produzidos especialmente para o trabalho escolar, no ensino. Nesse conjunto estão os livros didáticos, usados por alunos, os manuais pedagógicos, destinados à formação de professores, e assim denominados por Silva (2005) e, entre estes, os manuais didáticos que ensinam o professor a ensinar, como sugerido por Bufrem, Schmidt e Garcia (2006).

Estes últimos estiveram presentes na produção desta dissertação como foco de interesse, ainda que os limites impostos pela pandemia tivessem impedido a análise dos manuais que fazem parte do acervo físico do NPPD/UFPR, que esteve fechado durante os dois anos do curso de Mestrado. As considerações finais apontam os avanços possíveis na pesquisa e a expectativa de retomar a atenção a esse objeto na continuidade dos estudos, desenvolvendo análises dos manuais identificados.

## **2 ARTES VISUAIS: OS DESAFIOS PARA FORMAR PROFESSORES E ORIENTAR SEU ENSINO**

A finalidade deste capítulo inicial é estabelecer a problemática de pesquisa que se dirige aos manuais escolares, na interligação de duas dimensões relacionadas ao ensino das Artes Visuais no Brasil: a Arte como disciplina escolar e a formação de professores para ensinar esta disciplina. Entende-se que estas dimensões permitem situar os manuais escolares específicos como elementos da cultura profissional dos professores (ESCOLANO, 2009) e, dessa forma, justificar e sustentar a construção da problemática.

O campo acadêmico da manualística, fortalecido nas duas últimas décadas, contribuiu para que os estudos sobre manuais escolares fossem objeto de atenção quanto à sua complexidade. Em especial, autores como Escolano (2006) e Viñao Frago (2008) mostraram as relações que sustentam a presença desse objeto nas culturas escolares. Assim, as pesquisas sobre o tema se desenvolveram na direção da construção das problemáticas a partir dessas relações, escolhendo focos a serem privilegiados, ainda que sem ignorar outras relações que poderiam ser consideradas.

Assim, buscou-se definir os elementos que constituem o processo de escolarização e a concepção de forma escolar para entender como se estabeleceu a disciplinarização da Arte no Brasil. Um indicativo são as políticas públicas educacionais, principalmente a partir da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional de 1996, que contou com a participação e a pressão de professores e associações artísticas para incluir a Arte, como disciplina obrigatória, no currículo escolar. A condição de obrigatoriedade de seu ensino na Educação Básica estabelece algumas inquietações, por exemplo, quanto à formação inicial e continuada dos professores formados em Artes Visuais para lecionar Arte na escola.

Os modelos de organização pedagógica e didática da escola (o tempo, as disciplinas, a fila, o uniforme, etc.) fazem parte da escolarização. No embate entre o campo escolar e o campo social constituiu-se determinada forma escolar, entendida conceitualmente como uma unidade, inconsciente, de característica histórica, manifestada a partir de uma sociedade, uma época e outras transformações, que tem como marca um espaço e um tempo específicos (VINCENT; LAHIRE; THIN, 2001).

Segundo esses autores, na França, entre os séculos XVII e XVIII, o saber antes transmitido nas práticas sociais torna-se autônomo e aparece uma nova forma

de relação social denominada relação pedagógica, que ocorre entre o professor e o aluno em um lugar específico (a escola) e em um tempo específico (o escolar). Os autores mencionam que “a invenção da forma escolar se realiza na produção das ‘disciplinas’ escolares” (VINCENT; LAHIRE; THIN, 2001, p. 15) e observa-se a escola como espaço específico de acumulação da cultura por meio da escrita, da criação de materiais pedagógicos, da sistematização do ensino, e da aprendizagem de formas do exercício de poder.

A escola, enquanto instituição que se ocupa de transmitir parte da cultura de uma sociedade às novas gerações, sistematiza o conhecimento (adaptando um saber científico para um saber escolar), justifica as atividades atribuídas à disciplina e mensura o efeito da aprendizagem dos alunos por meio da avaliação (CHERVEL, 1990). Esse processo de disciplinarização dos conhecimentos ocorre de forma situada, ou seja, é histórico, e acontece de forma diferenciada na história de cada disciplina escolar.

Jean-Claude Forquin (1992, p. 37) questiona se compartimentar o saber escolar é fruto das “necessidades epistemológicas e didáticas ou se ela resulta de motivações sociais”. O autor estabelece relações da disciplinarização com a formação específica dos docentes e a delimitação de territórios e de espaços de poder por meio do currículo. Assim, a organização de uma disciplina implica a configuração de um campo escolar e de um campo social (FORQUIN, 1992).

Ao aceitar o pensamento do autor, uma questão se coloca para docentes, especialistas e interessados no tema específico: seria possível dizer que o campo de conhecimento da Arte foi compartimentado e o conhecimento escolar, no caso brasileiro, foi subdividido em linguagens artísticas, diante de necessidades didáticas ou motivações sociais? Ainda que não seja objetivo da dissertação trazer uma resposta a esta questão, é preciso registrar que ela guarda relações com a formação de professores para ensinar Artes Visuais e também com a produção de livros para o ensino da disciplina, como se verificará ao longo do texto.

O ensino da Arte<sup>6</sup>, no Brasil, foi organizado inicialmente para o Ensino Superior com a justificativa desta etapa da educação ser “fonte de formação e renovação do sistema de ensino” (BARBOSA, 2012, p. 15). Então, criou-se no século

---

<sup>6</sup> A intenção não é fazer uma descrição histórica, apenas situar o leitor em relação a alguns acontecimentos relacionados ao ensino da Arte, que antecederam a LDB de 1996.

XIX a Academia Imperial de Belas-Artes<sup>7</sup>. A metodologia desta Escola influenciou o ensino da Arte nos níveis primário e secundário do início do século XX, assim como “os processos resultantes do impacto do encontro efetivo entre as artes e a indústria e o processo de cientificação da Arte” (BARBOSA, 2012, p. 32).

Nesse período, o ensino da Arte se resumia ao ensino do Desenho. Uma contribuição teórica sobre essa temática é a tese de Gláucia Trinchão (2008) intitulada **O desenho como objeto de ensino: história de uma disciplina a partir dos Livros Didáticos Luso-Brasileiros Oitocentistas**, pesquisa na qual busca identificar as raízes históricas do conhecimento didático em Desenho nas escolas públicas luso-brasileiras analisando manuais franceses, portugueses e brasileiros.

Algumas das influências que antecedem o ensino obrigatório da Arte no currículo escolar brasileiro são elencadas por Nayanne Silva (2019) no artigo “Ensino de Arte e disciplinarização da Educação Artística na Educação brasileira”: Walter Smith e o ensino do Desenho Industrial; John Dewey e a experiência estética e a livre expressão; e as Escolinhas de Arte do Brasil. Cada uma delas deixou marcas nas formas como a disciplina se configurou, o que significa sua presença nos conteúdos, nos modos de ensinar e avaliar, nos materiais que são utilizados por professores e alunos e também na formação de professores.

O capítulo, portanto, busca focalizar essas questões, privilegiando em três seções os elementos que contribuem para situar a problemática da pesquisa.

---

<sup>7</sup> Em 1816 fundou-se a Escola Real de Ciências, Artes e Ofícios, renomeada para Academia Imperial de Belas-Artes em 1926. O fato é que “não só o nome havia sido trocado, mas principalmente sua perspectiva de atuação educacional, tornando-se o lugar de convergência de uma elite cultural que se formava no país para movimentar a corte, dificultando, assim, o acesso das camadas populares à produção artística” (BARBOSA, 2019, p. 30).

## 2.1 ARTE: UMA DISCIPLINA ESCOLAR

Ao conhecer os espaços ou dimensões em que o ensino de uma disciplina se sustenta e se realiza, deve-se reconhecer a possibilidade da existência de concordâncias e descompassos entre o programa oficial e a sua realização na vida da escola. Não se trata de uma via de mão única, já que a escola não apenas se subordina a determinações externas, mas também é produtora de cultura. De acordo com André Chervel (1990),

Se é verdade que a sociedade impõe à escola suas finalidades, estando a cargo dessa última buscar naquela apoio para criar suas próprias disciplinas, há toda razão em se pensar que é ao redor dessas finalidades que se elaboram as políticas educacionais, os programas e os planos de estudo, e que se realizam a construção e a transformação históricas da escola (CHERVEL, 1990, p. 219).

Portanto, uma primeira exigência para se analisar uma disciplina escolar é tomar como ponto de partida os dispositivos legais que guiam sua existência, embora admitidas as distâncias entre normas e sua realização na vida escolar. Para isso, observam-se as legislações referentes ao ensino da Arte na Educação Básica brasileira a partir da primeira Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei nº 4.024/61), apresentadas no Quadro 1 e evidenciando uma sequência cronológica de ações governamentais<sup>8</sup> que potencializam alguns diálogos.

QUADRO 1 – LEGISLAÇÃO E POLÍTICA PÚBLICA PARA O ENSINO DA ARTE NA EDUCAÇÃO BÁSICA (continua)

Ano	Legislação e Política Pública	Descrição
1961	Lei nº 4.024/61	Técnicas de artes aplicadas: Ensino Primário Atividades complementares de iniciação artística: Ensino Médio
1971	Lei nº 5.692/71	Educação Artística como atividade educativa
1996	Lei nº 9.394/96	Componente curricular Arte
1997	Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN)	Arte - 1ª à 4ª série
1998	Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN)	Arte - 5ª à 8ª série

<sup>8</sup> As Leis nº 10.639/03 (ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira) e 11.645/08 (ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira e Indígena) não foram incluídas no quadro por se tratarem de leis referentes ao conteúdo de ensino. Mas é importante citá-las, pois entende-se que influenciaram tanto o currículo e os cursos de formação para professores quanto o conteúdo dos livros didáticos, por serem temas exigidos no edital do PNLD para a Arte e outras disciplinas.

QUADRO 1 – LEGISLAÇÃO E POLÍTICA PÚBLICA PARA O ENSINO DA ARTE NA EDUCAÇÃO BÁSICA (conclusão)

2000	Parâmetros Curriculares Nacionais Ensino Médio (PCNEM)	Arte - Ensino Médio
2008	Lei nº 11.769/08	Música como conteúdo obrigatório, mas não exclusivo.
2013	Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN)	Educação Básica
2015	Programa Nacional do Livro Didático (PNLD)	Livro didático de Arte: Ensino Médio
2016	Lei nº 13.278/16	Linguagens que constituem o componente curricular Arte: Artes Visuais, Dança, Música e Teatro
	Programa Nacional do Livro Didático (PNLD)	Livro didático de Arte: Ensino Fundamental - Anos Iniciais (4º e 5º anos)
2017	Base Nacional Comum Curricular (BNCC)	Educação Básica Unidades temáticas que constituem o componente curricular: Artes Visuais, Dança, Música, Teatro e Artes Integradas
	Lei nº 13.415/17	Reforma do Ensino Médio
	Programa Nacional do Livro e do Material Didático (PNLD)	Livro didático de Arte: Ensino Fundamental - Anos Finais (6ª ao 9º ano)

FONTE: A autora (2021), com base em fontes disponíveis nos sites do MEC e do FNDE.

Na LDB de 1961, “a ideia de introduzir arte na escola comum de maneira mais extensiva não frutificou” (BARBOSA, 2019, p. 43). Constavam na lei, apenas, técnicas de artes aplicadas ao Ensino Primário e atividades complementares artísticas para o Ensino Médio.

Após 10 anos, em um cenário de Ditadura Civil-Militar (1964-1985), a reforma da LDB por meio da Lei nº 5.692/71 incluiu a Arte com a denominação de Educação Artística. Sobre esse período, no qual era considerada uma atividade educativa e não uma disciplina escolar, Barbosa (1989) relata algumas características decorrentes dessa forma de inserção da Arte nos currículos formais:

O sistema educacional não exige notas em artes porque arte-educação é concebida como atividade, mas não como uma disciplina de acordo com interpretações da lei educacional 5.692. Algumas escolas exigem notas a fim de colocar artes num mesmo nível de importância com outras disciplinas; nestes casos, o professor deixa as crianças se auto-avaliarem ou as avalia a partir do interesse, do bom comportamento e da dedicação ao trabalho (BARBOSA, 1989, p. 172).

Para habilitar professores ao ensino da então chamada Educação Artística, as faculdades “criadas na época especialmente para cobrir o mercado aberto pela lei, não estavam instrumentadas para a formação mais sólida do professor” (BRASIL, 1998, p. 27). Organizados na forma de licenciaturas curtas, os cursos de formação não aprofundavam os conteúdos específicos<sup>9</sup>.

Na década de 1980 tem início a criação de associações, como a Federação de Arte-Educadores do Brasil (FAEB) e a Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas (ANPAP), com a participação dos professores e “reflexões sobre a área, aliados aos programas de pesquisas de cursos de Pós-Graduação, o que faz surgir novas concepções e metodologias para o ensino e aprendizagem de arte nas escolas” (BRASIL, 1998, p. 28). Deve-se situar que neste movimento, na direção da redemocratização e abertura política, muitos estados e municípios brasileiros fizeram propostas de currículo que problematizaram as concepções trazidas pela Lei nº 5.692.

Em 1996, com uma nova LDB – Lei nº 9.394/96 –, a Educação Artística teve sua nomenclatura alterada para Arte e passou a ser reconhecida como uma disciplina curricular obrigatória na Educação Básica. No texto **A política educacional brasileira e o ensino das Artes na Educação Básica**, João Cardoso (2019) descreve a sucessão de acontecimentos e os projetos para a inclusão da Arte como disciplina obrigatória nessa LDB.

Nos anos seguintes, 1997 e 1998 – como parte das reformas da década –, em decorrência da Conferência Mundial de Educação para Todos, realizada em Jomtien (Tailândia) por convocação de organismos internacionais, e da elaboração no Brasil do Plano Decenal de Educação para Todos (1993-2003), documentos oficiais como os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) apresentaram orientações que merecem atenção no que diz respeito à disciplina Arte. Destaca-se, entre outras orientações, que “a critério das escolas e respectivos professores, sugere-se que os projetos curriculares se preocupem em variar as formas artísticas propostas ao longo da escolaridade, quando serão trabalhadas Artes Visuais, Dança, Música e Teatro” (BRASIL, 1998, p. 62-63).

---

<sup>9</sup> Após o curso de licenciatura curta “o professor poderia continuar seus estudos em direção à licenciatura plena, com habilitação específica em artes plásticas, desenho, artes cênicas ou música. Educação Artística foi a nomenclatura que passou a designar o ensino polivalente de artes plásticas, música e teatro” (BARBOSA, 2019, p. 44). Portanto, o professor habilitado para uma linguagem artística atuava no espaço escolar efetivamente em todas elas.

O documento curricular se refere às escolhas que a escola poderá fazer em sua organização interna, possivelmente pela questão da formação especializada dos professores em uma das linguagens. Esta problemática já ocorria anteriormente e continuou gerando dificuldades para atender ao conjunto das linguagens que devem ser contempladas nas aulas. Contudo, para suprir a ausência de alguma das linguagens artísticas, o PCN - Arte recomenda os projetos interdisciplinares:

É necessário que a escola planeje para cada modalidade artística no mínimo duas aulas semanais e que a área de Arte esteja presente em todos os níveis de ensino. Para tanto, sugere-se que, por exemplo, se Artes Visuais e Teatro forem eleitos respectivamente em duas das séries de um ciclo, as demais formas de arte poderão ser abordadas por meios de projetos interdisciplinares, com visitas a espetáculos, apresentações ou apreciação de produções em vídeos, pôsteres, etc. A mesma escola trabalhará com Dança e Música nas demais séries, invertendo a opção pelos projetos interdisciplinares (BRASIL, 1998, p. 47).

Apesar de serem orientações curriculares e não terem força de determinação legal, os documentos em questão aceitam e reforçam a prática da polivalência no ensino da disciplina. Portanto, em função dos recursos disponibilizados e das condições reais de funcionamento, a organização da escola pública brasileira, em geral, se faz a partir da presença de professores de Arte responsáveis pelo desenvolvimento de todas as linguagens artísticas. Tal situação está presente no documento curricular da década de 1990, que não encontrou outra solução para a maneira como o ensino da Arte pode tratar das quatro linguagens sem ter na escola um professor especializado em cada uma delas.

Destaca-se aqui a avaliação de Barbosa sobre os Parâmetros Curriculares Nacionais, uma especialista que havia sido referência central para as discussões curriculares no período de redemocratização:

Os PCNs brasileiros, estabelecidos por um educador espanhol, des-historicizam nossa experiência educacional para se apresentarem como novidade e receita para a salvação da Educação Nacional. A nomenclatura dos componentes da Aprendizagem Triangular designados como Fazer Arte (ou Produção), Leitura da Obra de Arte e Contextualização foi trocada para Produção, Apreciação e Reflexão (da 1ª à 4ª séries) ou Produção, Apreciação e Contextualização (5ª à 8ª séries). Infelizmente os PCNs não surtiram efeito e a prova é que o próprio Ministério de Educação editou uma série designada Parâmetros em Ação, que é uma espécie de cartilha para o uso dos PCNs, determinando a imagem a ser “apreciada” e até o número de minutos para observação da imagem, além do diálogo a ser seguido. Em 2015, os Parâmetros Curriculares foram retirados do site do Ministério da Educação. Não houve pesquisas que comprovassem sua eficácia e já foram descartados (BARBOSA, 2019, p. 47-48).

Participante dos diálogos sobre a disciplina na organização do Currículo Básico na Rede Municipal de Ensino de Curitiba no final da década de 1980 e também na proposta de reformulação curricular do Estado do Paraná no início da década de 1990, Consuelo Schlichta (2015, p. 3003) afirma que o que se apresenta no documento PCN - Arte são “orientações, muitas vezes tratadas como sugestões e que, no entanto, são assumidas como normas”. Uma crítica da autora em relação a esse documento refere-se à problemática estar restrita ao professor e não ao sistema e às políticas públicas educacionais.

O pior é que não nos damos [conta] de que há sim uma séria indefinição que se deve denunciar: a histórica prática de um professor, embora licenciado em uma área da arte apenas, trabalhar as quatro linguagens. O argumento de que o espaço indefinido da arte na escola é o pivô dos problemas ou que está na consciência do professor a solução de todos os males, simplesmente oculta que o sistema capitalista, que tudo subordina a obtenção de lucro, conta com governos brasileiros, que se submetem às demandas capitalistas, reduzindo a conta-gotas os recursos para as políticas públicas, em especial à educação pública (SCHLICHTA, 2015, p. 3003).

Mauren Teuber (2016), em sua tese de doutorado, enfatiza os aspectos hierárquicos que contribuem para a manutenção da polivalência no ensino da Arte. Refere-se a uma imposição realizada por instâncias governamentais à gestão escolar, e a solicitação desta perante o professor que “deve se responsabilizar pelo ensino das demais linguagens artísticas, mesmo que isso se traduza inevitavelmente na simplificação e na inadequação dos conhecimentos artísticos apresentados aos alunos” (TEUBER, 2016, p. 28).

Ainda sobre as legislações e políticas públicas para o ensino da Arte na Educação Básica, deve-se destacar a produção de livros didáticos de Arte, por meio do PNLD, para o Ensino Médio (2015), Ensino Fundamental - Anos Iniciais (2016) e Ensino Fundamental - Anos Finais (2017).

Se a legislação de 1996 afirma a obrigatoriedade da Arte na escola e em 2016 (Lei nº 13.278/16) se caracteriza legalmente o ensino de suas quatro linguagens, como foi entendido o ensino de Arte nesse intervalo de 20 anos? O que mudou a partir das especificidades artísticas? Qual tem sido a produção científica sobre o ensino das Artes Visuais no Brasil? Ainda que sem a intenção de formular respostas definitivas, algumas considerações são apresentadas ao longo do texto com base nos referenciais teóricos e também a partir dos dados empíricos produzidos na pesquisa.

Mesmo após se estabelecer como componente curricular, o ensino da disciplina ainda tem sido um campo de debates e lutas. Destacam-se, por exemplo, as alterações na Base Nacional Comum Curricular (BNCC) e a reforma do Ensino Médio (Lei nº 13.415/17), que resultaram, no caso do Estado do Paraná, na Instrução Normativa Conjunta nº 011/2020, a qual estabelece na matriz curricular da rede pública estadual a diminuição da carga horária das disciplinas Arte, Filosofia e Sociologia no Ensino Médio, para a inclusão da Educação Financeira. As reformas atuais, portanto, novamente colocam em questão o valor e o significado da Arte como disciplina escolar ao reduzir a sua carga horária.

Ao lado das questões relacionadas às normatizações, e a elas interligadas, pode-se também perguntar: que concepções de ensino de Artes têm marcado os debates, as pesquisas e as produções curriculares, bem como materiais didáticos e livros escolares?

Na escola, com base nas concepções que organizaram o ensino da disciplina nas últimas décadas, o ensino específico das Artes Visuais foi marcado pela Abordagem Triangular de Ana Mae Barbosa, com a proposta de integrar o fazer artístico, a leitura da obra de arte e a contextualização histórica. Porém, “sua incorporação de modo aligeirado por boa parcela de educadores em Arte” (SCHLICHTA, 2009, p. 21) tem provocado distorções. A abordagem trabalhada de forma equivocada por meio da releitura das obras de Arte acabou sendo entendida como uma atividade de cópia, ou seja, de reprodução de obras, estilos e técnicas artísticas.

Os estudos sobre a disciplina têm evidenciado a existência de diferentes concepções que podem orientar seu ensino. Assim, apresentam-se brevemente algumas concepções contemporâneas para o ensino das Artes Visuais, que desdobram possibilidades aos professores e potencializam pesquisas sobre o assunto. Para isso, optou-se por tomar como referência as abordagens na forma como apresentadas pela Profa. Dra. Sonia Tramuja Vasconcellos, docente na UNESPAR Campus de Curitiba II - FAP, onde ministra a disciplina Fundamentos do Ensino das Artes Visuais no curso de Licenciatura em Artes Visuais.

Em 2017, a pesquisadora orientou um Trabalho de Conclusão de Curso sob o título **Abordagens contemporâneas para o ensino das Artes Visuais e o Prêmio Arte na Escola Cidadã**, de Viviane Moraes, no qual são apresentadas a Abordagem

Triangular, os Projetos de Trabalhos, a Cultura Visual, a Educação Estética, a Interculturalidade, o Enfoque Rizomático e a A/R/Tografia.

Tendo como referência esse trabalho, foi elaborado o Quadro 2, que permite situar as concepções, suas características e alguns autores que colaboram para a sustentação teórica e metodológica de cada proposta.

QUADRO 2 – CONCEPÇÕES DE ENSINO PARA AS ARTES VISUAIS

Concepção	Característica	Autores
Abordagem Triangular	Integra o fazer artístico, a leitura da obra de arte e a contextualização artística.	Ana Mae Barbosa
Projetos de Trabalhos	Formação crítica do aluno, a partir de temáticas propostas coletivamente e que se aproximam da realidade dos estudantes.	Fernando Hernández Montserrat Ventura
Cultura Visual	Trabalha o contexto cultural da imagem e o pensamento crítico sobre a visualidade.	Fernando Hernández
Educação Estética	- Estágios de apreciação estética: favoritismo, beleza e realismo, expressão, estilo e forma, e autonomia. - Observadores: narrativos, construtivos, classificadores, interpretativos e recreativos.	Michael Parsons Abigail Housen
Interculturalidade	Apresenta a diversidade cultural relacionada ao multicultural: contribuições culturais, enfoque aditivo, infusão, transformação e ação social.	Rachel Mason Patrícia Barbanell Ivone Richter
Enfoque Rizomático	Construção de pensamento que estimula a conexão, a heterogeneidade, a multiplicidade, a ruptura de hierarquização e a cartografia.	Gilles Deleuze Mirian Celeste Martins
A/R/Tografia	Relação entre ser um professor/artista/pesquisador	Rita Irwin

FONTE: A autora (2021), a partir do Trabalho de Conclusão de Curso de Viviane de Moraes (2017).

Observa-se que a abordagem triangular, a educação estética e a cultura visual enfatizam a utilização das imagens (obras de arte, publicidade, cotidiano...) para o desenvolvimento dos conteúdos da aula. Ainda que apresentadas de forma breve, toma-se essa diversidade de abordagens para afirmar que o ensino supõe a ação de um professor que compreenda as diferentes concepções e as possibilidades que cada uma oferece para o desenvolvimento do trabalho didático.

Assim, entre as determinações legais e as contribuições que derivam da produção do conhecimento científico no campo disciplinar específico, os professores necessitam fazer escolhas que respondam também às condições em que seu trabalho se realiza. Das normas à vida escolar ocorrem numerosas mediações e apropriações que afetam os resultados do ensino. Destaca-se no caso da disciplina de Arte a problemática decorrente da formação especializada frente à docência polivalente.

Diante dessas considerações, a partir das determinações legais e admitindo que elas não se transferem mecanicamente para a vida escolar, é preciso aproximar o olhar em relação à escola, em uma determinada perspectiva que permita ao pesquisador estabelecer relações com outros artefatos materiais. Para isso, buscou-se suporte no texto de Antonio Viñao Frago (2008), que seleciona os elementos que constituem a cultura escolar. As contribuições do autor indicam a possibilidade e a relevância de conhecer elementos de uma determinada cultura escolar, entre eles: o local, o espaço, o tempo; os recursos; os materiais didático-pedagógicos; e a produção audiovisual.

Os elementos sugeridos por Viñao Frago originaram algumas perguntas específicas que se relacionam à organização da disciplina Arte na linguagem de Artes Visuais. Elas contribuíram para situar e problematizar as condições em que a disciplina se realiza no espaço escolar, em particular no caso brasileiro, que interessa especialmente nesta dissertação.

- I. Local, espaço e tempo: é relevante pensar na escola como um lugar em que ocorrem as experiências com a disciplina Arte (linguagem Artes Visuais), na relação com seu entorno. É pública ou privada? Onde está situada? Qual o nível de ensino ofertado nela? No ambiente escolar existe uma sala específica para as aulas de Arte? Se sim, como é esse espaço, suas características físicas e de iluminação? Como é a distribuição das mesas e cadeiras? Essas mesas comportam o uso de diferentes tipos e tamanhos de material? Há algum(a) espaço/parede para expor os trabalhos feitos pelas turmas? Ou a aula de Arte é realizada na mesma sala das outras disciplinas? Que outras questões devem ser consideradas? Quantas aulas são ministradas para cada turma por semana? Qual a duração de cada aula? Há preferência por aulas duplas/geminadas? A aula é no início, no meio ou no fim do período de

um dia escolar? Como é distribuído o tempo das aulas? Como são os ritmos de desenvolvimento das atividades? Como se faz o controle do tempo de criação/produção, essencial no processo artístico?

- II. Recursos: Quais os recursos humanos e materiais disponibilizados pela escola? Que professores ministram a disciplina? Qual a sua formação? A sala tem outros mobiliários, por exemplo, armários para guardar os materiais ou estantes para armazenar as atividades dos alunos? Há recursos para a realização de visitas de estudo, para deslocamento dos alunos para outros espaços culturais (museus, centros históricos...)? Há recursos financeiros para a aquisição de materiais específicos ou pagamento de serviços ou atividades complementares?
- III. Material didático-pedagógico: Quais são os materiais disponíveis para o ensino da Arte? Há livros? O livro didático de Arte disponível na escola, distribuído pelo PNLD, foi o mesmo escolhido pelo professor? Os alunos têm acesso aos livros ou eles ficam guardados na biblioteca? Esse livro apresenta as quatro linguagens para o ensino da Arte – no caso, Artes Visuais, Dança, Música e Teatro? Há manuais de orientação aos professores, que apresentam conteúdos de Didática e Metodologia do Ensino? O professor utiliza materiais educativos de museus ou pranchas (impresso em papel com gramatura maior, proporcionando resistência e durabilidade ao material) com imagens de obras de Arte?
- IV. Produção audiovisual: Utiliza-se ou se produz algum audiovisual? Que função eles têm nas aulas de Arte? Há acesso a materiais, como os disponibilizados pelo programa Instituto Arte na Escola? Atualizando as possibilidades oferecidas pelas tecnologias de informação e comunicação, vídeos disponíveis na rede são utilizados?

Considerando esse conjunto de elementos que constituem a materialidade da escola e dos processos de ensino e de aprendizagem, podem ser verificadas as possibilidades, mas também as dificuldades que envolvem a presença e o trabalho da Arte na escola. São conhecidas as carências e dificuldades, por meio de pesquisas e

relatos de educadores, como a falta de local adequado, de materiais diversificados, da presença de um professor por linguagem, e até mesmo a hierarquia frente a outras disciplinas, que minimiza o papel da Arte no currículo e na vida escolar.

A partir das perguntas formuladas e de algumas respostas já conhecidas e reconhecidas, cabe também perguntar: a Arte na Educação Básica está pensada para democratizar o ensino ou para manter as distinções sociais e culturais? Aqui se relembra, a partir de Forquin (1992), que as seleções culturais quanto ao que deve ser ensinado na escola não são neutras. Incluir, esquecer ou diminuir o valor de determinados conhecimentos é uma opção das sociedades ou de determinados grupos sociais, evidenciando as relações de poder na configuração dos currículos.

Por outro lado, segundo Chervel (1990, p. 195), “nada permite afirmar que um súbito melhoramento dos locais, do mobiliário e do material teria modificado substancialmente e duravelmente as normas e as práticas do ensino”, mas é preciso colocar essa temática em discussão. Ao tratar do espaço e do tempo, enfatiza-se que ambos não são estruturas neutras, portanto, a distribuição e o uso destes elementos constituem formas diferenciadas de ensino e aprendizagem (VIÑAO FRAGO, 2000) deliberadamente estabelecidas. De certo modo, condicionam o ensino das disciplinas, pois permitem, impedem ou limitam a realização de algumas atividades.

Desse conjunto de elementos destacados, um é fundamental e tem centralidade no objeto desta pesquisa: quem ensina Artes Visuais para crianças e jovens brasileiros?

## 2.2 FORMANDO PARA ENSINAR ARTES VISUAIS

As considerações apresentadas sobre a disciplina Arte na escola brasileira definem a necessidade e o interesse de analisar questões sobre a formação dos professores com enfoque na formação inicial (curso de Licenciatura em Artes Visuais ou similares) e na formação continuada (Programas de Pós-Graduação em Artes Visuais ou similares). Embora se reconheça que há outras formas de desenvolvimento profissional docente (ANDRÉ, 2010), a opção foi restringir às duas situações formais em que os professores são preparados e habilitados para exercer o ensino da disciplina, dados os limites de tempo para a realização da pesquisa, agravados pela situação de trabalho remoto. Mesmo que as outras formas sugeridas por André não

sejam tratadas neste trabalho, podem oportunizar outros diálogos e deverão ser consideradas em futuros aprofundamentos da questão.

### 2.2.1 Formação em Cursos de Licenciatura

A base de dados utilizada para o levantamento das informações foi a plataforma do e-MEC<sup>10</sup> (BRASIL, 2021), com o objetivo de buscar as IES que ofertam na rede pública de ensino cursos de Licenciatura em Artes Visuais ou com denominações similares.

Neste estudo de revisão, elaborado em junho de 2021, a consulta no e-MEC foi realizada por curso de graduação em cada uma das 27 Unidades Federativas. Para o procedimento de busca, foram selecionados os seguintes filtros: (I) gratuidade do curso, (II) modalidade presencial ou a distância, (III) grau de licenciatura, e (IV) situação ativa.

No total foram encontradas 53 IES, entre administração federal<sup>11</sup> (37) e estadual (16). Das informações obtidas, podem ser destacados alguns pontos:

- do total de IES, três ofertavam apenas a modalidade a distância (UNEMAT, UECE e UFRPE), portanto, foram localizadas 50 IES ofertando 58 cursos presenciais;
- observou-se a ausência dessa modalidade em alguns estados;
- foram identificadas diferentes denominações para designar o curso na área.

Sem desconsiderar a importância da oferta na modalidade a distância, optou-se por organizar os resultados (Quadro 3) apenas na modalidade presencial, distribuídas por região do Brasil, IES e nome do curso.

---

<sup>10</sup> O e-MEC é a base oficial dos cursos e IES, regulamentado pela portaria Normativa nº 21 de 2017.

<sup>11</sup> Os Institutos Federais estão presentes na pesquisa com cursos de licenciatura em Artes Visuais na modalidade presencial, localizados nos seguintes Estados: Goiás (IFG), Ceará, (IFCE), Maranhão (IFMA) e Paraná (IFPR).

QUADRO 3 – CURSOS PRESENCIAIS DE LICENCIATURA EM IES PÚBLICAS (continua)

Região	UF	IES	Nome do curso	Total
Centro-Oeste	DF	UnB	Artes Visuais	04
	GO	IFG	Artes Visuais	
		UFG	Artes Visuais	
	MS	UFMS	Artes Visuais	
	MT	-	-	
Nordeste	AL	UNEAL	Intercultural Indígena em Línguas, Artes e Literatura	15
	BA	UFBA	Desenho e Plásticas	
		UFOB	Artes Visuais	
		UFRB	Artes Visuais	
		UNIVASF	Artes Visuais	
	CE	IFCE	Artes Visuais	
		URCA	Artes Visuais	
	MA	IFMA	Artes Visuais	
		UFMA	Artes Visuais	
	PB	UFPB	Artes Visuais	
	PE	UFPE	Artes Visuais	
	PI	UFPI	Artes Visuais	
RN	UFRN	Artes Visuais		
SE	UFS	Artes Visuais		
Norte	AC	-	-	10
	AM	UFAM	Artes Visuais	
			Artes Visuais	
	AP	UNIFAP	Artes Visuais	
	PA	UFPA	Artes Visuais	
		UNIFESSPA	Artes Visuais	
	RO	UNIR	Artes Visuais	
	RR	UFRR	Artes Visuais	
			Intercultural - Comunicação e Artes	
TO	UFT	Ed. do Campo - Linguagens e Códigos: Artes e Música		
		Ed. do Campo - Linguagens e Códigos: Artes e Música		
Sudeste	ES	UFES	Artes Visuais	14
	MG	UEMG	Artes Plásticas	
			Artes Visuais	
		UFJF	Artes Visuais	
		UFMG	Artes Visuais	
		UFU	Artes Visuais	
	SP	UNESP	Artes Visuais	
			Artes Visuais	
		UNICAMP	Artes Visuais	
		USP	Artes Visuais	
	RJ	UERJ	Artes Visuais	
		UFRJ	Ed. Artística com habilitação em Artes Plásticas ou Desenho	
UFRRJ		Belas Artes		

QUADRO 3 – CURSOS PRESENCIAIS DE LICENCIATURA EM IES PÚBLICAS (conclusão)

Sul	PR	IFPR	Artes Visuais	15
		UEL	Artes Visuais	
		UEM	Artes Visuais	
		UEPG	Artes Visuais	
		UFPR	Artes Visuais	
			Artes	
		UNESPAR	Artes Visuais	
	Artes Visuais			
	UNICENTRO	Arte		
	SC	UDESC	Artes Visuais	
	RS	FURG	Artes Visuais	
		UERGS	Artes Visuais	
		UFPEL	Artes Visuais	
		UFRGS	Artes Visuais	
		UFSM	Artes Visuais	
<b>Total</b>	<b>50 IES</b>		<b>58</b>	

FONTE: A autora (2021), a partir dos dados do e-MEC.

A partir dos dados produzidos sobre os cursos presenciais, algumas questões podem ser destacadas:

**Quanto ao nome que identifica o curso de licenciatura:**

- na UFRJ o curso é denominado Licenciatura em Educação Artística com habilitação em Artes Plásticas ou Desenho;
- a UEMG possui duas licenciaturas, Artes Plásticas (Escola Guignard) e Artes Visuais (Escola de Design);
- há uma diversidade de denominações encontradas nas licenciaturas relacionadas à Arte (Artes Visuais): Desenho e Plásticas (UFBA), Intercultural Indígena em Línguas, Artes e Literatura (UNEAL); Interdisciplinar em Artes (UFRB); Educação do Campo - Linguagens e Códigos: Artes e Música (UFT); Belas Artes (UFRRJ); Arte (UNICENTRO); Artes (UFPR/Matinhos).

Ressalta-se que inicialmente a busca foi feita por cursos de Artes Visuais, mas ao longo do percurso foram identificadas e contabilizadas essas diferentes denominações, que permitem incluir os cursos em determinados grupos. Destaca-se ainda a presença de algumas especificidades que expressam movimentos mais amplos no campo das normatizações curriculares, como a relação com a temática indígena e com a educação do campo, bem como o uso da expressão Linguagens e Códigos, utilizada na organização dos Parâmetros Curriculares Nacionais. Assim,

observou-se a presença de denominações que incorporam expressões relativas a normatizações produzidas especificamente em dados momentos históricos.

**Quanto ao número de cursos e sua localização geográfica:**

- algumas IES oferecem dois cursos na mesma cidade, como a UEMG (Belo Horizonte), UNESPAR (Curitiba) e UFRR (Boa Vista);
- outras IES oferecem o curso em duas cidades diferentes, localizados em seus campi, como a UFAM (Manaus e Parintins), UFRB (Cachoeira e Santo Amaro), UFPR (Curitiba e Matinhos), UFT (Arraias e Tocantinópolis), UNESP (Bauru e São Paulo).

Essa característica explica o dado obtido de que 50 IES ofertam 58 cursos presenciais.

**Quanto à oferta de licenciatura na modalidade a distância:**

A ausência da modalidade presencial ocorre nos estados do Acre e do Mato Grosso. Estes são assistidos apenas por educação a distância, o primeiro com um polo do curso EaD da UnB, e o segundo com seu próprio curso, identificado como EaD na UNEMAT.

**Quanto à confiabilidade dos dados obtidos:**

Observou-se que podem ocorrer discrepâncias entre as informações divulgadas no site das IES e no site do e-MEC. Por exemplo, o site da UnB registra a Licenciatura em Artes Visuais e o site do e-MEC registra o curso como Artes Plásticas. Por isso, é importante destacar que os dados presentes na plataforma são atualizados pelas próprias IES e no site do e-MEC encontra-se a seguinte explicação: “as informações inseridas pelas IES dos Sistemas Estaduais, reguladas e supervisionadas pelo respectivo Conselho Estadual da Educação, ou pelas IES do Sistema Federal, no âmbito da autonomia universitária, são declaratórias e a veracidade é de responsabilidade da respectiva instituição, nos termos da lei” (BRASIL, 2021).

Contudo, deve-se ressaltar que essas discrepâncias podem ser situadas também no âmbito das lutas que caracterizam o campo científico e o campo político (BOURDIEU, 2004), das quais resultam definições na criação de cursos e na produção das normativas que regulamentam e organizam as propostas. Para além de

escolhas epistemológicas, as denominações dos cursos decorrem, também, das disputas por capital e por reconhecimento no campo específico.

A concentração dos cursos de licenciatura na modalidade presencial em IES pública ocorre nas regiões Sudeste (14), Nordeste (15) e Sul (15). Esta última, composta por três estados, apresenta uma distribuição não equilibrada, pois verificou-se a maior oferta de Licenciaturas no Paraná (9), seguida por Rio Grande do Sul (5) e Santa Catarina (1). Esse dado foi relevante para o desenvolvimento posterior da pesquisa e especialmente para a definição de recortes analíticos realizados, tema que será retomado em seção posterior deste capítulo.

Vasconcellos (2015, p. 57) chama a atenção para o fato de que a atual LDB, de 1996, “substituiu o termo Educação Artística por Arte, abrangendo as artes visuais, dança, música e teatro”. A autora também destaca que no ensino superior “essas especificidades se transformaram em graduações específicas”.

Sobre a legislação que regulamenta esses cursos, o que merece questionamento refere-se à elaboração das Diretrizes Curriculares Nacionais (DCN) dos cursos de graduação em Música, Dança, Teatro e Design em 2003 (Parecer CNE/CES nº 195/2003). Pergunta-se: por que o Design está presente naquelas orientações e as Artes Visuais não?

Posteriormente, o Parecer CNE/CES nº 280/2007 definiu as diretrizes para a Graduação e Licenciatura em Artes Visuais, que foram assim elaboradas em 2007 e entraram em vigor no ano de 2009, com a Resolução nº 1/2009. Nesse documento se destaca a importância da criação das Associações de Arte-Educadores (FAEB e ANPAP) na realização de Congressos para debater a especificidade na formação docente para o ensino da Arte no Brasil. Sabe-se que a oferta dos cursos de formação inicial aumentou em resposta à demanda por profissionais para lecionar Educação Artística (Lei nº 5.692/71), mas, como mencionado anteriormente, ocorriam falhas nessa formação aligeirada.

As mudanças na legislação para a formação de professores apontaram para a especificidade de cursos para cada linguagem, o que, segundo Vasconcellos (2015, p. 59), possibilitou “aprofundamentos teórico-práticos e o fortalecimento das linhas de pesquisa dos cursos”. Apesar disso, a formação ainda manteve problemas, por exemplo, a dissociação entre o ensino e a pesquisa/produção de conhecimento, que gera distinção entre quem ensina e quem pesquisa.

Essa dissociação das atividades de ensino e de pesquisa não é prerrogativa do campo disciplinar das Artes Visuais, pois trata-se de uma dicotomia que pode ser explicada como efeito da naturalização de uma desigualdade socialmente construída, como aponta Garcia (2010; 2021), com sustentação em conceitos de Pierre Bourdieu.

Assim, a formação em Pós-Graduação em Artes Visuais pode ser vista na perspectiva de uma ruptura no processo de formação inicial de professores na licenciatura, conduzindo o profissional para a produção da Arte e do conhecimento artístico, atividade de maior qualificação no campo acadêmico. Mas, por outro lado, os cursos de mestrado e doutorado também podem ser entendidos como um caminho para a formação qualificada de professores que atuarão no curso superior, formando professores.

Nesses cursos, a pesquisa é organizada em linhas ou áreas que se articulam em torno de temas. Haverá espaços formais de formação para o ensino? A Didática, a Metodologia, o Currículo, os Manuais escolares e outros recursos didáticos são objetos de pesquisa nos programas existentes? Eles estariam formando também professores pesquisadores para a Educação Básica?

### 2.2.2 Formação em nível de Pós-Graduação

A pesquisa empírica foi realizada em novembro de 2020 e utilizou a plataforma Sucupira (BRASIL, 2020), base de dados oficial para os Programas de Pós-Graduação no Brasil. No site, buscou-se por (I) universidades públicas que ofertam cursos de Pós-Graduação em Artes Visuais, selecionando as Universidades com mestrado acadêmico ou mestrado e doutorado acadêmico, e excluindo as que ofertam apenas o mestrado profissional<sup>12</sup>; e (II) focalizando apenas a modalidade presencial.

Do total de 23 programas identificados, seis universidades<sup>13</sup> têm mestrado acadêmico e dezessete têm mestrado e doutorado acadêmico, distribuídos entre

---

<sup>12</sup> Mestrado Profissional é uma modalidade de Pós-Graduação “voltada para a capacitação de profissionais, nas diversas áreas do conhecimento, mediante o estudo de técnicas, processos ou temáticas que atendam alguma demanda do mercado de trabalho” (BRASIL, 2014).

<sup>13</sup> A Universidade Federal da Paraíba (UFPB) e a Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) possuem um Programa Associado com revezamento anual de Coordenação. Para esta situação, quando se menciona a UFPB e a UFPE, contabiliza-se como duas IES. Mas, ao tratar do Programa Associado de Pós-Graduação em Artes Visuais contabiliza-se como um programa, aglutinando os resultados para facilitar a análise, pois, geralmente, consta o nome das duas universidades nas dissertações e teses.

administração federal (15) e estadual (8). A organização dos resultados foi distribuída nos Quadros 4 e 5, por região do Brasil, IES, e nome do programa de Pós-Graduação.

QUADRO 4 – PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO APENAS COM MESTRADO ACADÊMICO

Região	UF	IES	Nome do programa	Total
Centro-Oeste	-	-	-	0
Nordeste	CE	UFC	Artes	03
	PB	UFPB	Computação, Comunicação e Artes	
	PE	UFPE	Artes Visuais	
Norte	-	-	-	0
Sudeste	ES	UFES	Artes	02
	MG	UEMG	Artes	
Sul	RS	UFPEL	Artes Visuais	01
<b>Total</b>				<b>06</b>

FONTE: A autora (2021), com base nos dados obtidos na Plataforma Sucupira.

QUADRO 5 – PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO COM MESTRADO E DOUTORADO ACADÊMICO

Região	UF	IES	Nome do programa	Total
Centro-Oeste	DF	UnB	Artes Visuais	02
	GO	UFG	Arte e Cultura Visual	
Nordeste	BA	UFBA	Artes Visuais	01
Norte	PA	UFPA	Artes	01
Sudeste	MG	UFJF	Artes, Cultura e Linguagem	10
		UFMG	Artes	
	SP	UNESP	Artes	
		UNICAMP	Artes Visuais	
		UNIFESP	História da Arte	
		USP	Artes Visuais	
	RJ	UERJ	História da Arte	
		UFF	Artes	
		UFFRJ	Estudos Contemporâneos das Artes	
Sul	SC	UDESC	Artes Visuais	03
	RS	UFRGS	Artes Visuais	
		UFSM	Artes Visuais	
<b>Total</b>				<b>17</b>

FONTE: A autora (2021), com base nos dados obtidos na Plataforma Sucupira.

Observando os dois quadros, algumas conclusões podem ser destacadas:

- nesses cursos, assim como ocorre na licenciatura, persiste uma diversidade na denominação do campo específico: Artes Visuais (10); Artes (7); História da Arte (2); Arte e Cultura Visual (1); Artes, Cultura e Linguagens (1); Computação, Comunicação e Artes (1) e Estudos

Contemporâneos das Artes (1), portanto, com maior concentração em Artes Visuais e Artes;

- a região que centraliza maior número de programas é a Sudeste (12);
- as cinco regiões do Brasil possuem ao menos um Programa de Pós-Graduação com mestrado e/ou doutorado na área analisada;
- a observação particularizada em cada um dos estados brasileiros identificou ausências no Acre, Alagoas, Amazonas, Amapá, Maranhão, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul, Paraná, Piauí, Rio Grande do Norte, Rondônia, Roraima, Sergipe e Tocantins;
- um dado a ser enfatizado, que deverá merecer estudos posteriores, dada a limitação enfrentada nesta pesquisa, aponta que o Estado do Paraná, identificado anteriormente com o maior número de cursos de licenciatura (em Artes Visuais, Artes e Arte), não possui nenhum programa com mestrado e doutorado acadêmico na área.

Após o levantamento realizado nos Programas de Pós-Graduação em Artes Visuais e similares, buscou-se informações no site de cada programa sobre as linhas de pesquisa desenvolvidas em cada um deles para identificar a presença de linhas que, em sua denominação, explicitassem sua focalização ou relações com a Educação.

O resultado evidenciou, dos 23 programas com mestrado ou doutorado acadêmico, que 9 (nove) apresentam linha de pesquisa em Educação (UnB, UFG, UFPB/UFPE, UFPA, UFMG, UNESP, USP, UDESC, e UFPEL), conforme sistematizado no Quadro 6.

QUADRO 6 – PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES, ARTES VISUAIS OU ARTE E CULTURA VISUAL COM LINHA DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO (continua)

Região	UF	IES	Nome do programa	M	D	Linha de pesquisa	T
Centro-Oeste	DF	UnB	Artes Visuais	x	x	Educação em Artes Visuais	02
	GO	UFG	Arte e Cultura Visual	x	x	Educação, Arte e Cultura Visual	
Nordeste	PB PE	UFPB UFPE	Artes Visuais	x		Processos educacionais em Artes Visuais	01
Norte	PA	UFPA	Artes	x	x	Memórias, histórias e educação em Artes	01
Sudeste	MG	UFMG	Artes	x	x	Artes e experiência Interartes na educação	03
	SP	UNESP	Artes	x	x	Processos artísticos, experiências educacionais e mediação cultural	

QUADRO 6 – PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES, ARTES VISUAIS OU ARTE E CULTURA VISUAL COM LINHA DE PESQUISA EM EDUCAÇÃO (conclusão)

	SP	USP	Artes Visuais	x	x	Fundamentos do ensino e aprendizagem da Arte	
Sul	SC	UDESC	Artes Visuais	x	x	Ensino das Artes Visuais	02
	RS	UFPEL	Artes Visuais	x		Educação em Artes e processos de formação estética	
<b>Total</b>							<b>09</b>

FONTE: A autora (2021), com base nos dados obtidos no site dos Programas de Pós-Graduação.

O que significa, para o ensino da Arte na escola e para a formação docente, ter aproximadamente 60% dos Programas de Pós-Graduação na área (Artes Visuais ou similares) sem uma linha de pesquisa em Educação? Para qual área estariam se dirigindo os interessados em realizar a formação como professores de Arte em nível de pós-graduação?

Certamente que a questão demanda a realização de outros estudos, em especial nos Programas de Pós-Graduação em Educação, que poderiam ser os centros formadores de professores pesquisadores. Também aqui a problematização aponta para a continuidade de estudos que não seriam possíveis nos limites de tempo e condições desta pesquisa.

Contudo, na direção dos objetivos estabelecidos, foi possível realizar uma busca para localizar os espaços de formação específica para professores de Artes Visuais na pós-graduação. Definiu-se como estratégia a pesquisa por dissertações e teses para identificar temas privilegiados, de forma ampla, e verificar em especial a presença de estudos sobre os manuais escolares e outros materiais didáticos, elementos da cultura escolar que estavam no centro do projeto de dissertação desde seu início.

O procedimento de busca consistiu em (I) definir palavras-chave, selecionadas por aproximação temática com os interesses dessa pesquisa: Arte e educação, Arte-educação/educador, currículo, ensino de Arte, ensino de Artes Visuais, formação de professores, livro didático, material didático, metodologia de ensino, e prática pedagógica; (II) definir que o descritor deveria estar presente no título das dissertações ou teses, por entender que, nele, apresenta-se o assunto principal

do trabalho; (III) definir como demarcação temporal<sup>14</sup> o período de 2009 a 2020; e (IV) realizar a busca, nos dados disponibilizados no site das universidades, em seus respectivos Programas de Pós-Graduação ou Repositórios On-line.

As produções localizadas foram classificadas inicialmente por (I) região do Brasil, (II) IES, (III) ano de publicação, (IV) nível de mestrado ou doutorado, (V) autoria, e (VI) título. Posteriormente, sua organização foi alterada por ano de publicação, do mais antigo para o mais recente, e também foram incluídos os nomes dos professores orientadores.

Foram encontrados 186 trabalhos<sup>15</sup>, entre dissertações (141) e teses (45), que são organizados quantitativamente na seção a seguir, com a intenção de continuar a aproximação com o núcleo da problemática de pesquisa, situado na interseção entre a formação de professores para a disciplina específica e os manuais escolares, objeto da cultura escolar.

### 2.2.3 A produção sobre temas da Educação nos Programas de Pós-Graduação em Artes ou Artes Visuais

Os dados apresentados estão limitados aos Programas de Pós-Graduação em Artes, Artes Visuais ou Arte e Cultura Visual que possuem linha de pesquisa em Educação. Do total de pesquisas mencionado<sup>16</sup>, foram categorizadas 170 produções distribuídas em nove universidades, produzidas entre 2009 e 2020, conforme apresentado no Quadro 7.

---

<sup>14</sup> A ideia inicial era abarcar 10 anos de pesquisa, porém, esse período foi ampliado para incluir duas dissertações, pioneiras sobre a temática do livro didático de Arte, realizadas na UnB em 2009.

<sup>15</sup> Sete trabalhos não foram incluídos na contagem: cinco por não disponibilizarem informações de produção, por exemplo, ser uma dissertação ou tese, ou não ter acesso ao resumo, e dois trabalhos que apresentavam no título o termo Livro Didático, sendo uma Tese (UNESP) em 2015 e uma dissertação (UNICAMP) em 2013. Após a leitura do resumo, foi verificado que não se tratava de livros para a disciplina de Arte, portanto, não foram incluídos no estudo.

<sup>16</sup> A saber, das 186 pesquisas encontradas, 16 foram produzidas nas seguintes IES: UFBA (1), UEMG (1), UNIFESP (2), UNICAMP (6), e UERJ - Artes (6). Essas 16 pesquisas não são contabilizadas, por decorrência do recorte estar centrado nas IES com Programas de Pós-Graduação com linhas de pesquisa em educação, mencionadas no Quadro 6.

QUADRO 7 – ANO DE PRODUÇÃO DAS 170 PESQUISAS NOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES, ARTES VISUAIS OU ARTE E CULTURA VISUAL

IES (Programa)	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019	2020	Mestrado	Doutorado	Total
UnB (Artes Visuais)	-	-	-	-	3	3	1	1	1	5	4	2	18	02	20
UFG (Arte e Cultura Visual)	2	1	-	-	1	-	2	1	1	-	3	2	09	04	13
UFPB / UFPE (Artes Visuais)	-	-	2	1	2	1	4	3	4	1	3	5	26	-	26
UFPA (Artes)	-	-	-	1	1	1	-	-	-	-	-	1	04	0	04
UFMG (Artes)	1	2	-	1	3		2	2	1	-	2	-	07	07	14
UNESP (Artes)	9	1	-	4	1	-	1	1	1	3	5	3	22	07	29
USP (Artes Visuais)	3	1	1	4	1	2	-	2	3	-	1	1	09	10	19
UDESC (Artes Visuais)	1	2	1	4	2	3	3	3	4	4	4	3	25	09	34
UFPEL (Artes Visuais)	-	-	-	-	-	1	-	2	1	3	3	1	11	-	11
<b>Total</b>	16	07	04	15	14	11	13	15	16	16	25	18			<b>170</b>

FONTE: A autora (2021).

Do ponto de vista quantitativo, as três palavras-chave mais encontradas nos títulos das dissertações ou teses (Quadro 8) foram formação de professor (38), ensino de Arte (34) e ensino de Artes Visuais (30).

As temáticas de natureza mais ampla predominam em expressões como “ensino” e “formação de professores”. Por outro lado, observa-se que as quatro expressões menos encontradas são exatamente as que sugerem maior aproximação com a aula, entendida como o espaço e tempo da atividade dos sujeitos que ensinam e aprendem: a prática pedagógica (8), o livro didático (6), o material didático (4) e a metodologia de ensino (2).

QUADRO 8 – PALAVRAS-CHAVE NO TÍTULO DAS 170 PESQUISAS NOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES, ARTES VISUAIS OU ARTE E CULTURA VISUAL

	Arte e Educação	Arte-educação	Currículo	Ensino de Arte	Ensino de Artes Visuais	Formação de professor	Livro didático	Material Didático	Metodologia de ensino	Prática pedagógica	Mestrado	Doutorado	Total
UnB (Artes Visuais)	6	1	1	3	3	3	-	-	-	3	18	02	20
UFG (Arte e Cultura Visual)	-	1	-	2	1	3	3	1	1	1	09	04	13
UFPB / UFPE (Artes Visuais)	3	1	1	8	9	3	1	-	-	-	26	-	26
UFPA (Artes)	2	-	1	1	-	-	-	-	-	-	04	0	04
UFMG (Artes)	-	1	-	4	3	3	-	2	1		07	07	14
UNESP (Artes)	3	5	6	6	1	7	-	-	-	1	22	07	29
USP (Artes Visuais)	3	4	-	3	2	7	-	-	-		09	10	19
UDESC (Artes Visuais)	1	2	4	4	8	11	2	1	-	1	25	09	34
UFPEL (Artes Visuais)	1	1	-	3	3	1	-	-	-	2	11	-	11
<b>Total</b>	<b>19</b>	<b>16</b>	<b>13</b>	<b>34</b>	<b>30</b>	<b>38</b>	<b>06</b>	<b>04</b>	<b>02</b>	<b>08</b>			<b>170</b>

FONTE: A autora (2021).

Ressalta-se a Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) como um centro produtor. O grupo de pesquisa Observatório da Formação do Professor no Âmbito do Ensino de Arte: estudos comparados entre Brasil e Argentina (OFPEA/BRARG), que no Brasil tem a coordenação da Profa. Dra. Maria Cristina da Rosa Fonseca da Silva, estuda questões referentes à formação dos professores nos cursos de graduação em Artes Visuais.

Destacam-se duas dissertações do grupo, uma de autoria de Valéria de Alvarenga (2015), que realiza um mapeamento dos cursos de licenciatura em IES públicas e presenciais do Estado do Paraná e suas respectivas matrizes curriculares para identificar a presença ou ausência de três indicadores: tecnologias contemporâneas, Lei nº 10.436/02 e Lei nº 11.645/08; e outra pesquisa de autoria de

Giovana Hillesheim (2013), que investiga a produção acadêmica sobre a temática formação de professores de Artes Visuais em Programas de Pós-Graduação.

Desta última, destaca-se uma citação que, embora feita há quase uma década, ainda circula em pesquisas no campo, como nas teses de Vasconcellos (2015) e de Teuber (2016).

Como podemos notar, o descompasso entre ensino e pesquisa é mais uma das premissas que influenciam nossa trajetória universitária. Sendo a universidade o local que, a priori, forma os professores, este distanciamento em muitas instituições reflete diretamente nas pesquisas, pois se configura um espaço que separa aqueles que ensinam arte na escola daqueles que pesquisam sobre ensino da arte. Na grande maioria dos casos, os dois grupos não dialogam e vivem realidades aparentemente distintas (HILLESHEIM, 2013, p. 42).

Os resultados obtidos nestas buscas permitiram situar, ainda que de forma preliminar e exploratória, a presença de temáticas relacionadas ao ensino de Arte em Programas de Pós-Graduação em Artes. O dado é relevante ao indicar um movimento de aproximação do campo de conhecimento específico com o campo da educação, na direção apontada por pesquisas que questionam a dicotomia entre ensino e pesquisa. O afastamento entre bacharelado e licenciatura, na tradição mantida ainda em muitos campos disciplinares, se prolonga para a formação em nível de pós-graduação, reafirmando a distinção entre quem produz conhecimentos e quem transmite e ensina, na Educação Básica.

A partir desses dados, especialmente a pequena presença de pesquisas sobre os manuais escolares e a situação particular do Estado do Paraná – maior número de cursos de licenciatura e ausência de cursos de pós-graduação (mestrado e/ou doutorado acadêmico em Artes Visuais) –, definiu-se pela análise deste caso particular.

A intenção foi localizar a presença de pesquisas com temas relacionados às práticas escolares e especialmente aos manuais escolares, dada a relevância desse objeto da cultura escolar e recurso que passou a ser distribuído a partir de 2015 para as escolas públicas, por meio do PNLD. Nesse sentido, a opção foi ir também ao encontro da produção realizada nos Programas de Pós-Graduação em Educação que, por consequência da ausência de mestrado e doutorado em Artes Visuais e similares, poderiam ser os locais de continuidade de formação acadêmica de professores.

#### 2.2.4 Os Programas de Pós-Graduação em Educação: direcionando o olhar para o Estado do Paraná

Como referido, os dados produzidos para situar a formação de professores de Artes Visuais evidenciaram que o Estado do Paraná possui o maior número de cursos de Licenciatura em Artes Visuais, mas não possui Programas de Pós-Graduação com mestrado ou doutorado acadêmico específico em Artes Visuais ou similares. Esse dado pode sugerir que ocorre um deslocamento dos candidatos para outros programas.

Hillesheim (2013, p. 53) aponta uma significativa quantidade de pesquisas em Arte nos Programas de Pós-Graduação em Educação que abordam o tema da formação de professores, temática da sua dissertação, mas também outros temas diversos. Para a autora, essa questão poderia ser compreendida pelo número de Programas de Pós-Graduação em Artes, Artes Visuais e Cultura Visual que ofertam linhas de pesquisa em Educação e a então recente data de criação daqueles (2013, p. 81).

Hillesheim questiona sob qual ótica essas pesquisas se desenvolvem e se podem ser observadas diferenças quando realizadas nos programas de Educação ou de Artes Visuais (2013, p. 58).

Para visualizar a distribuição da produção de trabalhos sobre Arte ou Artes Visuais em outros programas, foi realizada busca complementar nas IES do Paraná que oferecem Programas de Pós-Graduação em Educação, a saber: UEL, UEM, UEPG, UFPR, UNICENTRO, UNIOESTE (Cascavel e Francisco Beltrão). Foram localizadas 62 pesquisas com a temática Arte, entre dissertações (48) e teses (14). Desse total, 30 pesquisas trabalham com as palavras-chave selecionadas para as buscas realizadas nesta dissertação (Arte e educação, Arte-educação/educador, currículo, ensino de Arte<sup>17</sup>, ensino de Artes Visuais, formação de professores, livro didático, material didático, metodologia de ensino, e prática pedagógica), no título de suas dissertações ou teses (Quadro 9). Manteve-se também o recorte temporal definido nas buscas anteriores.

---

<sup>17</sup> Ensino de Arte no geral, sem a inclusão de outras linguagens artísticas.

QUADRO 9 – ANO DE PRODUÇÃO DAS 30 PESQUISAS NOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO NO PARANÁ

	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019	2020	M	D	Total
UEL	-	-	-	1	-	-	-	-	-	3	1	-	05	0	05
UEM	1	1	-	1	2	2	-	-	-	2	2	1	09	03	12
UEPG	-	-	-	-	-	-	1	1	1	1	2	-	02	04	06
UFPR	-	-	-	1	-	-	1	1	-	-	-	1	02	02	04
UNICENTRO	-	-	-	-	-	-	-	1	1	1	-	-	03	0	03
UNIOESTE - Cascavel	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0	0	0
UNIOESTE - F. Beltrão	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0	0	0
<b>Total</b>	01	01	0	03	02	02	02	03	02	07	05	02			<b>30</b>

FONTE: A autora (2021).

Os descritores “formação de professores” e “ensino de Arte” novamente são as temáticas mais estudadas (Quadro 10), ressaltando-se que a área específica das Artes Visuais se apresenta com apenas uma pesquisa identificada, como se observa no quadro a seguir:

QUADRO 10 – PALAVRAS-CHAVE NO TÍTULO DAS 30 PESQUISAS NOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO NO PARANÁ

	Arte e Educação	Arte-educação	Currículo	Ensino de Arte	Ensino de Artes Visuais	Formação de professor	Livro didático	Material Didático	Metodologia de ensino	Prática pedagógica	Mestrado	Doutorado	Total
UEL	-	1	1	-	-	1	-	-	-	2	05	0	05
UEM	3	-	-	5	1	1	-	-	-	2	09	03	12
UEPG	-	-	2	-	-	4	-	-	-	-	02	04	06
UFPR	-	-	-	-	-	2	1	-	1	-	02	02	04
UNICENTRO	-	1	1	-	-	-	-	1	-	-	03	0	03
UNIOESTE - Cascavel	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0	0	0
UNIOESTE - F. Beltrão	-	-	-	-	-	-	-	-	-	-	0	0	0
<b>Total</b>	03	02	04	05	01	08	01	01	01	04			<b>30</b>

FONTE: A autora (2021).

De forma semelhante ao que se observou nos Programas de Pós-Graduação em Artes Visuais ou similares, excluído o tema de práticas pedagógicas que é de natureza ampla, poucas pesquisas focalizam metodologias de ensino, manuais escolares e materiais didáticos, temas que fazem aproximação com o espaço do

ensino e da aprendizagem. Dessa forma, ainda que estejam abertas possibilidades de investigações ampliadas para o numeroso conjunto de Programas de Pós-Graduação em Educação, o olhar particularizado para o Estado do Paraná fornece indícios de que, mesmo nesses programas, as pesquisas ainda estão distanciadas das dimensões didáticas, das aulas e, em particular, dos recursos utilizados para o ensino, como os manuais escolares.

Na perspectiva de estruturação da problemática, essas análises levaram à retomada de pesquisas preliminares realizadas na etapa exploratória para revisão do projeto de dissertação; seus resultados foram, então, revisitados e são apresentados na seção a seguir, que finaliza este capítulo, concluindo a aproximação com o espaço em que se situa a questão dos manuais escolares.

#### 2.2.5 Reunindo as dissertações e teses sobre livro didático, material didático e metodologia de ensino

As quatorze (14) pesquisas selecionadas fazem parte do *corpus* documental<sup>18</sup> produzido na etapa exploratória desta dissertação, a partir das palavras-chave livro didático, material didático e metodologia. As dissertações (11) e teses (3) aqui listadas foram defendidas nos Programas de Pós-Graduação em Artes Visuais ou similares (UDESC, UFG, UFMG, UFPB/UFPE)<sup>19</sup> e nos Programas de Pós-Graduação em Educação do Paraná (UFPR e UNICENTRO), entre 2009 e 2020, comentadas a partir da leitura dos resumos.

Os temas se revelaram pouco privilegiados pela pesquisa nesses centros produtores de conhecimento no que diz respeito à produção e à distribuição no tempo, como observado nos Quadros 11 e 12. Sobre livro e material didático, pode-se registrar a presença de trabalhos desde 2015, sugerindo relação com o início da distribuição dos livros de Arte pelo PNLD para as escolas públicas brasileiras no mesmo ano, uma vez que os editais saem com antecipação para orientar editoras e a escolha das escolas e, portanto, a informação já circulava antes daquele ano.

---

<sup>18</sup> A lista completa de pesquisas localizadas nessas universidades pode ser encontrada no Apêndice 1. Contudo, nele foram acrescentadas duas pesquisas realizadas na UNICAMP (2016 e 2019) e uma na UEMG (2019), que não fazem parte do recorte específico, mas são relevantes para a temática do livro didático de Arte e da metodologia de ensino da Arte.

<sup>19</sup> Neste recorte, foram selecionadas as IES com linha de pesquisa em Educação.

QUADRO 11 – AS IES COM PESQUISAS SOBRE LIVRO DIDÁTICO, MATERIAL DIDÁTICO E METODOLOGIA

		Livro didático	Material Didático	Metodologia de ensino	Mestrado	Doutorado	Total
Artes Visuais ou similares	UFG	3	1	-	04	0	04
	UFPB / UFPE	1	-	-	01	0	01
	UFMG	-	2	1	01	02	03
	UDESC	2	1	-	02	01	03
Educação	UFPR	1	-	1	02	0	02
	UNICENTRO	-	1	-	01	0	01
<b>Total</b>		<b>07</b>	<b>05</b>	<b>02</b>			<b>14</b>

FONTE: A autora (2021).

QUADRO 12 – ANO DE PRODUÇÃO DAS 14 PESQUISAS SOBRE LIVRO DIDÁTICO, MATERIAL DIDÁTICO E METODOLOGIA

	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017	2018	2019	2020	M	D	Total
Livro didático	2	-	-	1	-	-	-	-	-	1	1	2	06	01	07
Material didático	-	-	-	-	-	-	1	1	1	1	1	-	04	01	05
Metodologia	-	-	-	-	1	-	-	-	-	-	-	1	01	01	02
<b>Total</b>	<b>02</b>	<b>0</b>	<b>0</b>	<b>01</b>	<b>01</b>	<b>0</b>	<b>01</b>	<b>01</b>	<b>01</b>	<b>02</b>	<b>02</b>	<b>03</b>			<b>14</b>

FONTE: A autora (2021).

Para explorar esses dados, optou-se por olhar separadamente os trabalhos em cada um dos três temas:

#### a) Dissertações e teses sobre o livro didático de Arte

Os livros didáticos para a disciplina Arte são tema de seis dissertações e uma tese, evidenciando um elemento que pode ser discutido quanto ao interesse dos pesquisadores mais experientes em relação ao tema. Em outros campos disciplinares isto também ocorre, mesmo em disciplinas que já fazem parte do PNLD há décadas<sup>20</sup>.

<sup>20</sup> Ver SILVA, Anne Cacielle F. da (2018), por exemplo, para o caso da História.

Os estudos precusores<sup>21</sup> na linguagem das Artes Visuais são as dissertações de Livia Brisolla (2009), **Práticas reflexivas e trabalho pedagógico: entre contornos e sombras de um livro didático**, e Gisele da Silva (2009), **Livro didático para o ensino de Arte: diálogos, práticas e (des)caminhos**, orientadas por Irene Tourinho na UFG<sup>22</sup>. Essas autoras trabalham sob a perspectiva do livro didático como um artefato da cultura e ambas tratam da prática pedagógica e da relação dos alunos com os livros analisados. Nesse momento, os livros de Arte produzidos por editoras comerciais circulavam entre os professores e alunos, mas a disciplina ainda não estava presente no PNLN, portanto, não havia distribuição gratuita para as escolas públicas e as obras não eram submetidas à avaliação do Programa.

É importante compreender a presença desse artefato na vida escolar e as relações que o professor estabelece com o livro. O contato durante a formação inicial parece essencial para utilizá-lo de uma maneira proveitosa na escola, uma vez que se trata de um material adquirido com recursos públicos e, ainda, por se considerar as condições em que o ensino se realiza nas escolas brasileiras, ou seja, com grandes dificuldades e carências. Ressalta-se que as pesquisas indicam uma presença muito tímida do tema nos cursos de formação de professores.

Enquanto questões epistemológicas e didáticas a serem consideradas e analisadas, Alain Choppin (2004) questiona:

[...] qual(s) discurso os manuais sustentam sobre determinada disciplina e sobre seu ensino? Qual(s) concepção(s) de história, qual(s) teoria(s) científica(s) ou qual(s) doutrina(s) linguística(s) representam ou privilegiam? Qual o papel que atribuem à disciplina? Que escolhas são efetuadas entre os conhecimentos? Quais são os conhecimentos fundamentais? Como eles são expostos, organizados? Quais métodos de aprendizagem (indutivo, expositivo, dedutivo, etc.) são apresentados nos manuais? (CHOPPIN, 2004, p. 558).

Com base nessas indagações de Choppin (2004), podem ser apontados elementos a serem observados a partir desses estudos, no livro didático de Arte. Qual a concepção de Arte? Qual o discurso diante das quatro linguagens e da polivalência? Privilegia, na História da Arte, uma visão eurocêntrica? Qual conhecimento é

---

<sup>21</sup> Em 1984, Maria Ferraz e Idméa Siqueira realizaram uma pesquisa com ênfase no uso do livro didático na prática de Arte-Educadores em São Paulo. Os resultados estão no livro **Arte-Educação: vivência, experiência ou livro didático?**, 1ª edição publicada em 1987 pela Editora Loyola.

<sup>22</sup> O programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual da UFG está voltado aos estudos da Cultura Visual e é um centro produtor de conhecimento na área.

fundamental para o ensino das Artes Visuais? Como as imagens estão dispostas? São apenas ilustrativas? Qual o propósito das atividades sugeridas? São realizadas individualmente ou em grupo? As tarefas são feitas no próprio livro, em folhas avulsas ou no caderno? Qual a metodologia proposta para ensinar Artes Visuais?

Se, do ponto de vista do historiador os manuais são uma fonte completa, como diz Choppin (2001), do ponto de vista dos didaticistas eles são um material empírico que pode responder a muitas indagações sobre o ensino que é oferecido às crianças e aos jovens neste momento no país.

Outra particularidade a observar no período anterior à presença dos livros no PNLD diz respeito aos livros didáticos produzidos pelo Governo do Estado do Paraná por meio da Secretaria de Estado da Educação. Em parceria com professores da rede estadual e com apoio de especialistas professores de universidades, foi criado em 2006 o primeiro material distribuído gratuitamente, direcionado ao Ensino Médio e utilizado em muitas salas de aula nesse Estado. O conjunto incluía o livro intitulado **Arte - Ensino Médio**.

Sobre esse livro específico, localizou-se a dissertação de Marcolino Oliveira Neto (2012), **Arte e silêncio: a Arte africana e afro-brasileira nas diretrizes curriculares estaduais e no livro didático público de Arte do Paraná**, orientada por Paulo Vinícius Baptista da Silva na UFPR. Analisa o livro didático público de Arte e as Diretrizes Curriculares de Artes do Estado do Paraná para verificar se a estética e a Cultura Africana e Afro-Brasileira são contempladas ou silenciadas nesse material, tendo em vista que o livro foi publicado após a implementação da Lei nº 10.639/03, que instituiu a obrigatoriedade do ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira na Educação Básica, em especial nas áreas de Arte, Literatura e História.

No ano de 2018, Rodrigo Born defendeu sua tese na UDESC com a pesquisa **O livro didático de Artes Visuais como espaço expositivo: contribuições para o debate sobre a alienação do objeto de Arte**, sob orientação de Maria Cristina da Rosa Fonseca da Silva. O pesquisador investiga os livros de Arte selecionados pelo PNLD 2015, 2016 e 2017 e aponta possibilidades de elaboração e avaliação dos livros didáticos de Arte partindo do conceito de espaço de Arte. Ainda, o autor chama a atenção para um ponto relevante quando pontua que “entendeu-se que o livro didático pode cumprir um papel alienador, pois propõe ao estudante o contato com reproduções de obras legitimadas por circuitos específicos” (BORN, 2018, p. 10).

Sobre essa pesquisa, destaca-se o Capítulo 1: Mapeamento – em que ponto se encontra a fala sobre livros didáticos. Nele o autor buscou produções sobre livro didático; material didático, educativo ou paradidático; e caderno didático, no título do trabalho, no resumo e nas palavras-chave em artigos da ANPAP (Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas); dissertações e teses no Banco Digital da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) e na BDTD (Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações), entre os anos de 2005 e 2015.

Na ANPAP, o autor localiza seis (6) artigos científicos publicados em comitês voltados ao ensino da Arte. Ressalta-se que faz referência a dois textos escritos por Irene Tourinho com Livia Brisolla e Gisele da Silva. No Banco da CAPES os resultados não apresentavam relações com as Artes Visuais e no BDTD as três dissertações localizadas (ORLOSKI, 2008; DALLA ZEN, 2011; ZAUPA, 2013) têm foco temático no material didático (2) e na abordagem pedagógica (1).

Outra pesquisa desenvolvida na UDESC foi a dissertação<sup>23</sup> de Hiannay Freitas (2019), **A representação do Nordeste nos livros didáticos de Arte aprovados pelo PNLD**, com orientação de Maria Rúbia Sant’Anna. A autora analisa imagens dos livros de Arte para o Ensino Fundamental - Anos Finais (6º ano), na edição do PNLD 2017, para verificar como o Nordeste brasileiro é retratado na Coleção Projeto Mosaico.

Na perspectiva da Cultura Visual, a dissertação de Andréa Amorim (2020), **Relações de poder e de gênero nos livros didáticos de Arte do Ensino Fundamental**, orientada por Carla Luiza de Abreu na UFG, problematiza as imagens encontradas no livro didático de Arte. O foco da pesquisa foi observar as imagens e suas relações de poder e gênero nas duas Coleções aprovadas no PNLD 2017 para o Ensino Fundamental - Anos Finais, em livros para o 8º e 9º anos.

Outra pesquisa fundamentada no campo da Cultura Visual é a dissertação de Marcos Paulo Miranda (2020), **Artes Visuais no Ensino Médio: afastamentos e aproximações da prática pedagógica no uso do livro didático**, defendida na UFPB/UFPE, orientada por Luciana Borre Nunes. O objetivo foi investigar a prática

---

<sup>23</sup> O site da biblioteca da UDESC (<https://pergamumweb.udesc.br/biblioteca/index.php>) foi o local utilizado para consultar as dissertações e teses da IES e realizar o download dos respectivos arquivos em formato pdf. Porém, essa pesquisa específica consta como “não autorizada a publicação na íntegra”, disponibilizando apenas o resumo da dissertação.

pedagógica a partir de um dos livros de volume único para o Ensino Médio, intitulado **Arte em interação**, da Editora IBEP, para o PNLD 2018.

De forma resumida, as pesquisas sobre o livro didático de Arte poderiam ser categorizadas nas seguintes temáticas: prática pedagógica (3), representação, poder e gênero (2), espaço expositivo (1) e cultura (1). Percebe-se uma frequência de trabalhos relacionados à Cultura Visual, pois 57% dos pesquisadores mencionam essa abordagem. Ao observar as referências, destaca-se que três dissertações utilizam textos do educador espanhol Fernando Hernández e uma dissertação menciona a Cultura Visual, embora não faça referência específica a esse autor.

#### **b) Dissertações e teses sobre material didático no ensino da Arte**

As pesquisas que apresentavam em seu título a palavra-chave “material didático” são duas dissertações e uma tese. Porém, foram incluídas duas dissertações que utilizam termos similares, no caso, “produção de materiais” e “artefatos didáticos”, totalizando cinco trabalhos, entre dissertações (4) e tese (1).

Destaca-se a UFMG, com dois trabalhos desenvolvidos sob a orientação de Lucia Gouvêa Pimentel: a tese de Geraldo Loyola (2016), com o título **Professor-artista-professor: materiais didático-pedagógicos e ensino-aprendizagem em Arte**, e a dissertação de Ana Luiza Magalhães (2019), intitulada **Materiais Didático-Pedagógicos para o ensino/aprendizagem em Arte: relações no contexto escolar**.

No primeiro trabalho, o pesquisador propõe possibilidades para pensar o material didático-pedagógico a partir do depoimento de professores-artistas, contextualizando esse material “em conceitos semelhantes aos de pesquisa e criação artística, como proposições e/ou objetos estéticos que estimulam a criação e a compreensão de processos de ensinar e aprender Arte” (LOYOLA, 2016, p. 7).

No segundo trabalho, a autora investiga a relação dos professores com os materiais didático-pedagógicos, observando as necessidades, especificidades ou dificuldades de alguns docentes de Arte da Região Metropolitana de Belo Horizonte e as potencialidades de criação do professor/artista/pesquisador. Destaca a “necessidade de se refletir a respeito da elaboração, escolha e uso dos materiais didático-pedagógicos pela importância que esses podem assumir no processo de ensino/aprendizagem” (MAGALHÃES, 2019, p. 15).

Com a orientação de Maria Cristina da Rosa Fonseca da Silva, a pesquisa de mestrado de Stéfani Rocha (2015), **A formação dos licenciados em Artes Visuais no Projeto PIBID interdisciplinar UDESC: um estudo da produção de materiais para pessoas com deficiência**, defendida na UDESC, analisa as contribuições do PIBID na formação inicial do professor ao pensar a construção de jogos pedagógicos para a Educação Inclusiva. Teve como objetivo “investigar como se constrói a formação de professores de Artes Visuais em uma perspectiva interdisciplinar e inclusiva” (ROCHA, 2015, p. 15).

A dissertação de Nicolas Gualtieri (2017), **Experiências de mediação com artefatos didáticos no contexto da Educação a Distância da Universidade Federal de Goiás no Curso de Especialização África em Arte-Educação: construção de objetos pedagógicos**, defendida na UFG e orientada por Raimundo Martins, analisa as experiências de alunos participantes do curso de especialização intitulado “África em Arte-educação: construção de objetos pedagógicos”, oferecido na modalidade a distância.

Os estudos citados foram desenvolvidos no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais (ROCHA, 2015) e no Programa de Pós-Graduação em Arte e Cultura Visual (GUALTIERI, 2017).

A dissertação de Doacir Domingos Filho (2018), **A diversidade de gênero em materiais didáticos da disciplina Arte**, defendida no Programa de Pós-Graduação em Educação da UNICENTRO e orientado por Margarida Gandara Rauen, propõe um material suplementar aos livros didáticos de Arte ofertados para o Ensino Médio pelo PNLD. Segundo Domingos Filho, as “propostas pedagógicas objetivam auxiliar docentes da disciplina Arte a aumentarem a diversidade cultural dos componentes curriculares” (2018, p. 4) em conteúdos sobre a representatividade das artistas mulheres e da Arte Queer.

De modo geral, essas pesquisas sobre materiais didáticos poderiam ser categorizadas em: educação a distância (2), educação inclusiva (1), representação, poder e gênero (1) e prática pedagógica (1).

### **c) Dissertações e teses sobre metodologia para o ensino da Arte**

A busca por trabalhos com o descritor “metodologia” no título, relacionado ao ensino da Arte, resultou em uma dissertação produzida na UFPR no Programa de

Pós-Graduação em Educação e uma<sup>24</sup> tese no Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais na UFMG.

Em 2013, foi defendida na UFMG a tese **Instâncias da Orientação de Monografias de final de curso no ensino de Artes Visuais na modalidade a distância: a interterritorialidade com uso de estratégias didáticas e metodologia para construção de conhecimento**, de Fátima Barcelos, orientada por Lucia Gouvêa Pimentel. A autora utiliza o conceito de interterritorialidade no processo de orientação das monografias no curso de Artes Visuais e “investiga a viabilidade do uso de metodologia e instrumentos didáticos construídos, aplicados no ensino/aprendizagem presencial e trazidos para a modalidade a distância” (BARCELOS, 2013, p. 7). Ressalta-se que no conceito de interterritorialidade do conhecimento “está implícita a recusa da divisão do saber em disciplinas. A síntese cultural é mais ampla e mais abarcadora quando mapeamos territórios, desobedecendo a limites sem nem mesmo ter de restabelecê-los depois” (BARBOSA, 2010, p. 27).

A dissertação de Camila Lima (2020), **A competência artística do professor de Artes Visuais e os procedimentos didático-metodológicos: um estudo de caso de professores egressos da UEPG-PR**, defendida na UFPR sob a orientação de Adriane Knoblauch, analisa a competência artística de alguns professores (de escola pública ou privada) de Artes Visuais na cidade de Ponta Grossa em relação a procedimentos didático-metodológicos. A pesquisadora parte do pressuposto “que a competência artística do professor de artes visuais resulta de três elementos principais: a trajetória social, a formação acadêmica e a socialização profissional para a docência” (LIMA, 2020, p. 7).

Em síntese, o conjunto de buscas realizadas para a construção da problemática da dissertação permitiu indicar pontos relevantes que justificaram dar prosseguimento à pesquisa, focalizando os manuais escolares e o ensino de Artes Visuais.

Os resultados sobre os espaços de formação de professores para a Educação Básica mostram que os temas de maior aproximação com a ação didática são os menos explorados pelas pesquisas nos Programas de Pós-Graduação em Artes

---

<sup>24</sup> Durante a pesquisa localizou-se a tese **Design gráfico, Artes e Cultura Visual: experiências e entrecruzamentos metodológicos**, de Nicolas Gualtieri (2020), defendida na UFG. Após a leitura do resumo, verificou-se que as análises e as experiências foram realizadas no curso de Design Gráfico da mesma IES e, portanto, não será contabilizada.

Visuais ou similares. Por outro lado, no estudo realizado no caso do Paraná, que tem o maior número de cursos de Licenciatura em Artes Visuais, o levantamento também mostrou poucas pesquisas sobre esses temas no Programa de Pós-Graduação em Educação (que foi investigado por não existir Curso de Pós-Graduação em Artes Visuais no Estado).

Em especial sobre os manuais escolares, que são um recurso disponibilizado desde 2015 para as escolas públicas, poucas pesquisas foram localizadas e todas elas são voltadas aos livros didáticos, isto é, os que são utilizados nas aulas, pelos ou com os alunos. O levantamento evidenciou a ausência de estudos sobre os manuais pedagógicos ou didáticos, isto é, aqueles que são produzidos para orientar o professor no ensino das disciplinas escolares.

Assim, considerando-se também as dificuldades apontadas em relação ao ensino de Artes Visuais devido à forma como a disciplina de Arte está posicionada no currículo brasileiro e às condições pelas quais a disciplina toma sua existência real nas escolas, pode-se perguntar se os manuais de orientação ao ensino, que circulam nas culturas escolares desde o início do século XX, são entendidos como um elemento que contribui para a formação docente e se estão presentes nas bibliotecas dos cursos que formam professores para ensinar esta linguagem específica na Educação Básica.

Neste caso, estudar manuais de orientação aos professores para o ensino de Artes Visuais se justifica também a partir dos estudos realizados no NPPD: Bufrem, Schmidt e Garcia (2006); Garcia (2003, 2006), Hegeto e Garcia (2014), Rodrigues Junior (2015), Nascimento (2016), os quais apontam para a necessidade de ampliação de pesquisas sobre este objeto no caso de outras disciplinas escolares.

### 3 OS ESTUDOS DE MANUALÍSTICA: CONCEITUAÇÕES PARA SITUAR OS MANUAIS DESTINADOS À ORIENTAÇÃO DE PROFESSORES

Entre os componentes básicos da cultura material das instituições escolares, Viñao Frago (2008, p. 31) cita o material didático-pedagógico, também chamado de meios que o professor usa para ensinar e os alunos para aprender. O autor refere-se tanto aos materiais produzidos fora da escola e a ela destinados – como os manuais escolares, e aqueles que são produzidos no trabalho escolar, como os cadernos, por exemplo. Esses elementos de natureza material são componentes da cultura escolar, assim como as formas institucionalizadas de pensar e fazer, os rituais, cerimônias e modos de apresentação social, organização e ordenação (VIÑAO FRAGO, 2008, p. 29).

Todos esses elementos podem ser tomados como fontes para conhecer as culturas escolares. De forma complementar às elaborações desse autor, retoma-se aqui a contribuição de Dominique Julia (2001, p. 17) ao explicar que na falta de outros documentos, como os cadernos ou planejamentos do ensino, seria possível reconstituir práticas pedagógicas – certamente em parte – por meio das normas contidas nos programas oficiais. Aponta, então, três eixos para se realizar as análises: as normas e finalidades que regem a escola, o papel da profissionalização docente, e a análise dos conteúdos e das práticas (JULIA, 2001, p. 19).

Na esteira dessas contribuições, a análise tanto dos conteúdos e das práticas quanto dos materiais didáticos permite aos pesquisadores compreender a cultura escolar, na perspectiva de um “conjunto de *normas* que definem conhecimentos a ensinar e condutas a inculcar”, mas também de “*práticas* que permitem a transmissão desses conhecimentos e a incorporação desses comportamentos” (JULIA, 2001, p. 9, grifos no original). O autor ressalta que as normas e práticas respondem a “finalidades que podem variar segundo as épocas (finalidades religiosas, sociopolíticas ou simplesmente de socialização)” (2001, p. 10).

Mas a análise deve levar em conta também o corpo profissional que é responsável pela transmissão dos conhecimentos e condutas, a partir dos dispositivos que são produzidos para esse processo. E, para além da escola, a análise deve se estender às formas pelas quais a sociedade entende tais processos e definem modos específicos para que ele se realize.

Aceitando as contribuições dos teóricos referidos, o capítulo anterior desta dissertação focalizou questões relacionadas a elementos que permitem situar a disciplina de Arte, na especificidade das Artes Visuais, no âmbito da cultura escolar brasileira, em especial no que se refere a sua inserção nos currículos da Educação Básica nas últimas décadas, tomando como referência principal as legislações e a produção teórica sobre o tema. Também focalizou elementos relacionados à formação de professores, com especial atenção aos espaços de formação e a algumas determinações legais que marcam a profissão na disciplina específica.

O objetivo deste capítulo é colocar em foco um dos elementos que têm grande relevância nas culturas escolares quando se pretende analisar os conteúdos da escolarização e as práticas escolares – os manuais escolares. Sabe-se que uma das formas de difundir as orientações e recomendações sobre o ensino de uma determinada disciplina é através desses manuais. Trata-se de um suporte que apresenta os conhecimentos escolhidos por uma determinada sociedade, em uma determinada época, para transmitir seus valores e sua cultura; e os programas oficiais, quando existem, constituem a sua estrutura (CHOPPIN, 2001, p. 210).

Os manuais são definidos pelo autor como um objeto complexo. Em artigo sobre os livros e edições didáticas, Choppin (2004) relata as dificuldades ao realizar uma pesquisa histórica sobre eles: a definição do objeto livro escolar, o campo de pesquisa em suas condições de funcionamento, o recente crescimento de publicações sobre a temática que estão dispersas em diferentes países e a barreira linguística para conhecer os resultados das mesmas.

Segundo o autor (2004, p. 552), um problema inicial está na definição do objeto, seja o manual escolar ou o livro escolar. A leitura de trabalhos sobre o tema revela a diversidade de expressões utilizadas para nomeá-lo. Para ele, a complexidade na definição acontece porque a origem da literatura escolar está situada na fronteira de três gêneros literários: o religioso; o didático, técnico ou profissional; e o de lazer.

Para Choppin (2001, 2004), o manual escolar não é apenas um conceito. É um produto fabricado, difundido e consumido; sua produção material transformou-se com o processo tecnológico, e a comercialização, a distribuição e o custo dependem do contexto econômico e político. Nos últimos anos, os historiadores têm visto os livros escolares sob um viés ideológico e cultural ou uma ferramenta pedagógica. Mas o autor também sugere uma lista de características:

- funções: de natureza política (função ideológica e cultural); que organiza e transmite um conteúdo disciplinar (função programática); de ferramenta pedagógica (função instrumental); ou para desenvolver o pensamento autônomo do aluno, estimulando a crítica (função documental);
- limitações: na regulamentação, de ordem tecnológica, financeira ou comercial;
- outras características: a natureza do público-alvo; o uso (individual, coletivo, em casa, na escola, em arquivos); se o ensino é para um grupo homogêneo ou heterogêneo; os objetivos atribuídos à formação (como a simples memorização dos conteúdos ou o desenvolvimento crítico); os métodos pedagógicos; o desenvolvimento de outras ferramentas pedagógicas; os processos (explícitos ou implícitos) de escolha; e o nível de formação dos docentes.

Essas características exemplificam a complexidade dos manuais escolares e sugerem também a complexidade dos caminhos investigativos para o estudo do tema. Este capítulo foi estruturado para trazer elementos que foram tomados como referenciais no desenvolvimento da pesquisa e inicialmente procurou-se trazer argumentos para justificar sua inclusão no campo da manualística. Em seguida, considerando-se as dificuldades de definição e conceituação apontadas por Choppin, foram estabelecidos elementos para diferenciar alguns tipos de manuais escolares que circulam na cultura escolar e, então, situar aqueles que foram escolhidos como foco de atenção na dissertação.

### 3.1 MANUALÍSTICA: UM CAMPO DE PESQUISA

Um novo campo intelectual, a *manualística*, agrupa os estudos de desenvolvimento discursivo, análise genealógica e observações empíricas do livro como objeto de conhecimento (ESCOLANO, 2012, p. 47), em torno da história dos modos de elaboração, produção e uso dos livros escolares, perspectiva fundamentada nas concepções de Agustín Escolano Benito (2004, 2006, 2009, 2012).

Apesar de ser um objeto cuja presença persiste há séculos na cultura escolar, diferentes autores apontam que há poucas décadas ele era desprestigiado entre pesquisadores da educação. Não se dava a devida atenção aos manuais escolares,

pois eles eram associados à ideia de materiais pouco valiosos diante de outros gêneros, uma literatura didatizante, cheia de erros e plágios, com conteúdos reducionistas, moralizante. Por esse desprestígio, muitos livros sequer estão nos catálogos das bibliotecas (ESCOLANO, 2004, p. 40).

A partir dos anos 1960, segundo Choppin (2004), as renovações na historiografia da Educação contribuíram para que os manuais escolares começassem a ser valorizados como fontes para o estudo das culturas escolares, em suas diferentes dimensões e nos seus elementos constitutivos. Assim, em diferentes países o interesse crescente valorizou este objeto e estimulou ações para preservação e organização de acervos.

Nessa nova perspectiva, o interesse se estende para além do próprio livro, para as relações com os contextos de produção, uso e consumo; trata-se de uma perspectiva mais social e cultural que as abordagens anteriores, tradicionais, nas quais o interesse se dirigia às “produções maiores”. Deve-se ressaltar que se ampliou a compreensão sobre o fato de que, em muitos casos, os manuais escolares se constituíam (e em certas condições se constituem ainda) no único material impresso a circular em determinados estratos sociais (ESCOLANO, 2009, p. 171). A observação se aplica ao caso brasileiro, no qual é reconhecido o limite de acesso à leitura em decorrência da ausência de bibliotecas e do alto custo dos livros.

Pelas suas características e funções, o manual escolar é entendido como um espaço de memória, pois materializa e reflete, nos programas que concretiza, a cultura escolar de uma determinada época, as imagens e valores dominantes da sociedade que produz e utiliza esses impressos, bem como os modos de comunicação e apropriação dos conteúdos da instrução formal (ESCOLANO, 2004, p. 43).

Segundo o autor (2004, p. 43-45), esse material é um espaço de memória quando abrange algumas funções:

- suporte curricular: veicula o conhecimento acadêmico, em uma redução da cultura materializada aos limites e espaços de um manual. Pode ser entendido como currículo editado, uma versão escrita pelos autores do texto com base no currículo prescrito;
- espelho da sociedade: caracteriza o pensamento dominante de uma determinada época, representando seus valores, atitudes, estereótipos e ideologias, abrindo perspectivas de análise do que se configura como currículo oculto ou currículo visível;

- impressão digital, modos e processos de comunicação pedagógica: são as estratégias didáticas que se relacionam com as práticas utilizadas pelos professores na escola. Portanto, os manuais são um espaço de memória dos métodos de ensino e aprendizagem usados no desenvolvimento do programa escolar.

De acordo com Gabriela Ossenbach (2013, p. 107), algumas linhas de investigação se esgotaram, na Espanha, em sua possibilidade de contribuir desde o campo da História a uma teoria da Cultura Escolar. A autora reflete sobre questões metodológicas que afetam a investigação histórica sobre os textos escolares, que permitam avançar em novas direções. Um campo pouco explorado, segundo ela, é aquele relacionado à História das disciplinas escolares (OSSENBACH, 2013, p.112).

Para ela, com a internacionalização da Base de Dados do Centro de Investigación Manuales Escolares (MANES) em 2005, na Espanha, criaram-se expectativas de agrupar os estudos realizados em Portugal, Bélgica e alguns países da América Latina. Isso poderia abrir portas para a digitalização e a criação de bibliotecas de textos escolares, que ampliariam as possibilidades de consulta das coleções especializadas de livros de texto, nem sempre de fácil acesso (OSSENBACH, 2013, p. 109-110).

Em um estudo introdutório sobre as linhas de investigação sobre os manuais escolares, Guereña, Ossenbach e Pozo (2005) destacam quatro tendências predominantes na investigação de natureza histórica sobre o tema: a edição escolar; os manuais para formação de professores; enfoques disciplinares; e identidades nacionais, modelos e influências.

Tais estudos permitem análise sobre currículos e programas; contudo, a atenção dos pesquisadores esteve mais voltada para as disciplinas relativas ao campo das Ciências Humanas, restando como desafio ainda o avanço nos estudos sobre disciplinas no âmbito das Ciências Naturais e outros campos disciplinares.

Ainda, os trabalhos dos autores ligados ao Grupo MANES apontam também a existência de lacunas no que diz respeito aos livros que são produzidos para formar professores. Guereña, Ossenbach e Pozo (2005, p. 26) fazem referências ao estudo mais frequente de manuais de Pedagogia, mas indicam a importância e a necessidade de ampliar para outros manuais que são destinados à formação de professores, como aqueles que abordam as metodologias de ensino. Esta foi a intenção definida para

esta dissertação, em que se buscou contribuir para uma aproximação com os livros de orientação aos professores para ensinar Artes Visuais.

Ainda que sem esgotar as inúmeras questões sobre a pesquisa no tema dos manuais escolares que circulam nas obras dos especialistas, os elementos trazidos podem contribuir para a defesa da ideia de que, para além da história dos manuais, a “corrente de estudos” que se volta a esse objeto da cultura escolar, inclusive os de natureza etnográfica, sugere um novo âmbito de estudos que Escolano (2009, p. 172) denominou de “manualística”.

No âmbito do NPPD/UFPR, grupo no qual se insere esta dissertação, a posição de Escolano em relação ao surgimento e à consolidação desse campo de estudos encontra ressonância com o desenvolvimento, nas duas últimas décadas, de pesquisas em diferentes abordagens, especialmente no espaço de diálogo entre a Didática Geral e as Didáticas Específicas.

No campo da manualística, há uma questão central relacionada à complexidade dos manuais como objeto de estudo: a sua definição e classificação. Muitas vezes, os termos são apresentados como sinônimos e dificultam um entendimento mais claro sobre a natureza de cada material ou recurso didático. Portanto, na intenção de esclarecer o ponto de vista tomado nessa pesquisa, organizam-se aqui algumas definições a partir de pesquisadores que contribuíram com conceitos de manuais didáticos e livros didáticos.

### 3.2 CAMINHOS CONCEITUAIS: UM TRAJETO PARA DEFINIÇÃO DOS MANUAIS ESCOLARES

Ossenbach e Somoza (2001, p. 15) destacam que definir e classificar os manuais escolares “pode resultar em uma tarefa muito complexa, como complexo é o objeto de investigação” (em tradução livre da autora). Mas ressaltam um sentido moderno do termo, vinculado ao método de ensino simultâneo usado pelos Irmãos das Escolas Cristãs de La Salle no século XVII, na França: uma obra sistemática, sequencial, de produção em série e em massa, para uso dos alunos, para o trabalho homogêneo em uma mesma classe.

No desdobramento das transformações da escola moderna, em direção à contemporaneidade, a complexidade se traduz na necessidade de pensar os manuais

impressos com seus complementos e derivações (cadernos de atividades, por exemplo), mas também em sua existência em outros suportes que não o impresso – o livro texto digital, as conexões, o hipertexto.

Aos pesquisadores impõe-se, então, a necessidade de escolher como definir seu objeto de pesquisa, sem desconhecer os limites e os entrecruzamentos que certamente ocorrerão.

### 3.2.1 Os livros didáticos

O livro didático não é um simples espelho: ele modifica a realidade para educar as novas gerações, fornecendo uma imagem deformada, esquematizada, modelada, frequentemente de forma favorável: as ações contrárias à moral são quase sempre punidas exemplarmente; os conflitos sociais, os atos delituosos ou a violência cotidiana são sistematicamente silenciados. E os historiadores se interessam justamente pela análise dessa ruptura entre a ficção e o real, ou seja, pelas intenções dos autores (CHOPPIN, 2004, p. 557).

No emaranhado de relações que envolvem os manuais escolares, o livro didático pode ser entendido além de um espelho, como uma tela. Segundo Choppin (2004), é preciso “prestar atenção àquilo que eles silenciam, pois se o livro didático é um espelho, pode ser também uma tela” (CHOPPIN, 2004, p. 557).

E o que caracteriza um livro como didático?

De acordo com Antônio Batista (1999, p. 542), são “tanto produzidos quanto impressos tendo em vista o mercado escolar”. O público-alvo, aqueles que o utilizam no dia a dia, são os professores e os alunos. E assim como disse Julia (2001, p. 34), “o manual não é nada sem o uso que dele for realmente feito tanto pelo aluno quanto pelo professor”. Esse autor também alerta para o cuidado ao tratar a fonte e não ocasionar um equívoco cronológico ao retratar outra época.

Segundo Escolano (2012), para além de ser um texto escolar, ele é produto de um conjunto de características que incluem o formato, a capa, a diagramação interna, as estratégias ilustrativas, e seu leitor implícito. Trata-se aqui da versão impressa, na qual a forma do livro é inconfundível: a tipografia e as cores da capa, a organização e a distribuição do conteúdo nas páginas para orientar a leitura, a combinação entre elementos textuais e visuais, e para qual leitor é destinado. Sobre o livro digital, o autor afirma que acontece uma adaptação do impresso, influenciado pelas culturas escolares (ESCOLANO, 2012, p. 35).

Pode-se entender o livro como um meio para a transmissão e a conservação da herança cultural, de uma tradição seletiva, na perspectiva analisada por Forquin (1992). As sociedades, como já referido, fazem seleções a partir do material cultural disponível e definem os conhecimentos, condutas, habilidades, concepções, valores que consideram necessários para as novas gerações. Parte da cultura é esquecida, abandonada, em razão de diferentes motivos.

Segundo Escolano, a forma de escrita do texto escolar expressa teorias pedagógicas implícitas e padrões de comunicação que formam um “microsistema instrutivo”, completo e em parte, autônomo, que assegura a funcionalidade da escola. O livro escolar resulta ser um espelho refletindo vestígios da sociedade que o produz, a cultura ao seu redor, a sua circulação e a pedagogia reguladora de suas práticas e usos (ESCOLANO, 2004, p. 39-40).

Por isso, o livro é visto como um espaço de memória. Portanto, a pesquisa que se utiliza dessa fonte tem, entre outras, a possibilidade de identificar elementos do processo de constituição de uma disciplina escolar a partir desses registros impressos, das marcas que ficam assinaladas nesse objeto da cultura escolar que Escolano denomina objeto *huella*.

Entre os elementos, podem-se conhecer as escolhas e seleções do conhecimento a ser ensinado, que constituem os currículos formais e os programas que de alguma forma influenciam o conteúdo dos livros. Essa função programática é reconhecida por Choppin (2004), mas não pode ser entendida no sentido de uma via de mão única: os livros correspondem aos currículos oficiais, mas também atuam sobre a sua elaboração.

Outra função a destacar diz respeito à função que os livros didáticos cumprem enquanto portadores de modos de ensinar. Ao propor sequências, formas de articulação entre assuntos, atividades, exercícios em certa ordenação, a função instrumental do livro didático destacada por Choppin (2004) se manifesta. Assim, de forma indireta, eles sugerem caminhos metodológicos pela forma como estão organizados.

Aproximando essas questões da realidade brasileira, destaca-se a existência do Programa Nacional do Livro Didático (1985-2017), denominação alterada para Programa Nacional do Livro e do Material Didático em 2017. Por meio dessa política pública, livros didáticos têm sido distribuídos para alunos das escolas públicas, após

processos de avaliação, com critérios relativos a conteúdos, características, formas gráficas e também à construção da cidadania.

Em seu início, o PNLD não atendia todas as disciplinas escolares. Ao longo da sua existência, outras áreas foram incluídas e o atendimento foi gradativamente estendido a todas as disciplinas e a todos os níveis e anos da escolaridade básica. Qual seria o motivo dessa presença? Por pressão das editoras, já que o livro é uma mercadoria, como apontam Apple (1995) e Cassiano (2007)? Por carência de material nas escolas públicas brasileiras? A par das transformações nos sistemas educativos e nas sociedades, na vida escolar, como apontam muitos autores, os livros continuam presentes, ainda que de formas múltiplas e com diferentes funções.

Outras questões podem ser formuladas e podem contribuir para compreender as culturas escolares: quem são seus autores? Esses autores permanecem circulando nos cursos de formação inicial, como elementos de uma tradição da escrita/do ensino? Na perspectiva desse mercado, os clássicos vendem maior quantidade do que aqueles que apresentam novas proposições e metodologias?

Nesta dissertação, assume-se que os livros didáticos, então, são livros para ensinar o conteúdo das disciplinas escolares e são destinados ao uso dos alunos nas escolas, públicas ou privadas. No caso brasileiro, há especificidades decorrentes do PNLD: nas escolas públicas, alguns são usados apenas por um aluno em cada edital – são consumíveis; outros são usados a cada ano por um aluno diferente, em ciclos de três ou quatro anos regulamentados pelos editais do Programa.

As funções desse tipo de livro, que aqui se denomina livro didático, estão voltadas ao uso pelos alunos, em aula ou para trabalhos em casa. O professor pode usá-lo como um instrumento para auxiliar na elaboração do seu plano de aula, mediar o conteúdo e as atividades propostas aos alunos. No caso das aulas de Arte, na falta de um projetor ou de pranchas impressas, pode-se utilizar as imagens como as obras de Arte para o trabalho nas aulas. Desde 2015 essa opção está colocada para professores da disciplina, ainda que não se possa esquecer que se trata de um livro para o ensino das quatro linguagens artísticas, o que traz à luz a questão da polivalência, já apontada no capítulo anterior.

Além de veicularem concepções e apresentarem os conhecimentos selecionados para o ensino, estes livros também concretizam formas de ensinar que foram estruturadas pelos autores ou editores. Em particular, destaca-se aqui que as obras do PNLD devem incluir uma seção especificamente destinada aos professores,

com a finalidade de apresentar a proposta da obra, dar orientações sobre o uso do livro, mas também devem explicitar a concepção que organiza a obra, seus fundamentos teóricos e metodológicos, formas de avaliar o aluno, recursos complementares, entre outras orientações e sugestões.

Com relação ao livro didático para o ensino de Arte, em trabalho anterior (CONFORTE, 2017) foram analisadas duas obras do edital PNLD 2015. Nele, se explica que:

O edital do PNLD 2015 coloca como opção para a escolha dos professores em toda a rede pública de ensino do Brasil os livros “Arte e interação”, da editora IBEP (Instituto Brasileiro de Edições Pedagógicas), e “Por toda a parte”, da editora FTD (Frère Théophile Durand). Trata-se de livros consumíveis, ou seja, estes materiais não precisam ser devolvidos após a utilização e são livros de um volume único para os três anos do Ensino Médio (CONFORTE, 2017, p. 8).

Ainda com relação a esta edição do PNLD Arte, foram destacadas algumas questões presentes no Guia, material preparado para orientar as escolhas dos professores e escolas, que explica o seu conteúdo e sua finalidade:

O Guia de Livros Didáticos - PNLD 2015 (...) Ensino Médio (BRASIL, 2014, p. 14) apresenta as condições básicas para sua estruturação: vigência de três anos; negociação do FNDE com autores e editores; reserva técnica e seus limites; e o registro em ata da reunião de escolha dos livros. As recomendações gerais para os docentes enfocam a adoção dos livros de acordo com o Projeto Político-Pedagógico (PPP) da escola. Contudo, como indicado anteriormente, a reclamação dos professores é referente ao curto prazo de tempo e à maneira como é realizada. O guia (BRASIL, 2014, p. 15) sobressalta o fato de a escolha ser coletiva por professores da mesma disciplina para direcionar um debate crítico entre os mesmos e facilitar as possíveis trocas de alunos (para outras turmas) na mesma escola (CONFORTE, 2017, p. 20).

Apesar da existência do PNLD e de seus processos avaliativos, a pesquisa realizada apontou a necessidade de aperfeiçoamento dos livros de Arte destinados aos alunos do Ensino Médio. De forma sintética, os resultados (CONFORTE, 2017) apontaram que:

- as imagens presentes nos livros (no capítulo analisado) são pouco exploradas e cumprem função ilustrativa, consolidam a arte ocidental hegemônica e, em particular, a norte-americana; não remetem às experiências culturais dos alunos – seus contextos e experiências,

revelam a distância entre a Arte (nessa forma de ensino apresentada pelos livros) e as coisas do mundo;

- os textos, as imagens e as atividades analisadas mostraram a falta de direcionamento no sentido de estabelecer processos de compreensão que permitam desvelar posições de poder ou identidade;
- as atividades dos livros didáticos, por si só, não instigam a novas problemáticas, pois não aprofundam uma visão reflexiva sobre as imagens existentes, apenas contextualizam as questões superficialmente. Não foram localizadas propostas para os alunos elaborarem narrativas visuais próprias, por processos e meios diversos.

Outras pesquisas têm sido divulgadas sobre os livros didáticos destinados aos alunos, na medida em que a disciplina passou a fazer parte dos livros adquiridos pelo PNLD. Acredita-se que a permanência da Arte no programa atuará como estimuladora de pesquisas e de desenvolvimento dos livros didáticos, como ocorreu com outras disciplinas escolares, desde as décadas de 1980 e 1990.

Ao finalizar esta seção, destaca-se que no PNLD o livro didático é entendido também como um instrumento de formação de professores (e essa função está explícita nos editais do programa), o que remete à discussão do segundo tipo de manual escolar.

### 3.2.2 Os manuais pedagógicos e os manuais didáticos: algumas diferenciações

O segundo tipo de manuais escolares destacado nesta dissertação é diferente dos livros didáticos antes conceituados. Os manuais pedagógicos, segundo Vivian Batista da Silva (2018), são textos usados em cursos para formar professores e, assim, produzem e fazem circular conhecimentos especializados da profissão (SILVA, V., 2018).

Segundo Garcia e Silva (2019), apoiadas em trabalhos como o de Tanuri (2000), esses manuais circulam no país desde o final do século XIX e apresentam-se com características diferenciadas, apesar de serem voltados à formação de professores:

Desde que esses textos começaram a ser publicados no Brasil, na década de 1870, as disciplinas dirigidas à formação docente tiveram diferentes denominações, assumiram várias configurações e resultaram do esforço em garantir aos futuros professores, cada vez mais, uma formação pedagógica específica (GARCIA; SILVA, 2019, p. 137).

Eles cumpriram função relevante na constituição dos conhecimentos necessários ao exercício profissional docente e as mesmas autoras destacam os conteúdos veiculados por esses manuais:

Ora apresentando recomendações sobre como proceder em sala de aula, ora reunindo teorias de ensino, ideias de pedagogos, ora ensinando a usar técnicas de ensino, as obras que aqui interessam ainda são publicadas, em uma variedade de formas textuais que permanecem articuladas em torno de prescrições e compilações (GARCIA; SILVA, 2019, p. 137).

Os manuais se transformaram ao longo desse tempo, mas se mantêm também como uma permanência nas culturas escolares brasileiras. Uma primeira questão sobre eles, tomando como referência as mesmas autoras, é que até na década de 1970 eram destinados especialmente a docentes formados ou em formação nas Escolas Normais e em seguida nos cursos de Magistério, conforme a reforma da Lei nº 5.692/71.

Um segundo ponto a ressaltar é que os manuais privilegiam focos temáticos diferentes ao longo do tempo, respondendo a demandas específicas de cada momento da história da formação docente no país. Assim, por exemplo:

[...] os manuais de finais do século XIX e anos iniciais do século XX privilegiam as questões de organização da escola (matrícula dos alunos, condições do prédio, modelos de aula, entre outros elementos) e de definição do papel do professor, o que pode ser explicado pelo fato de que aquele era um momento inicial de ordenação dos sistemas escolares em cada país (GARCIA; SILVA, 2019, p. 139).

Do ponto de vista dos estudos sobre esses manuais no Brasil, destaca-se a tese de doutoramento de Vivian Batista da Silva, defendida na Universidade de São Paulo em 2006 e publicada posteriormente como livro pela UNESP (SILVA, V., 2018). Entre os vários méritos da obra, encontra-se uma lista de manuais pedagógicos publicados entre 1870 e 1970 no Brasil e em Portugal, organizados em ordem cronológica, e com edições e reedições. Trata-se de uma contribuição valiosa para os interessados em estudar as obras destinadas à formação de professores, em especial

nas Escolas Normais, mas que possivelmente também foram utilizados em outros espaços formativos.

Entre as obras que são denominadas pela autora de manuais pedagógicos estão listados títulos de Pedagogia, Didática, Prática de ensino, Metodologia de ensino, Fundamentos da educação. Segundo a autora (SILVA, V., 2018, p. 47), mais do que “produtos da *cultura escolar*” (grifo no original), os manuais pedagógicos influenciaram “a constituição de um corpo de conhecimentos especializados, os quais sustentaram a profissão docente”, evidenciando também os embates para a afirmação da Pedagogia e da Psicologia como ciências, no final do século XIX e início do século XX.

O trabalho de Vivian Batista da Silva (2018) destaca a dificuldade na conceituação dos manuais escolares e opta por uma conceituação específica de manuais pedagógicos em função do seu objetivo de analisar os saberes que circularam na formação inicial de professores. Os critérios definidos (SILVA, V., 2018, p. 96) por ela incluem apenas os destinados ao magistério primário e que focalizam os elementos fundamentais do ensino e excluem os livros de Ciências de Educação e os de Didáticas Específicas das disciplinas.

Nesse ponto é que se localiza o interesse desta dissertação, uma vez que, segundo apontado por Guereña, Ossenbach e Pozo (2005), os manuais destinados aos professores ainda são pouco estudados em contextos ibero-americanos. Apesar do tempo transcorrido desde essa publicação, a situação pouco mudou em relação aos estudos sobre essas obras que têm sido caracterizadas como manuais pedagógicos. Assim, dedica-se a seguir a parte final do capítulo para estabelecer algumas diferenciações entre esses manuais e situar algumas pesquisas que avançaram em relação ao tema, em especial no Brasil, e mostraram possibilidades para esta dissertação.

Entre a Didática e a Didática Específica não há distanciamento ou aproximação e talvez seja mais adequado pensar em uma integração entre ambas, como se observa no texto de José Libâneo (2008):

Sendo assim, a didática não se sustenta teoricamente se não tiver como referência de sua investigação os conteúdos, a metodologia investigativa e as formas de aprendizagem das disciplinas específicas. Do mesmo modo, não há como ensinar disciplinas específicas sem o aporte da didática, que traz para o ensino as contribuições da teoria da educação, da teoria do conhecimento, da psicologia do desenvolvimento e da aprendizagem, dos métodos e procedimentos de ensino, além de outros campos, como a antropologia, a filosofia, etc. A didática generaliza as leis da aprendizagem transformando-as em princípios didáticos comuns para o ensino das disciplinas específicas (LIBÂNEO, 2008, não p.).

Ainda que seja uma posição interessante e justificada, sabe-se que existem publicações voltadas ao campo de produção científica e à disciplina escolar. Na categoria de manuais destinados aos professores, podem-se incluir os livros de Didática Geral, de Didática Específica e de Metodologia do Ensino para diferentes disciplinas escolares.

No artigo “Significados da Didática como disciplina escolar nos manuais de Didática Geral”, Léia Hegeto e Tânia Braga Garcia (2014) afirmam que a análise desses materiais se sustenta não apenas porque são obras que estão presentes nos cursos de formação de professores, mas também em bibliografias para concursos nas redes de ensino. Observam ainda que as sucessivas reimpressões desses livros, ao longo de décadas em alguns casos, são um indício que eles continuam sendo utilizados. Eles também podem ser encontrados em planos de aula e ementas nos cursos de licenciatura.

Ao realizar o levantamento de obras em circulação, as autoras constataram a existência de dois tipos de obra, cujos conteúdos estão relacionados, mas têm especificidades: há conteúdos “sobre” a Didática ou conteúdos “de” Didática. Esta segunda classificação se refere especialmente aos “livros que se organizam para apresentar, aos professores, conteúdos necessários ao exercício de ação docente, do ponto de vista da Didática Geral” (HEGETO; GARCIA, 2014, p. 29).

Leilah Bufrem, Maria Auxiliadora Schmidt e Tânia Braga Garcia (2006), em investigação sobre os manuais de Didática e Metodologia do Ensino de História, pontuam alguns conceitos que serão apresentados aqui com o objetivo de estabelecer uma distinção entre essas publicações que “ensinam a ensinar”. Segundo as autoras, para a pesquisa sobre manuais destinados aos professores, é necessário definir alguns parâmetros de distinção em relação a outros tipos de manuais escolares:

Em primeiro lugar, é necessário distingui-los dos manuais nos quais o conteúdo principal é o conhecimento propriamente dito. Por exemplo, em se tratando de manuais de didática destinados a professores de História, eles não abordarão a especificidade de certos conteúdos a serem ensinados, como os conteúdos de História Antiga, Medieval, Moderna, Contemporânea e História do Brasil, tratados didática e graficamente com a finalidade do ensino/aprendizagem da História pelos alunos. No caso dos manuais destinados a professores, trata-se também de uma gama de saberes que podem ser incluídos nos saberes e práticas próprios da Didática das disciplinas. Neste sentido, o conteúdo destes manuais pode ser apreendido como um conjunto de saberes destinados a uma introdução formal para o ensino de certas disciplinas nas escolas Fundamental Média, exercendo a função de mediação entre o conhecimento científico específico e os modos de ensiná-lo na sala de aula (BUFREM; SCHMIDT; GARCIA, 2006, p. 123).

As autoras identificaram, nos livros de 1930 a 1970, três variantes:

- manuais de Didática Geral, que apresentam uma parte de conteúdos para o ensino das disciplinas específicas;
- manuais de Didática Específica para o ensino de uma disciplina escolar específica, escritos por professores, no caso da História;
- manuais produzidos sob a chancela do Estado.

Após a análise da produção específica, as autoras categorizaram os manuais encontrados em três grupos: obras que incluem a Didática enquanto parte da Metodologia; manuais de caráter didático-metodológico em que a Didática é tomada numa perspectiva mais ampla; e Manuais em que a Didática é tomada enquanto conjunto de procedimentos técnicos para o ensino (BUFREM; SCHMIDT; GARCIA, 2006, p. 126-127).

Ainda que o tema dos manuais para professores seja avaliado como pouco frequente no conjunto das pesquisas sobre manuais escolares, registra-se a trajetória do NPPD na ampliação desse tipo de estudo. Além da tese de Hegeto e Garcia (2014), já referida, que mapeou a produção de obras de Didática Geral, destacam-se aqui as pesquisas de Rodrigues Júnior (2015), que focaliza os manuais de Didática da História, e a de Nascimento (2016), que focaliza os manuais de Didática das Ciências Naturais e da Física.

Dentre as contribuições específicas em cada caso, retiram-se algumas que ambos fazem ao campo de estudos dos manuais para professores. Uma primeira refere-se à diversidade de obras que se propõem a orientar o ensino de cada uma dessas disciplinas, o que abre possibilidades de investigações sobre diferentes propostas e abordagens que circulam no campo.

Outra contribuição diz respeito à constatação de que ao longo das últimas décadas cresceu significativamente o número de obras que ambos os pesquisadores localizaram, nos dois campos disciplinares. Uma das razões apontadas por eles foi a existência de um programa federal de aquisição de obras para as escolas, inclusive obras técnicas para professores. Segundo informações disponíveis no site do MEC, o PNBE desenvolvido desde 1997 “tem o objetivo de promover o acesso à cultura e o incentivo à leitura nos alunos e professores por meio da distribuição de acervos de obras de literatura, de pesquisa e de referência” (BRASIL, 2022).

Destaca o site que o PNBE do Professor “tem por objetivo apoiar a prática pedagógica dos professores da educação básica e também da Educação de Jovens e Adultos por meio da avaliação e distribuição de obras de cunho teórico e metodológico” (BRASIL, 2022). O Estado, assim, estimulou a produção editorial de obras destinadas aos professores e, entre essas, as obras de Didática e Metodologia do Ensino.

Uma terceira contribuição dos trabalhos citados diz respeito às relações entre esses manuais e a produção acadêmica sobre o ensino das disciplinas. Em ambos os casos, os pesquisadores constataram que ao longo do tempo a autoria das obras foi incluindo a presença de quadros especializados da Universidade, além dos professores especialistas da Educação Básica. Pode-se sugerir uma valorização dos manuais escolares como objetos científicos.

Retoma-se aqui a afirmação de Escolano (2009) de que os manuais escolares estão ligados à cultura profissional de professores e, assim, seu estudo pode contribuir para a compreensão das diferentes dimensões que constituem as culturas escolares. Podem-se entender relações com a dimensão político institucional, inclusive as ações do Estado; a dimensão acadêmica pela relação com a produção científica no campo; e, finalmente, a dimensão pragmática, pela relação entre as obras e as práticas de ensino concretizadas nas escolas.

No caso específico das Artes Visuais, esta dissertação foi em busca de uma aproximação com esses e, nos limites impostos pelas condições de realização da pesquisa em 2020 e 2021, o capítulo seguinte apresenta os resultados desse trabalho, entendido como de natureza exploratória, em direção a aprofundamentos futuros.

#### **4 MANUAIS DESTINADOS À FORMAÇÃO DE PROFESSORES: CONHECIMENTO DIDÁTICO-PEDAGÓGICO EM CIRCULAÇÃO NAS BIBLIOTECAS DOS CURSOS DE LICENCIATURA NO PARANÁ**

Como se procurou evidenciar ao longo do texto, os manuais escolares são uma permanência nas culturas escolares. Também foram evidenciadas suas funções, analisadas por autores como Choppin e Escolano. Eles são artefatos culturais, são recursos para o ensino, são mercadoria e espaços de memória, entre outras características que foram apontadas por pesquisadores em diferentes contextos e países. Para além disso, fazem parte da cultura profissional dos professores.

No contexto da formação docente, um objeto que contribui para a circulação dos conhecimentos sobre o ensino de uma disciplina é o manual escolar. Mesmo o livro didático, prioritariamente destinado aos alunos, coloca em evidência a forma de organizar o conteúdo e de organizar as atividades que podem ser apropriadas pelos professores ao utilizá-los com seus alunos. Assim, cumpre também a função instrumental indicada por Choppin (2004).

Mas, em especial, aqui são focalizados os manuais didáticos, denominação que se refere nesta dissertação, com apoio em trabalhos ligados ao NPPD/UFPR, àqueles com características específicas no sentido de que apresentam aos professores orientações sobre questões didáticas e metodológicas, relacionadas diretamente ao ensino e à aprendizagem. Como indicado por Rodrigues Júnior (2015), eles não são um conjunto homogêneo, mas alguns se destacam exatamente por propor uma forma de organização articulada entre os elementos didáticos.

Apesar dos limites impostos pela pandemia, que impediu o acesso às obras físicas para sua análise quanto aos conteúdos propostos, objetivo que será projetado para artigos e pesquisas futuras, este capítulo discutirá os resultados do trabalho empírico realizado na busca por manuais didáticos que orientam o ensino de Artes Visuais. Assim, nas condições de realização de buscas pela internet, optou-se por verificar sua circulação nas bibliotecas dos cursos de formação de professores para esta disciplina, no Estado do Paraná.

Retoma-se, aqui, o debate sobre a não valorização desses manuais, durante muito tempo, apesar de sua circulação intensa nas culturas escolares. No caso brasileiro, como evidenciado por Vivian Batista da Silva (2018), eles foram responsáveis pela difusão de concepções e de procedimentos para o ensino,

contribuindo para a configuração de práticas profissionais e para a formação de normalistas. Mas não apenas isso.

Professores especialistas de cada disciplina escolar têm produzido e utilizado esse tipo de manual para difundir concepções e procedimentos de ensino próprios de cada campo de conhecimento, produção didática que tem recebido atenção em pesquisas do NPPD/UFPR, mas que ainda é considerada como incipiente, não apenas no Brasil. Em direção a esses manuais didáticos, a dissertação se estruturou na forma como apresentada nos capítulos anteriores, evidenciando a relação entre a disciplina de Arte (Artes Visuais), a formação de professores e os manuais escolares como um artefato das culturas escolares que contribui para a configuração desse ensino.

O capítulo final foi, então, estruturado em duas seções, que descrevem os objetivos e procedimentos do estudo empírico realizado para ir ao encontro dos manuais didáticos, os dados do mapeamento nas IES do Paraná e uma síntese analítica dos resultados encontrados quanto aos manuais de orientação nas bibliotecas das Instituições, segundo dados disponibilizados na rede, uma vez que não foi possível acesso aos acervos físicos.

#### 4.1 OS OBJETIVOS E OS PROCEDIMENTOS DE PESQUISA

A pesquisa empírica foi desenvolvida em diferentes fases, conforme indicado no início deste texto, e aqui são recuperadas apenas algumas informações que permitem situar o percurso de forma articulada para a produção da dissertação, com destaque à etapa final.

1. O ponto de partida foram questionamentos em torno dos manuais voltados a orientar os professores de Arte, que conduziam à análise de materiais disponíveis no NPPD/UFPR. O projeto se caracterizava como uma pesquisa no campo da manualística, na perspectiva de outros estudos do grupo. A necessidade de isolamento determinada pela pandemia do COVID-19 alterou os planos iniciais e os objetivos foram retomados, dada a impossibilidade de acesso aos manuais do acervo.

2. A revisão dos objetivos e condições do projeto: levou a um estudo de natureza exploratória para situar novas questões de pesquisa a partir de dados disponibilizados nas redes, relacionados ao ensino de Arte, formação de professores

e manuais escolares. As buscas realizadas nos títulos de dissertações e teses para localizar produções sobre ensino de Artes Visuais, e em especial os manuais, resultaram em um mapeamento que gerou novas questões e, a partir dele, o foco da pesquisa foi redefinido.

3. O estudo exploratório sobre a formação para ensinar Arte: foi possível localizar cursos de formação de professores de Arte no Brasil, bem como a existência de Programas de Pós-Graduação com diferentes denominações e espalhados nos estados brasileiros de forma heterogênea. Também foi possível demarcar temporalmente o aparecimento de dois trabalhos sobre livros didáticos em 2009, o que contribuiu para definir o recorte temporal da pesquisa entre 2009 e 2020, levando-se em conta o interesse central do projeto em torno da manualística. O estudo empírico produziu um volume expressivo de material, totalizando 141 dissertações e 45 teses; as análises foram encaminhadas no sentido de entender espaços de formação dos professores para ensinar Artes Visuais, considerados em nível de graduação (como formação inicial) e em nível de pós-graduação (como formação continuada e para a pesquisa, mas que é também formação de *professores que formam professores*).

4. Dados produzidos na primeira etapa, denominada exploratória: identificou-se que o Estado do Paraná registra o maior número de cursos de Licenciatura, em comparativo com outras Unidades Federativas, ao mesmo tempo em que não possui IES com Programas de Pós-Graduação específica na área das Artes Visuais, o que não ocorre com as outras linguagens. Justificou-se assim um recorte espacial para a situação particular deste estado.

A partir desses procedimentos, resultados e questionamentos, definiu-se a questão final de pesquisa, que retomou o interesse pelos manuais, já nesse recorte espacial. O percurso fortaleceu a relação entre os manuais escolares e a cultura profissional dos professores, em particular pela articulação possível entre os processos formativos iniciais ou continuados e a necessidade de aprender a ensinar, o que coloca em destaque os manuais escolares de um tipo específico, os manuais didáticos, que são produzidos para orientar o ensino ou para *ensinar a ensinar* – expressão usada em manuais do início do século XX – Peixoto (1923), por exemplo, que se encontra no acervo do NPPD – e retomada em diferentes momentos e por diferentes especialistas no tema.

Assim, definiu-se o procedimento para realizar um levantamento no site das bibliotecas, com o objetivo de verificar a existência de manuais de Didática específica e de Metodologia do ensino das Artes Visuais disponíveis para consulta ou empréstimo aos professores em formação inicial. Os objetivos específicos foram assim definidos: (I) mapear os manuais que orientam o ensino das Artes Visuais; (II) catalogar as publicações (título, editora, autor e ano); e (III) estabelecer relações com a formação de professores para esta disciplina.

As buscas dos livros foram realizadas nos sites das seis<sup>25</sup> IES e seus respectivos cursos:

- licenciatura em Artes Visuais na UEL;
- licenciatura em Artes Visuais na UEM;
- licenciatura em Artes Visuais na UNESPAR *Campus* de Curitiba I - EMBAP;
- licenciatura em Artes Visuais na UNESPAR *Campus* de Curitiba II - FAP;
- licenciatura em Artes Visuais na UEPG;
- licenciatura em Artes Visuais na UFPR em Curitiba;
- licenciatura em Artes na UFPR em Matinhos (no Litoral);
- licenciatura em Arte na UNICENTRO.

As plataformas utilizadas pelas bibliotecas das Universidades pesquisadas são as seguintes: Sophia (UEM e UFPR), Pergamun (UEPG e UNESPAR), PHL Elysio (UNICENTRO), Integrated Library System (UEL). Cada uma apresenta particularidades de consulta ao acervo, mas se buscou, de forma geral, os descritores no título da obra, em sua primeira edição ou reedições a partir de 1996.

Ao longo desse processo, alguns caminhos foram reformulados. Por exemplo, a ideia inicial era catalogar os livros de Didática Geral e Específica, assim como os de Metodologia. Sobre a presença desse material durante a formação de professores, Hegeto e Garcia (2014) argumentam:

Quanto aos manuais de Didática Geral, eles se mantiveram presentes nos cursos de formação de professores, continuam a ser utilizados como leitura para professores em formação, circulam nas livrarias, bibliotecas, acervos físicos e virtuais e, no caso de alguns, continuam sendo sucessivamente reimpressos (HEGETO; GARCIA, 2014, p. 26).

---

<sup>25</sup> O curso do Instituto Federal de Ciência e Tecnologia do Paraná não será investigado.

Esse fato se verifica na primeira busca realizada na biblioteca da EMBAP. Foram localizadas 30 obras, na área denominada Geral, que se distribuíam entre os termos de busca – Metodologia (13), Manual (6), Didática (5), Prática de ensino (3) e Prática pedagógica (3). Porém, com a coleta em outras IES o número de obras encontradas aumentou consideravelmente, o que tornava inviável o tratamento dos dados no prazo disponível para a finalização da dissertação. Assim, optou-se por definir o recorte de busca apenas para a área denominada Específica, demarcando-se a possibilidade de retomar esses dados em pesquisa futura.

Feito o levantamento, os dados foram organizados em tabelas, para possibilitar análises quantitativas e qualitativas. Posteriormente, em função da impossibilidade de acesso às obras, buscou-se obter informações gerais sobre elas em materiais que circulam na internet, seja em instituições de ensino ou em livrarias que comercializam algumas das obras identificadas.<sup>26</sup>

#### 4.2 RESULTADOS: MANUAIS LOCALIZADOS NAS BIBLIOTECAS DOS CURSOS DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES NO ESTADO DO PARANÁ

Nesta seção, apresentam-se os resultados do mapeamento realizado nas oito bibliotecas das seis IES que ofertam cursos de Licenciatura em Artes Visuais ou similares no Estado do Paraná. Nesta etapa da pesquisa, a busca foi realizada no site das bibliotecas com os seguintes filtros: tipo de obra (livro), recorte temporal das edições<sup>27</sup> (após 1996), e expressões no título da obra (Didática e Arte, Artes Visuais ou Artes Plásticas, Metodologia e Arte, Artes Visuais ou Artes Plásticas, Livro didático e Arte, e Manual<sup>28</sup>).

A justificativa para que as expressões estivessem no título do livro foi a avaliação da pesquisadora de que seria mais fácil ao estudante de licenciatura, futuro professor, localizar as obras de orientação didática e metodológica de forma mais

---

<sup>26</sup> Ao finalizar o texto, em razão de alguma abertura nas restrições sanitárias, houve a possibilidade de acesso aos manuais. Assim, mantendo-se a estrutura do texto apresentado à banca decidiu-se pela inclusão da imagem das capas, que complementam a descrição das obras, feitas unicamente a partir dos dados disponíveis nas redes virtuais.

<sup>27</sup> Informação sobre o ano da edição de cada livro ver Apêndice 2 - Lista dos 35 Livros Encontrados nas Bibliotecas.

<sup>28</sup> A palavra-chave “manual” foi realizada em uma única busca e separada pela autora da pesquisa em obras específicas de Arte ou Artes Visuais.

direta e objetiva, por ainda estar em formação inicial e talvez não ter conhecimento sobre obras com essas temáticas que poderiam estar, de certa forma, invisibilizadas pela diversidade de temas e títulos.

Para exemplificar, cita-se o livro de Fayga Ostrower (2013), intitulado **Universos da Arte**. Atualmente publicado pela Editora UNICAMP, está disponível em todas as bibliotecas pesquisadas (edições a partir de 1996 aparecem somente na UEL, UEM, UFPR - Curitiba, UFPR - Litoral e UNESPAR - EMBAP). Considerado um clássico entre os docentes, com perspectivas didáticas para o ensino de temas relacionados às Artes Visuais, como “espaço e expressão”, “elementos visuais”, “composição” e “estilo”, pode-se supor que o aluno precisaria ter um conhecimento prévio sobre a autora, ou sobre o conteúdo expresso no material, ou ainda alguma indicação de leitura, pois o título é amplo e não se dirige explicitamente para a ação didática.

Essa particularidade relacionada a títulos mais poéticos se apresenta como uma recorrência na área, por vezes dificultando a identificação imediata das temáticas apresentadas. Por isso, tomou-se a decisão de buscar os materiais que se autointitulam explicitamente como livros de Didática ou de Metodologia, ou ainda como manual, termo que carrega o sentido de guia.

Para não se criar uma falsa impressão de que alguns livros não estão presentes nas bibliotecas, por conta do recorte temporal estabelecido, os Quadros 13, 14, 15, 16 e 17 sinalizam com a marcação de um “x” quando a biblioteca registra a presença de uma edição anterior a 1996. Assim, é possível identificar se a IES não possui ou não atualizou seus exemplares.

Também ocorreram casos particulares, nos quais os livros foram localizados em bibliotecas que não são específicas para o curso de licenciatura em Artes Visuais ou similares. Neste caso, as obras foram assinaladas com um “o”.

A seguir, os resultados são apresentados para mostrar a presença dos diferentes tipos de obras listadas nas bases virtuais das bibliotecas das instituições de formação de professores de Artes Visuais, no Estado do Paraná, unidade da federação que concentra o maior número de cursos de licenciatura e não possui nenhum curso de pós-graduação em Artes Visuais ou de denominações similares. As obras estão separadas em função de cada um dos tipos definidos *a priori*, com potencialidade de apresentar orientações de natureza didática e metodológica para professores de Artes Visuais.

### a) Manuais de Didática Específica

A partir dos descritores “Didática e Arte”, “Didática e Artes Visuais” e “Didática e Artes Plásticas” foram localizadas três (3) publicações. Como se observa (Quadro 13), a expressão “Didática”, no título das obras, está associada às seguintes palavras: Arte (1) e ensino da Arte (2).

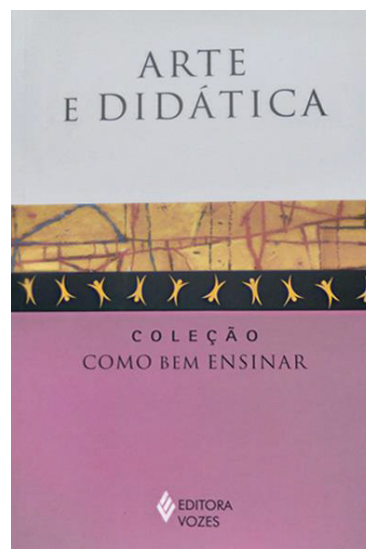
QUADRO 13 – LISTA DE PUBLICAÇÕES SOBRE DIDÁTICA E ARTE, ARTES VISUAIS OU PLÁSTICAS

		UEL	UEM	UEPG	UFPR – Curitiba	UFPR - Litoral	UNESPAR - EMBAP	UNESPAR - FAP	UNICENTRO
1	Arte e didática (Coleção Como Bem Ensinar)	-	-		-	-		-	-
2	Didática aplicada ao ensino da Arte	-	-	-	-	-	-	-	
3	Didática do ensino de Arte - A língua do mundo: poetizar, fluir e conhecer Arte		-						
<b>TOTAL = 03 livros</b>		01	0	02	01	01	02	01	02

FONTE: A autora (2021).

O livro **Arte e didática** (FIGURA 1) faz parte da coleção Como Bem Ensinar, que também apresenta volumes para outras disciplinas.

FIGURA 1 – CAPA DO LIVRO ARTE E DIDÁTICA



FONTE: A autora (2022).

Tendo a supervisão geral de Simone Selbach, foi publicado em 2010 (1ª edição) pela Editora Vozes. No livro, na orelha da capa ou primeira orelha, encontra-se o seguinte texto:

Aprender arte começa pela informação sobre diversidade da produção artística e, dependendo da natureza da informação, aprender arte também pode ser uma maneira de se transformar. Se, por exemplo, aprendemos o nome e a obra de um grande pintor, estamos apenas colhendo uma informação que pode ser útil e às vezes necessária, mas tal informação em nada nos transforma. Porém, se fazemos o esboço de um desenho, estabelecendo uma cuidadosa relação entre o que produzimos e esboços dos desenhos de um pintor especial que aprendemos a admirar, essa tarefa nos transformou. Tentar fazer uma obra de arte é gostoso, distrai e é interessante, mas buscar em nossas tímidas iniciativas os limites “do que temos a aprender” nos faz uma pessoa diferente do que éramos. Isso vale para o esboço de um desenho, para a acuidade com que se ouve uma música etc. (SELBACH, 2010).

O indício de que a obra pode apresentar orientações sobre mais de uma linguagem artística se apresenta na primeira frase do texto, quando menciona a diversidade da produção artística, apesar de exemplificar com uma atividade de desenho (Artes Visuais). De modo geral, traz a ideia de transformação do indivíduo por meio da Arte.

O livro **Didática aplicada ao ensino da Arte** (FIGURA 2), publicado pela Editora da UNICENTRO, se encontra apenas nessa IES.

FIGURA 2 – CAPA DO LIVRO DIDÁTICA APLICADA AO ENSINO DA ARTE

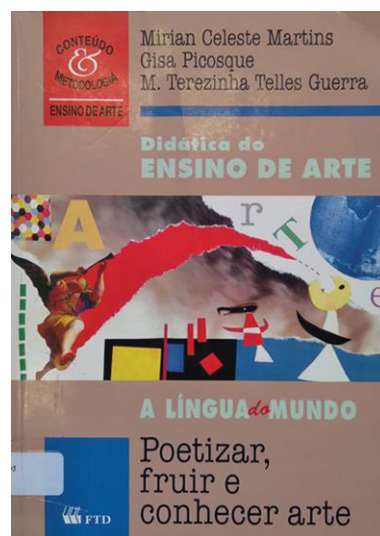


FONTE: A autora (2022).

Foi publicado em 2014 e é de autoria de Consuelo Schlichta e Josilene Fonseca. O acesso ao livro foi apenas no formato digital, em arquivo .pdf disponível no repositório da IES. Nesse material não constam a capa e a contracapa, por isso não serão descritas as informações gerais.

O livro **Didática do ensino de Arte – A língua do mundo: poetizar, fluir e conhecer Arte** (FIGURA 3), está presente em sete das oito IES e não foi encontrado apenas na UEM.

FIGURA 3 – CAPA DO LIVRO DIDÁTICA DO ENSINO DE ARTE - A LÍNGUA DO MUNDO



FONTE: A autora (2022).

A obra foi escrita por Mirian Celeste Martins, Gisa Picosque e Maria Terezinha Guerra, com 1ª edição em 1998, pela Editora FTD. Na contracapa do livro (disponível na internet) encontra-se o seguinte texto:

“Quando eu pinto faz carinho nas mãos” – Rodrigo, 6 anos.

A forma como construímos este texto e o conteúdo abordado têm a intenção de marcar um encontro sensível entre você e a linguagem da arte e seu ensino. Nosso desafio foi tornar o texto acolhedor, menos técnico, de modo que os conceitos, procedimentos e atitudes fossem sendo percebidos e trabalhados por você, abrindo espaço para o seu pensar e para pontuar idéias centrais sobre o ensino da arte. De modo interativo, poético, com jeito de conversa, desejamos levar você a pensar através de um texto também didático – uma aprendizagem significativa em arte. Como Rodrigo, falando de sua experiência com pintura a dedo, esperamos que você também possa compreender os meandros dessa aprendizagem (MARTINS; PICOSQUE; GUERRA, 1998).

Nesse trecho, percebe-se o interesse das autoras em manter um diálogo com o(a) leitor(a) associando o livro a uma leitura “menos técnica” e mais acolhedora, mas enfatizando que tem características de texto “didático”. Publicado dois anos após a LDB de 1996, o livro pode conter indícios da direção tomada pela disciplina a partir da lei e as intenções almejadas para o ensino da Arte no período.

### b) Os manuais de Metodologia de ensino

A partir dos descritores “Metodologia e Arte”, “Metodologia e Artes Visuais” e “Metodologia e Artes Plásticas” foram localizadas cinco (5) publicações.

No Quadro 14, verifica-se a lista dos livros e quais IES os disponibilizam em suas bibliotecas. A expressão “Metodologia”, no título das obras, está associada a: educação inclusiva (1) e ensino da Arte (4).

QUADRO 14 – LISTA DE PUBLICAÇÕES SOBRE METODOLOGIA E ARTE, ARTES VISUAIS

		UEL	UEM	UEPG	UFPR - Curitiba	UFPR - Litoral	UNESPAR - EMBAP	UNESPAR - FAP	UNICENTRO
4	Artes Visuais na educação inclusiva: metodologias e práticas no Instituto Rodrigo Mendes	-	-	-	o		-	-	-
5	Metodologia do ensino de Arte (Coleção 2º Grau: Formação de Professores)	x			x			x	
6	Metodologia do ensino de Arte (Série Metodologias)	-	-	-	-	-			-
7	Metodologia do ensino de Arte	-		-	-	-			-
8	Conteúdo, metodologia e avaliação do ensino de Arte: curso de Pedagogia (...)	-	-	-	o	-	-	-	-
<b>TOTAL = 05 livros</b>		0	02	01	02	02	01	02	01

FONTE: A autora (2021).

O livro **Artes Visuais na educação inclusiva: metodologias e práticas no Instituto Rodrigo Mendes** (FIGURA 4) encontra-se na Biblioteca da UFPR - Litoral. Escrito por Rodrigo Mendes, José Cavalhero e Ana Maria Gitahy, foi publicado em 2010 pela Editora Peirópolis.

FIGURA 4 – CAPA DO LIVRO ARTES VISUAIS NA EDUCAÇÃO INCLUSIVA



FONTE: A autora (2022).

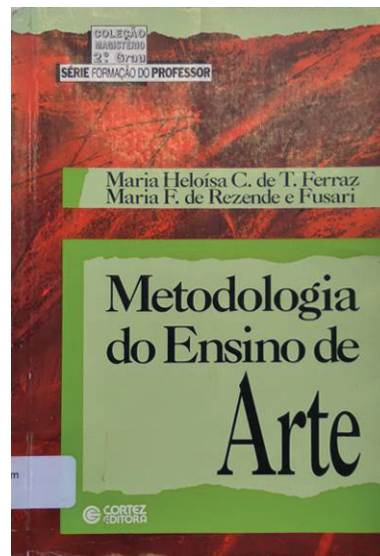
Um exemplar também foi localizado na UFPR - Curitiba, na Biblioteca do Setor de Educação Profissional e Tecnológica, e não no setor de Artes, Comunicação e Design (Cabral ou Batel), pois em tese estaria mais direcionado ao curso de Licenciatura em Artes Visuais.

Nesse aspecto, é necessário alertar para o fato de que as políticas de aquisição de obras para os acervos são diferenciadas mesmo no âmbito de uma mesma instituição de ensino e estão condicionadas não apenas à existência de verbas para aquisição, mas também aos processos de distribuição dos recursos em diferentes setores ou departamentos e outros condicionantes que acabam por se refletir nas escolhas e na definição de obras consideradas necessárias ou essenciais ao trabalho formativo.

A contracapa da obra, localizada em meios digitais, apresenta um depoimento de Ana Mae Barbosa. Nele a arte-educadora ressalta a importância do livro para o ensino inclusivo da Arte no Brasil, através de ideais multiculturalistas.

Três livros têm os títulos similares. O primeiro é **Metodologia do ensino de Arte** (FIGURA 5), que integra a Coleção 2º Grau: Formação de Professores, publicada pela Editora Cortez.

FIGURA 5 – CAPA DO LIVRO METODOLOGIA DO ENSINO DE ARTE



FONTE: A autora (2022).

Escrito por Maria Fusari e Maria Heloísa Ferraz, tem como particularidade, entre os livros mencionados até o momento, a quantidade de edições ou reedições encontradas. Aquelas publicadas a partir de 1996, recorte temporal da pesquisa, foram localizadas na UEM, UEPG, UFPR - Litoral, UNESPAR - EMBAP e UNICENTRO. Mas edições anteriores também estão presentes na UEL, UFPR - Curitiba e UNESPAR - FAP, apontando a presença do livro em todas as IES.

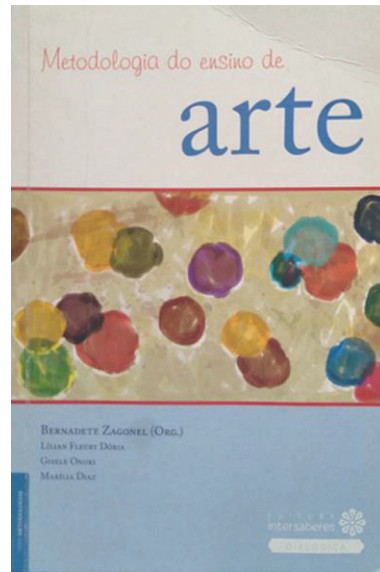
Em sua contracapa (disponível na internet) consta:

As autoras discutem neste livro a importância da arte na vida infantil e as possibilidades de o educador compreender e intermediar o processo de construção do conhecimento artístico e estético pela criança. O objetivo deste livro é apresentar uma contribuição para esses estudos, visando novas reflexões sobre as práticas educativas em arte na escola (FUSARI; FERRAZ, 1993).

Percebe-se uma ênfase ao papel mediador do professor na construção do conhecimento artístico e estético do aluno.

O segundo livro com a denominação **Metodologia do ensino de Arte** (FIGURA 6), é parte da Série: Metodologias, da Editora Intersaberes, publicado em 2013 (1ª edição), sob organização de Bernadete Zagonel. Foi encontrado apenas um exemplar na UNESPAR - FAP.

FIGURA 6 – CAPA DO LIVRO METODOLOGIA DO ENSINO DE ARTE



FONTE: A autora (2022).

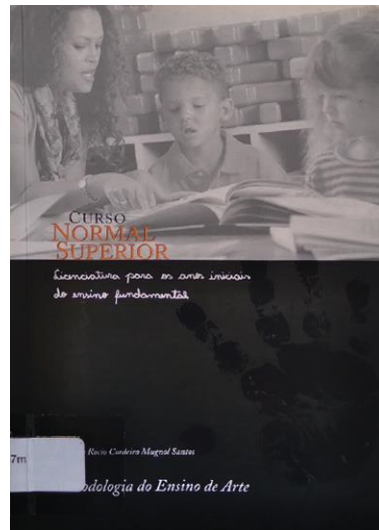
Segundo a informação da contracapa, disponível em meios digitais,

O ensino da arte tem conquistado um espaço cada vez maior nas escolas brasileiras, uma vez que é um componente curricular obrigatório que oferece inúmeras vantagens ao educando em seu processo de ensino-aprendizagem. Ideal para o educador que deseja aplicar temáticas diferenciadas em sala de aula, utilizando-se da criatividade que é inerente às linguagens da dança, do teatro, da música e das artes visuais, esta obra visa possibilitar uma nova abordagem da metodologia do ensino de arte e no processo contínuo de formação docente. Nestas páginas, o leitor é convidado a refletir sobre as particularidades da disciplina, compreendendo a importância do estímulo à sensibilidade, à percepção, à reflexão e ao uso da imaginação no espaço escolar (ZAGONEL, 2013).

O texto explicita a obrigatoriedade da Arte enquanto componente curricular, referência à presença das quatro linguagens artísticas, refere-se a “vantagens” que pode oferecer ao educando e situa seu objetivo em especial na formação continuada de professores. Destaca-se a ideia de que pode oferecer ao educador sugestões de aplicação de temáticas diferenciadas pela utilização da criatividade “inerente” às quatro linguagens artísticas, explicitamente mencionadas.

O terceiro livro intitulado **Metodologia do ensino de Arte** (FIGURA 7), foi escrito por Gisele Santos (2006) e publicado pela Editora IBPEX.

FIGURA 7 – CAPA DO LIVRO METODOLOGIA DO ENSINO DE ARTE

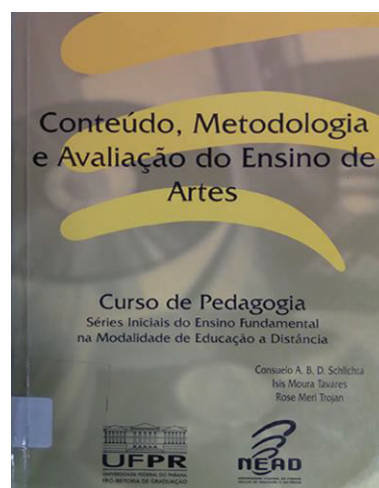


FONTE: A autora (2022).

A obra tem exemplares disponibilizados pelas bibliotecas da UEM e UNESPAR - FAP e não foram localizadas informações complementares sobre esse livro na internet.

O livro **Conteúdo, metodologia e avaliação do ensino de Arte: curso de Pedagogia: séries iniciais do ensino fundamental na modalidade de educação a distância** (FIGURA 8), foi localizado apenas na UFPR-Curitiba.

FIGURA 8 – CAPA DO LIVRO CONTEÚDO, METODOLOGIA E AVALIAÇÃO DO ENSINO DE ARTES



FONTE: A autora (2022).

Com autoria de Consuelo Schlichta, Isis Tavares e Rose Meri Trojan (2002), foi publicado pela editora da própria Universidade. Não se localizou outras informações, a não ser aquelas que constam no site da biblioteca.

### c) Os manuais de Metodologia da pesquisa

A partir dos descritores “Metodologia e Arte”, “Metodologia e Artes Visuais” e “Metodologia e Artes Plásticas” foi localizada uma (1) publicação.

No Quadro 15, verifica-se o livro e quais IES o disponibilizam em suas bibliotecas. A expressão “Metodologia”, no título das obras, está associada a: pesquisa em Artes Plásticas (1).

QUADRO 15 – PUBLICAÇÃO SOBRE METODOLOGIA DA PESQUISA EM ARTES PLÁSTICAS

		UEL	UEM	UEPG	UFPR - Curitiba	UFPR - Litoral	UNESPAR - EMBAP	UNESPAR - FAP	UNICENTRO
9	O meio como ponto zero: metodologia da pesquisa em Artes Plásticas	-	-	-		-			-
<b>TOTAL = 01 livro</b>		0	0	0	01	0	01	01	0

FONTE: A autora (2021).

O livro **O meio como ponto zero: metodologia da pesquisa em Artes Plásticas** (FIGURA 9), tendo como organizadoras Bianca Brites e Elida Tessler (2002) e publicado pela Editora da UFRGS, possui o texto completo disponível no Repositório On-line da IES. Ele apresenta um compilado de artigos das comunicações apresentadas no III Colóquio Internacional de Artes Plásticas, com realização do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais da mesma Universidade, da Pontifícia Universidade Católica do Chile e da Universidade de Paris I (França).

FIGURA 9 – CAPA DO LIVRO O MEIO COMO PONTO ZERO: METODOLOGIA DA PESQUISA EM ARTES PLÁSTICAS



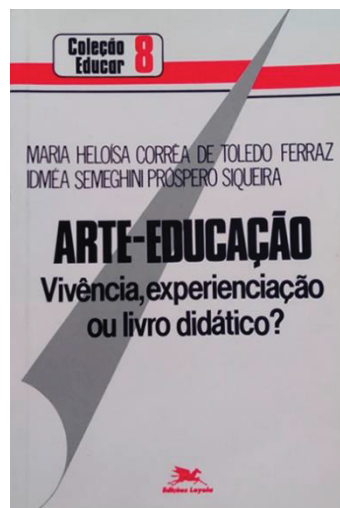
FONTE: A autora (2022).

Também seria interessante destacar que esta obra traz Artes Plásticas no título. Esse livro foi localizado na UFPR – Curitiba, UNESPAR-EMBAP e UNESPAR - FAP. Ressalta-se que o foco, neste caso, é a metodologia de pesquisa.

#### d) O livro didático

A partir do descritor “livro didático e Arte” localizou-se uma (1) publicação. Trata-se do livro **Arte-educação: vivência, experiência ou livro didático?** (FIGURA 10).

FIGURA 10 – CAPA DO LIVRO ARTE-EDUCAÇÃO: VIVÊNCIA, EXPERIÊNCIA OU LIVRO DIDÁTICO?



FONTE: A autora (2022).

Escrito por Maria Heloísa Ferraz e Idméa Siqueira em 1987, ano da primeira edição, a obra faz parte da Coleção: Educar, da Editora Edições Loyola.

As autoras realizaram uma pesquisa pioneira na área de Artes Visuais e livro didático, com ênfase no uso do livro didático na prática de Arte-Educadores em São Paulo e apresentam os resultados no livro. Parece, portanto, se caracterizar como uma obra técnica e não se pode deduzir que apresente diretamente orientações de natureza didática.

Como consta no Quadro 16, a 2ª edição, publicada em 2013, se encontra na biblioteca da UEM e a 1ª edição (1987) foi localizada na UEL, UNESPAR - EMBAP, UNESPAR - FAP e UNICENTRO.

QUADRO 16 – PUBLICAÇÃO SOBRE LIVRO DIDÁTICO E ARTE

		UEL	UEM	UEPG	UFPR - Curitiba	UFPR - Litoral	UNESPAR - EMBAP	UNESPAR - FAP	UNICENTRO
10	Arte-educação: vivência, experiência ou livro didático? (Coleção Educar)	x		-	-	-	x	x	x
<b>TOTAL = 01 livro</b>		0	01	0	0	0	0	0	0

FONTE: A autora (2021).

O livro aponta em sua contracapa um conjunto de necessidades que devem ser atendidas pelo Arte-educador, no processo de ensino e aprendizagem da Arte que, ao final, deve promover a “humanização”, ideia encontrada em outras obras já listadas:

Em um país como o nosso onde, além das diferenças regionais, encontramos diversas formas de organização social, econômica e cultural, torna-se impossível, ou pelo menos inviável, o estabelecimento de fórmulas para cursos de Educação Artística. O ARTE-Educador terá de avaliar o desenvolvimento emocional, social e intelectual do aluno com o qual irá interagir para propiciar atividades que o levem a decodificar crítica e criativamente o mundo ao seu redor, além de ajudá-lo a tornar-se um produtor de cultura. É possível à ARTE-Educação desempenhar um papel fundamental junto aos indivíduos, visando a um processo de humanização, mas é necessário que se desenvolvam princípios fundamentais de uma ação pedagógica mais voltada para a expressão (FERRAZ; SIQUEIRA, 2013).



QUADRO 17 – LISTA DE PUBLICAÇÕES CATALOGADAS COMO MANUAIS RELACIONADOS À ARTE (conclusão)

14	Fashion Illustrator: manual do ilustrador de moda			-	-	-	-	-	-
15	Guia completo de fotografia: a técnica fotográfica explicada passo a passo	-		-	-	-	-	-	-
16	Graffiti school: a student guide - with teacher's manual	-	-	-	-	-		-	-
17	Grande manual de fotografia		-	-	-		-	-	-
18	Manual básico de desenho técnico (Série Didática)			-	-	-	-	-	o
19	Manual de animação: Manual de métodos, princípios e fórmulas para animadores (...)		-	-		-	-	-	-
20	Manual de Arte Prehistórico	-		-	-	-	-	-	-
21	Manual de câmera digital	-	-	-	-		-	-	-
22	Manual completo del encuadernador: teorico y práctico (Série Aprendiz)		-	-	-	-	-	-	-
23	Manual de fotografia		-	-	-	-	-	-	-
24	Manual de fotografia	-	-	-	-	-		-	-
25	Manual de fotografia digital	-	-	-	-	-			-
26	Manual de produção de jogos digitais		-	-	-	-	-	-	-
27	Manual de técnicas de pintura	-	-	-	-	-	-	-	o
28	Manual do artista-etc.	-	-	-	-		-	-	-
29	Manual do artista: técnicas e materiais	-				-			
30	Manual do escultor	-	-	-	-	-		-	-
31	Manual para realização de eventos em Artes Visuais (Série Manuais técnicos)		-	-	-	-	-	-	-
32	Manual prático de procedimentos museológicos		-	-	-	-	-	-	-
33	Manual prático do artista	-			-	-		-	
34	Minha vila filmo eu: ensinando cinema na escola - Manual do professor	-	-	-	-	-		-	-
35	O novo manual de fotografia: guia completo para todos os formatos			-				-	-
	<b>TOTAL = 25 livros</b>	11	07	03	03	05	08	02	04

FONTE: A autora (2021).

Observa-se que, no conjunto de obras identificadas, o único livro que apresenta em seu título alguma relação com a escolarização é **Minha vila filmo eu: ensinando cinema na escola - manual do professor**, de Bruno Mancuso (2012), publicado pela editora Imagens da Terra e presente na biblioteca da UNESPAR-

EMBAP. Há uma referência explícita ao ensino de cinema e também à finalidade da obra na direção de orientar professores para esse ensino. Essas características permitem sugerir que se trata de um manual didático – a ser confirmada por análises futuras do conteúdo e forma do livro.

#### f) Alguns elementos de síntese dos resultados obtidos

Os dados obtidos e organizados a partir das buscas nos sites das bibliotecas dos cursos de Licenciatura em Artes Visuais no Estado do Paraná permitem fazer alguns comentários com função de síntese.

O quadro a seguir (Quadro 18) é um comparativo quantitativo entre o número de obras das 8 bibliotecas por palavra-chave:

QUADRO 18 – QUADRO COMPARATIVO POR PALAVRA-CHAVE

	UEL	UEM	UEPG	UFPR – Curitiba	UFPR - Litoral	UNESPAR - EMBAP	UNESPAR - FAP	UNICENTRO
Didática	01	0	02	01	01	02	01	02
Metodologia de ensino	0	02	01	02	02	01	02	01
Metodologia da pesquisa	0	0	0	01	0	01	01	0
Livro didático	0	01	0	0	0	0	0	0
Manual	11	07	03	03	05	08	02	04
<b>Total por IES</b>	12	10	06	07	08	12	06	07

FONTE: A autora (2021).

Chama a atenção a predominância, em praticamente todas as instituições, de livros que foram aqui categorizados como obras técnicas, com a denominação de Manuais<sup>29</sup>, mas que necessariamente não são destinadas a orientar didática e metodologicamente o ensino da disciplina. Esse dado pode indicar que, na área de Arte, a palavra “manual” está mais direcionada a instruções técnicas para o desenvolvimento de procedimentos e atividades específicas como fotografar, desenhar ou esculpir.

<sup>29</sup> O termo “manual” também vem sendo empregado nos livros didáticos para diferenciar a versão do aluno com a do professor (manual do professor).

Para apresentar comparativa e quantitativamente o ano de publicação ou o ano da edição<sup>30</sup> de cada obra, foi elaborado o Quadro 19.

QUADRO 19 – QUADRO COMPARATIVO POR ANO DA PUBLICAÇÃO OU ANO DA EDIÇÃO

	UEL	UEM	UEPG	UFPR - Curitiba	UFPR - Litoral	UNESPAR - EMBAP	UNESPAR - FAP	UNICENTRO	Nº de LIVROS
1996	-	-	-	-	-	-	-	-	0
1997	-	-	-	-	-	-	-	-	0
1998	1	-	1	1	1	1	1	1	01
1999	-	-	1	-	-	1	1	-	03
2000	-	-	-	-	-	2	1	-	02
2001	2	3	-	-	1	-	-	-	05
2002	-	1	-	2	-	2	1	-	02
2003	-	1	-	-	-	2	-	-	03
2004	1	1	-	-	-	-	-	1	01
2005	1	1	-	1	1	1	-	-	01
2006	-	1	1	-	-	-	1	-	02
2007	1	-	-	-	-	-	-	-	01
2008	-	-	1	-	1	-	-	1	02
2009	-	1	-	-	1	-	-	-	02
2010	-	-	1	1	1	1	-	-	03
2011	1	-	1	-	-	-	-	1	02
2012	2	1	-	-	-	1	-	-	03
2013	-	-	-	-	2	1	1	-	04
2014	1	-	-	-	-	-	-	2	03
2015	1	-	-	1	-	-	-	1	02
2016	1	-	-	1	-	-	-	-	01
2017	-	-	-	-	-	-	-	-	0
2018	-	-	-	-	-	-	-	-	0
2019	-	-	-	-	-	-	-	-	0
2020	-	-	-	-	-	-	-	-	0
<b>Total</b>	12	10	06	07	08	12	06	07	

FONTE: A autora (2021).

Ainda que os dados mostrem uma dispersão entre os anos de publicação das obras e que não tenha sido possível neste momento da pesquisa aprofundar significados dos números obtidos na sua análise em relação a outros elementos, é possível chamar a atenção para os dados a partir de 2014. Eles indicam a quase ausência nas bibliotecas de obras publicadas em período mais recente.

<sup>30</sup> Ao constar na biblioteca um livro com mais de uma edição, optou-se por incluir, no quadro, o ano mais antigo.

Sabe-se sobre condições limitadoras do ponto de vista de recursos financeiros nos últimos anos, seja nos projetos do Governo Federal, que anteriormente estimulou programas como a Biblioteca Escolar, seja em programas de financiamento no âmbito do sistema estadual de ensino, o que precarizou também os acervos das bibliotecas.

As análises realizadas em caráter exploratório sugerem algumas considerações a serem aprofundadas em próximas investigações:

- a) observou-se na busca inicial uma concentração dos livros sobre metodologia científica e manuais específicos sobre técnicas artísticas. Há predominância de obras publicadas entre 2000 e 2009, período que coincide com o estímulo à produção de manuais para professores pelo Governo Federal;
- b) sobre o número da edição de cada livro, no recorte temporal entre 1996 e 2020, os dados disponibilizados, por vezes, apresentam informações conflitantes sobre o livro ser a 1ª edição, uma reedição, uma versão ampliada ou revisitada;
- c) os livros que trazem no título a temática da Didática e da Metodologia para o ensino da Arte foram apenas oito:
  - **Arte e didática**, de Simone Selbach;
  - **Didática aplicada ao ensino da Arte**, de Consuelo Schlichta e Josilene Fonseca;
  - **Didática do ensino de Arte - A língua do mundo: poetizar, fluir e conhecer Arte**, de Miriam Celeste Martins, Gisa Picosque e Maria Guerra;
  - **Artes Visuais na educação inclusiva: metodologias e práticas no Instituto Rodrigo Mendes**, de Rodrigo Mendes, José Cavalhero e Ana Maria Gitahy;
  - **Metodologia do ensino de Arte**, de Maria Heloísa Ferraz e Maria Fusari;
  - **Metodologia do ensino de Arte**, de Bernadete Zagonel (org.);
  - **Metodologia do ensino de Arte**, de Gisele Santos;
  - **Conteúdo, metodologia e avaliação do ensino de Arte: curso de Pedagogia: séries iniciais do ensino fundamental na modalidade de educação a distância**, de Consuelo Schlichta, Isis Tavares e Rose Meri Trojan;

- d) identifica-se a presença de intelectuais dedicados ao ensino das Artes Visuais no Estado do Paraná como autores das poucas obras identificadas como manuais didáticos. É o caso da Dra. Consuelo Schlichta, professora da UFPR e atuante na formação de professores e nas discussões curriculares no Paraná.

Ao finalizar a apresentação dos resultados que respondem – embora de forma inicial – ao segundo objetivo da pesquisa, ressalta-se a provisoriedade das considerações que foram possíveis na situação de impedimento aos acervos de manuais escolares do NPPD/UFPR que se pretendia analisar, mas também a outras obras que certamente poderiam ser encontradas em outras condições de pesquisa empírica.

Apesar disso, e se estiverem corretos os dados disponibilizados virtualmente nas plataformas das instituições consultadas, entende-se que é possível dizer, com grau razoável de acerto, que as bibliotecas pesquisadas não privilegiam a presença de manuais didáticos para orientar o ensino de Artes Visuais. Assim, seria confirmado o consenso em torno da ideia de que esses manuais não são considerados valiosos e necessitam ainda ser resgatados dessa posição menor que ocupam na pesquisa e nas bibliotecas, especialmente por serem espaços de memória, como disse Escolano.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tratando-se do ensino da Arte na escola, na especificidade das Artes Visuais, acentua-se o valor e a necessidade de ampliar os estudos que estabelecem conexões com os manuais escolares. Em especial, compreende-se que é necessário entender como a didática e as metodologias estão sendo tratadas nos cursos de formação inicial ou formação continuada de professores e, posteriormente, trazendo contribuições para ações nas salas de aula, tanto na Educação Básica quanto no Ensino Superior.

Recordo-me, quando cursava a Licenciatura em Artes Visuais, de uma dúvida frequente entre meus colegas “Como posso ensinar desenho se eu não sei desenhar?”. As formas de expressão artística e as técnicas a serem ensinadas poderiam ser outras, por exemplo, escultura, pintura, gravura, mas a questão do transmitir algo a alguém sem saber fazê-lo era recorrente entre os alunos, futuros professores.

Essa experiência entre colegas pode ser relacionada a um dos resultados do estudo empírico realizado nas bibliotecas dos cursos de Licenciatura em Artes Visuais. Como se observou, os manuais “técnicos” sobre Arte foram encontrados em maior volume na UEL, UEM e UNESPAR - EMBAP. Esses livros, em geral, costumam indicar um *passo a passo* das técnicas de produção artística, que pode ser visto como um desejo, talvez almejado pelos estudantes que se sentem desafiados a ensinar.

Essas publicações, disponíveis em expressiva quantidade nas bibliotecas analisadas, assumem o termo “manual” em seus títulos. Poder-se-ia pensar em uma necessidade criada pelo mercado editorial e que responderia ao desejo de encontrar um caminho seguro para ensinar. Por isso são reeditados, revisados, ampliados.

O debate entre “saber como se aprende” para “saber como se ensina” estende-se, neste caso, para a questão da transposição didática. Chevallard (1991) explica que um matemático não poderia usar os mesmos argumentos que um professor; ele poderia relembrar o saber ensinado, mas não se promover ao papel de pedagogo e dizer como se deveria ensinar. Segundo o autor, a transposição existe porque o funcionamento didático do saber é diferente do funcionamento acadêmico e, assim, ele sinaliza que o saber ensinado deve estar próximo ao saber sábio e distante do saber banalizado na sociedade.

Embora não aceita de forma unânime em todos os campos disciplinares, e ainda que seja um tema em debate, a problematização dos processos de produção e transformação de um conhecimento a ser ensinado é uma questão que me motiva a aprofundar as leituras nessa direção, para compreender os elementos que estão em jogo – de natureza didática e epistemológica. Há particularidades aqui, tratando-se do conhecimento artístico, que não usufrui do mesmo nível de valorização no espaço escolar que outras disciplinas e que é muitas vezes entendido apenas como “prática” ou “atividade”.

Com os limites enfrentados, ao longo desses dois anos de curso do Mestrado em Educação, em decorrência da pandemia e do modo de ensino remoto emergencial, não foi possível acessar os acervos físicos que disponibilizariam os manuais escolares, como o existente no NPPD/UFPR. A impossibilidade provocou novos questionamentos e encaminhamentos: como seria possível analisar os manuais escolares sem ter esses livros ao meu alcance?

A pesquisa foi tomando novos rumos. Ao final de um tempo de angústias e tensões, de dúvidas e de expectativa de que a situação mudaria, foi necessário definir outras opções. Assim, encontrei a possibilidade de investigar os acervos das bibliotecas das universidades, pois são disponibilizados on-line, e neles seria possível verificar a presença, ou não, de manuais de orientação disponíveis – pelo menos em tese – nos cursos de Licenciatura em Artes Visuais no Estado do Paraná, como justificado anteriormente no recorte da pesquisa.

Ao finalizar o texto da dissertação, algumas considerações podem ser apresentadas, como resultado do processo de pesquisa realizado e das análises dos dados produzidos. Um primeiro ponto revelado foi um possível movimento de aproximação do campo de conhecimento específico com o campo da educação, expresso nas relações entre a formação inicial nas licenciaturas e a formação em nível de pós-graduação. Contudo, ainda se observa a permanência da distinção entre quem produz conhecimentos e quem transmite e ensina, na Educação Básica, em direção distinta do que se propõe, por exemplo, na concepção da A/R/Tografia.

O estudo empírico permitiu observar que as pesquisas realizadas em programas de pós-graduação de Artes Visuais ainda estão distanciadas das dimensões didáticas, das aulas, e em particular dos recursos utilizados para o ensino, como os manuais escolares. Tal invisibilidade se verifica de forma ampla, não se restringindo à denominação de linhas de pesquisa, áreas de concentração e presença

de docentes orientadores/as. Constatou-se que são poucas as pesquisas que focalizam metodologias de ensino de Arte, manuais escolares e materiais didáticos, temas que fazem aproximação com o espaço de desenvolvimento do ensino e da aprendizagem, muitas vezes identificado como aulas.

Sem assumir uma visão ingênua, pode-se dizer que a configuração e a consolidação de um espaço curricular específico para a Arte, que se complementaram com a inclusão da disciplina no PNLD, se por um lado não resolveram problemas como a docência das várias linguagens, podem ser vistas como resultado de uma luta pela valorização deste conhecimento na formação de crianças e jovens da Educação Básica. E, além da contribuição da Arte para sua formação, a permanência da Arte no PNLD atuará como estimuladora de pesquisas e de desenvolvimento dos livros didáticos, como ocorreu com outras disciplinas escolares, desde as décadas de 1980 e 1990, potencializando o aperfeiçoamento de procedimentos e recursos para o ensino.

A partir dos dados disponibilizados virtualmente nas plataformas das instituições consultadas, pode-se afirmar, com grau razoável de acerto, que as bibliotecas pesquisadas não têm privilegiado a presença de manuais didáticos para orientar o ensino de Artes Visuais, material que poderia ser uma contribuição aos professores em formação inicial, ainda que submetidos aos limites impostos pela própria natureza de manuais, como reconhecido na literatura no campo da manualística.

Assim, a pesquisa contribuiu para confirmar a ideia de que esses manuais não são considerados valiosos e necessitam ainda ser resgatados dessa posição menor que ocupam nas culturas escolares. Garcia (2020, p. 16), em prefácio ao livro de Vivian Batista da Silva (2020), sugere que, ao investir no estudo desses objetos pouco privilegiados e valorizados, a pesquisa contribui para retirar esses manuais dos “espaços de sombra”, recusando “aceitar a classificação que exclui os manuais pedagógicos da lista de obras que devem estar em destaque nas bibliotecas”.

Pode-se verificar que há alguns manuais de didática específica e metodologia do ensino da Arte em circulação nos espaços de formação de professores, uma vez que estão disponibilizados nos acervos das bibliotecas aqui investigadas. Embora não tenha sido verificado se ocorre o empréstimo desses livros por alunos e professores, ou se eles fazem parte das ementas das disciplinas, a localização desse material criou

um primeiro nível de aproximação com a problemática e possibilita, ao final do processo de pesquisa, a elaboração de novos questionamentos.

As IES têm atualizado seus acervos bibliográficos em relação à didática específica ou metodologia? Quando solicitados livros nessa temática por coordenadores ou professores dos cursos de licenciatura, eles são adquiridos pelas IES? Existe pouco interesse em se publicar livros sobre o tema ou eles se apresentam com outros nomes em seus títulos?

Afinal, quando se usam os termos “Didática” ou “Metodologia” no título de um livro, o senso comum pode imprimir uma opinião desfavorável, entendendo que se trata de uma *receita de bolo*, na qual se mostra um *passo a passo* de como o professor deveria se comportar e elaborar sua aula. Isso seria desejável para a formação de professores, especialmente em Artes Visuais, disciplina que foi associada por muitos autores com a criação, a criatividade, a liberdade?

Retoma-se, então, a concepção de Arte e de Artes Visuais que valoriza não só a criatividade, mas também o domínio de conhecimentos específicos, que incluem elementos técnicos e formação de repertório que permitam a produção artística. E nessa direção, no contexto atual, outras indagações se referem ao conteúdo desses manuais que se destinam a orientar professores para realizar o ensino... Eles apresentam e exploram as quatro linguagens artísticas? Alguma é privilegiada ou desfavorecida? Como são organizados os assuntos no sumário? Como se expressa a concepção de ensino para a disciplina Arte?

Algumas respostas para essas perguntas só poderiam ser produzidas com os livros “em mãos”. Mas, mesmo sem manuseá-los foi possível encontrar breves pistas disponibilizadas na internet, nas imagens de contracapa com texto e informações referentes a algumas das publicações. As adversidades me propuseram um novo caminho, me abriram o olhar para questões antes despercebidas em relação à Educação, ao componente curricular Arte e à formação do licenciado em Artes Visuais.

A partir dos objetivos específicos propostos nesta dissertação, de situar o campo de formação de professores, em nível de licenciatura e pós-graduação, e identificar os manuais de Didática Específica e Metodologia para o ensino das Artes Visuais que circulam, nesse campo de formação, pela sua disponibilização em bibliotecas das universidades, percebi a potência existente em avançar com os estudos para a análise dos livros aqui apresentados.

A existência de relação entre os manuais e a cultura profissional dos professores foi fortalecida, mesmo com os resultados limitados a que se chegou, e a dissertação produzida constitui-se em avanço no estudo sobre os manuais didáticos de Arte/Artes Visuais, os quais ainda não ocupam espaço de destaque nas pesquisas no campo da manualística. Nesse sentido, as leituras dos autores desse campo trouxeram contribuições. Em especial, as pesquisas específicas sobre os manuais pedagógicos e didáticos evidenciam como a profissionalização docente dialoga com autores referenciais de cada disciplina por meio de mediações feitas por autores de manuais destinados à formação para ensinar.

Assim, o desejo de pesquisar os manuais escolares para obter um olhar sobre o ensino das Artes Visuais no Brasil, ideia inicial apresentada ao projeto de pesquisa para o ingresso no mestrado, permanece no horizonte de minha formação de artista, professora, pesquisadora, acrescida agora de novos argumentos. E poderá ser explorada no futuro.

## REFERÊNCIAS

- ALVARENGA, Valéria de. **Formação inicial do professor de Artes Visuais: reflexões sobre os cursos de licenciatura no Estado do Paraná.** 2015. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) - Centro de Artes, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.
- AMORIM, Andréa. **Relações de poder e de gênero nos Livros Didáticos de Arte do Ensino Fundamental.** 2020. Dissertação (Mestrado em Arte e Cultura Visual) - Setor de Artes Visuais, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2020.
- ANDRÉ, Maria. Formação de professores: a constituição de um campo de estudos. **Educação**, Porto Alegre, v. 33, n. 3, p. 174-181, set. dez. 2010. Disponível em: <<https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/8075>>. Acesso em: 26 set. 2021.
- APPLE, Michael. **Trabalho docente e textos: economia política das relações de classe e de gênero em educação.** Porto Alegre: Artes Médicas.1995.
- BARBOSA, Ana Mae. Arte-Educação no Brasil: realidade hoje e expectativas futuras. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 3, n. 7, p. 170-182, 1989.
- BARBOSA, Ana Mae. Da interdisciplinaridade à interterritorialidade: caminhos ainda incertos. **Paidéia**, Belo Horizonte, v. 7, n. 9, p. 11-27, jul. dez. 2010.
- BARBOSA, Ana Mae. **Arte-Educação no Brasil.** São Paulo: Perspectiva, 2012.
- BARBOSA, Ana Mae. O ensino do desenho e da arte no Brasil. **NAVA**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1/2, p. 28-51, 2019.
- BARCELOS, Fátima de. **Instâncias da Orientação de Monografias de final de curso no ensino de Artes Visuais na modalidade a distância: a interterritorialidade com uso de estratégias didáticas e metodologia para construção de conhecimento.** 2013. Tese (Doutorado em Artes) - Escola de Belas Artes, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2013.
- BATISTA, Antonio A. G. Um objeto variável: textos, impressos e livros didáticos. *In*: ABREU, M. (org.). **Leitura, história e história da leitura.** Campinas, São Paulo: Associação de Leitura do Brasil: Fapesp, 1999.
- BORN, Rodrigo. **O Livro Didático de Artes Visuais como espaço expositivo: contribuições para o debate sobre a alienação do objeto de Arte.** 2018. Tese (Doutorado em Artes Visuais) - Centro de Artes, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2018.
- BOURDIEU, Pierre. **Os usos sociais da ciência: por uma sociologia clínica do campo científico.** São Paulo: UNESP, 2004.

BRASIL. **CAPEs**. Brasília, 2014. Disponível em: <<https://www.gov.br/capes/pt-br/aceso-a-informacao/acoes-e-programas/avaliacao/sobre-a-avaliacao/avaliacao-o-que-e/sobre-a-avaliacao-conceitos-processos-e-normas>>. Acesso em: 31 jan. 2022.

BRASIL. **e-MEC**. Disponível em: <<https://emec.mec.gov.br/>>. Acesso em: 21 jun. 2021.

BRASIL. **MEC**. Disponível em <<https://www.gov.br/mec/pt-br>>. Acesso: em 31 jan. 2022.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais - Arte**. Brasília, 1998.

BRASIL. **Plataforma Sucupira**. Disponível em: <<https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/>>. Acesso em: 6 nov. 2020.

BRISOLLA, Lívia. **Práticas reflexivas e trabalho pedagógico: entre contornos e sombras de um Livro Didático de Arte**. 2009. Dissertação (Mestrado em Cultura Visual) - Faculdade de Artes Visuais, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2009.

BRITES, Bianca; TESSLER, Elida (orgs.). **O meio como ponto zero: metodologia da pesquisa em Artes Plásticas**. Porto Alegre: UFRGS, 2002.

BUFREM, Leilah S.; SCHMIDT, Maria Auxiliadora; GARCIA, Tânia M. F. Braga. Os manuais destinados a professores como fontes para a história das formas de ensinar. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, n. 22, p. 120-130, 2006.

CARDOSO, João. A política educacional brasileira e o ensino das Artes na educação básica. In: MATTAR, Sumaya; BREDARIOLLI, Rita (org.). **O ensino da Arte no contexto brasileiro atual: formação, políticas públicas educacionais e atuação**. São Paulo: ECA-USP, 2019. p. 63-74.

CASSIANO, Célia. **O mercado do livro didático no Brasil: da criação do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) à entrada do capital internacional espanhol**. 2007. Tese (Doutorado em Educação: História, Política e Sociedade) - Setor de Educação, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2007.

CHERVEL, André. História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa. **Teoria e Educação**, Porto Alegre, n. 2, p. 177-229, 1990.

CHEVALLARD, Yves. Por qué la transposición didáctica? In: \_\_\_\_\_. **La transposición didáctica del saber sabio al saber enseñado**. Buenos Aires: Aique, 1991. p. 7-44

CHOPPIN, Alain. Pasado y presente de los manuales escolares. **Revista Educación y Pedagogía**, Medellín, v. XIII, n. 29-30, p. 209-229, 2001.

CHOPPIN, Alain. História dos livros e das edições didáticas: sobre o estado da arte. **Educação e Pesquisa**, São Paulo, v. 30, n. 3, p. 549-566, set./dez. 2004.

CONFORTE, Nataly. **Os livros didáticos de arte aprovados pelo PNLD 2015: uma breve análise de conteúdo.** Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Artes Visuais) - UNESPAR. Curitiba, 2017.

CUESTA-FERNANDES, Raimundo. Los textos visibles del saber y el poder en la escuela. Una mirada crítica. *In*: ESCOLANO BENITO, A. (ed.) **Curriculum editado y sociedad del conocimiento. Texto, multimedialidad y cultura de la escuela.** Valencia: Tirant lo Blanch, 2006, p. 185-199.

DALLA ZEN, Laura Habckost. **O dispositivo pedagógico da arte.** 2011. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2011.

DOMINGOS FILHO, Doacir. **A diversidade de gênero em materiais didáticos da disciplina Arte.** 2018. Dissertação (Mestrado em Educação) - Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Estadual do Centro-Oeste, Guarapuava, 2018.

ESCOLANO BENITO, Agustín. Las culturas escolares del siglo XX: encuentros y desencuentros. **Revista de Educación**, España, 2000, núm. Extraordinario, p. 201-218.

ESCOLANO BENITO, Agustín. La manualística y la nueva historia cultural de la escuela. *In*: BETTI, Carmen (org.). **Percorsi del libro per la scuola fra Ottocento e Novecento: La tradizione toscana e le nuove realtà del primo Novecento in Italia.** Firenze: Pagnini Editore, 2004. p. 30-56.

ESCOLANO BENITO, Agustín. El libro escolar y la cultura de la educación. La manualística, un campo en construcción. *In*: \_\_\_\_\_ (Ed.) **Curriculum editado y sociedad del conocimiento. Texto, multimedialidad y cultura de la escuela.** Valencia: Tirant lo Blanch, 2006.

ESCOLANO BENITO, Agustín. El Manual Escolar y la Cultura Profesional de los Docentes. **Tendencias Pedagógicas**, v. 14, p. 169-180, 2009.

ESCOLANO, Agustín Benito. El manual como texto. **Pro-Posições**, v. 23, n. 3, p. 33-50. set. dez. 2012.

FERRAZ, M. H.; SIQUEIRA, I. **Arte-educação: vivência, experiência ou livro didático?** São Paulo: Edições Loyola, 1987.

FORQUIN, Jean-Claude. Saberes escolares, imperativos didáticos e dinâmicas sociais. **Teoria e Educação**, Porto Alegre, n. 5, p. 28-49, 1992.

FREITAS, Hiannay. **A representação do Nordeste nos Livros Didáticos de Arte aprovados pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD).** 2019. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) - Centro de Artes, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2019.

FUSARI, Maria; FERRAZ, Maria Helóisa. **Metodologia do ensino de Arte**. São Paulo: Cortez, 1993.

GARCIA, Tânia M. F. Braga. Ciência do ensino e doutrina do método: a Didática e os manuais para formação de professores nas escolas normais (1890-1990). *In*: CONGRESO IBEROAMERICANO DE HISTORIA DE LA EDUCACIÓN LATINOAMERICANA, 6., 2003, San Luis Potosi. Historia de las Ideas, actores e instituciones educativas - Memoria del VI Congreso Iberoamericano de Historia de la Educación Latinoamericana. **Anais...** San Luis Potosi, México: Colegio San Luis/ CESUUNAM/SOMEHIDE, 2003, v. 1, p. 1-14.

GARCIA, Tânia M. F. Braga. Treinando habilidades para o ensino: perspectivas da Didática no início da década de 1970. *In*: ENCUENTRO INTERNACIONAL DE HISTORIA DE LA EDUCACIÓN, 10., 2006, Guanajuato. Entre la memoria y el olvido: Culturas, comunidades, saberes. **Anais...** Guanajuato, México: Universidad de Guanajuato, 2006, v. 1, p. 1-10.

GARCIA, Tânia M. F. Braga. Ensino e pesquisa em ensino: espaços da produção docente. *In*: GARCIA, Nilson M. D.; HIGA, Ivanilda; ZIMMERMANN Erika; SILVA, Cibele C.; MARTINS, André F. P. (Org.). **A pesquisa em Ensino de Física e a sala de aula: articulações necessárias**. São Paulo: Livraria da Física Editora, 2010, p. 239-259.

GARCIA, Tânia M. F. Braga. **Prefácio**. *In*: SILVA, Vivian B. da. Projetos e heranças da Escola Moderna nos manuais pedagógicos (1870-1970). Curitiba: Appris, 2020, p. 11-17

GARCIA, Tânia M. F. Braga. Entrelaçamentos entre pesquisa e docência: perspectivas a partir do conceito de experiência escolar. *In*: BAIERSDORF, Márcia (org.) *et al.* **Estágios de formação pedagógica e a relação Universidade-Escola: dilemas, desafios e perspectivas em tempos de pandemia**. Campinas, SP : Pontes Editores, 2021. (E-book)

GARCIA, Tânia M. F. Braga; SILVA, Vivian B. da. De como ensinar: traços paradigmáticos nos manuais pedagógicos e perspectivas de investigação (1870-2015). **Educar em Revista**, v. 35, n. 77, p. 135-158, set./out. 2019.

GUALTIERI, Nicolas. **Experiências de mediação com artefatos didáticos no contexto da Educação a Distância da Universidade Federal de Goiás no Curso de Especialização África em Arte-Educação**: construção de objetos pedagógicos. 2017. Dissertação (Mestrado em Arte e Cultura Visual) - Faculdade de Artes Visuais, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2017.

GUALTIERI, Nicolas. **Design gráfico, Artes e Cultura Visual**: experiências e entrecruzamentos metodológicos. 2020. Tese (Doutorado em Arte e Cultura Visual) - Faculdade de Artes Visuais, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2020.

GUEREÑA, Jean-Louis; OSSENBACH Sauter, Gabriela; POZO, María del Mar del. **Manuales Escolares en España, Portugal y América Latina: líneas actuales de**

investigación. *In*: \_\_\_\_\_. (Dir.). **Manuales Escolares en España, Portugal y América Latina (siglos XIX e XX)**. Madrid: UNED, 2005, p. 17-45.

HEGETO, Léia de Cássia; GARCIA, Tânia M. F. Braga. Significados da didática como disciplina escolar nos manuais de Didática Geral. **Olhar de Professor**, v. 17, n. 1, p. 20-36, fev. 2014.

HILLESHEIM, Giovana. **Um olhar sobre as pesquisas que abordam a formação de professores de Artes Visuais**: caminhos percorridos e a percorrer. 2013. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) - Setor de Artes, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

JULIA, Dominique. A cultura escolar como objeto histórico. **Revista Brasileira de História da Educação**, v. 1, n. 1, p. 9-43, jan. jun. 2001.

LIBÂNEO, José Carlos. Didática e epistemologia: para além do embate entre a didática e as didáticas específicas. *In*: VEIGA, Ilma P. A.; D'ÁVILA, Cristina (Orgs.). **Profissão docente: novos sentidos, novas perspectivas**. Campinas: Papirus, 2008. E-book

LIMA, Camila de. **A competência artística do professor de Artes Visuais e os procedimentos didático-metodológicos**: um estudo de caso de professores egressos da UEPG-PR. 2020. Dissertação (Mestrado em Educação) - Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2020.

LOYOLA, Geraldo. **Professor-artista-professor**: materiais didático-pedagógicos e ensino-aprendizagem em Arte. 2016. Tese (Doutorado em Artes) - Escola de Belas Artes, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2016.

MANCUSO, Bruno. **Minha vila filme eu**: ensinando cinema na escola - Manual do Professor. Curitiba: Imagens da Terra, 2012.

MAGALHÃES, Ana Luiza. **Materiais Didático-Pedagógicos para o ensino/aprendizagem em Arte**: relações no contexto escolar. 2019. Dissertação (Mestrado em Artes) - Escola de Belas Artes, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019.

MARTINS, Mirian Celeste; PICOSQUE, Gisa; GUERRA, Maria Terezinha. **Didática do ensino de Arte - A língua do mundo**: poetizar, fluir e conhecer Arte. São Paulo: FTD, 1998.

MENDES, Rodrigo; CAVALHERO, José; GITAHY, Ana Maria. **Artes Visuais na educação inclusiva**: metodologias e práticas no Instituto Rodrigo Mendes. São Paulo: Peirópolis, 2010.

MIRANDA, Marcos Paulo. **Artes Visuais no Ensino Médio**: afastamentos e aproximações da prática pedagógica no uso do livro didático. 2020. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) - Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2020.

MORAES, Viviane de. **Abordagens contemporâneas para o Ensino das Artes Visuais e o Prêmio Arte na escola cidadã**. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Artes Visuais). UNESPAR. Curitiba, 2017.

NASCIMENTO, Fernanda Esthenes do. **A construção de uma didática da Física: contribuições dos manuais de orientação aos professores**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2016.

OLIVEIRA NETO, Marcolino. **Arte e silêncio: a arte africana e afro-brasileira nas diretrizes curriculares estaduais e no livro didático público de Arte do Paraná**. 2012. Dissertação (Mestrado em Educação) - Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2012.

ORLOSKI, Christiane de Souza Coutinho. **Educação, visualidade e informação em materiais gráficos educativos**. 2008. 169 f. Dissertação (Mestrado em Artes) - Instituto de Artes, Universidade Estadual Paulista, 2008.

OSSENBACH, Gabriela. Consideraciones críticas sobre la investigación en el campo de la manualística escolar a 20 años de la fundación del Centro de Investigación MANES. *In*: MEDA, Juri; BADANELLI, Ana Maria (Org.). **La historia de la cultura escolar en Italia y en España: balance y perspectivas**. Macerata: EUM Edizioni Università di Macerata, 2013, p. 107-118.

OSSENBACH, Gabriela; SOMOZA, Miguel. **Introducción**. *In*: \_\_\_\_\_. Los manuales escolares como fuente para la historia de la educación en América Latina. Madrid, UNED, 2001. p.13-34.

OSTROWER, Fayga. **Universo da Arte**. São Paulo: UNICAMP, 2013.

PEIXOTO, Afrânio. **Ensinar a ensinar: ensaios de pedagogia aplicada à educação nacional**. Rio de Janeiro: Livraria Francisco Alves, 1923.

ROCHA, Stéfani. **A formação dos licenciados em Artes Visuais no Projeto PIBID interdisciplinar UDESC: um estudo da produção de materiais para pessoas com deficiência**. 2015. Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) - Centro de Artes, Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.

RODRIGUES JUNIOR, Osvaldo. **Manuais de Didática da História no Brasil (1997-2013): entre tensões e intenções**. Tese (Doutorado em Educação) - Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2015.

SANTOS, G. **Metodologia do ensino de Artes**. Curitiba: IBPEX, 2006.

SCHLICHTA, Consuelo. **Arte e educação: há um lugar para a Arte no Ensino Médio?** Curitiba: Aymar, 2009.

SCHLICHTA, Consuelo. As exigências de formação do professor de Artes Visuais na contemporaneidade: Que novo perfil se (im)põe? *In*: ENCONTRO DA ANPAP, 2015

Santa Maria. **Anais...** Santa Maria: s.n., 2015. p. 2997-3011. Disponível em: <<http://anpap.org.br/anais/2015/>>. Acesso em: 12 set. 2021.

SCHLICHTA, Consuelo; FONSECA, Josilene de Oliveira. **Didática aplicada ao ensino da Arte**. Guarapuava: UNICENTRO, 2014.

SCHLICHTA, Consuelo; TAVARES, Isis Moura; TROJAN, Rose Meri. **Conteúdo, metodologia e avaliação do ensino de Arte**: curso de Pedagogia: séries iniciais do ensino fundamental na modalidade de educação a distância. Curitiba: UFPR, 2002.

SELBACH, Simone. **Arte e didática**. Petrópolis: Vozes, 2010.

SILVA, Anne Cacielle F. da. **Estado do conhecimento sobre o livro didático de história em dissertações e teses produzidas em programas de pós-graduação no Brasil (1990-2015)**. 2018. Teses (Doutorado em Educação) - Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2018.

SILVA, Gisele da. **Livros Didáticos para o ensino de Arte: Diálogos, práticas e (des)caminhos**. 2009. Dissertação (Mestrado em Cultura Visual) - Faculdade de Artes Visuais, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2009.

SILVA, Nayanne. Ensino de Arte e disciplinarização da Educação Artística na educação brasileira. *In*: SEMINÁRIO DOCENTE: INTERSECÇÃO ENTRE UNIVERSIDADE E ESCOLA, 4., 2019, Dourados. **Anais...** Dourados: s.n., 2019. p. 902-916. Disponível em: <<https://anaisonline.uems.br/index.php/seminarioformacaodocente/search/titles?searchPage=7>>. Acesso em: 07 set. 2021

SILVA, Vivian B. da. **Saberes em viagem nos manuais pedagógicos: construções da escola em Portugal e no Brasil (1870-1970)**. 2005. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

SILVA, Vivian B. da. **Saberes em viagem nos manuais pedagógicos: construções da escola em Portugal e Brasil (1870-1970)**. São Paulo: Editora Unesp, 2018.

SILVA, Vivian B. da. **Projetos e Heranças da escola moderna nos manuais pedagógicos**. Curitiba: Appris, 2020.

TANURI, L. História da Formação de professores. **Revista Brasileira de Educação**, 2000, v. 14, p. 61-98.

TEUBER, Mauren. **Relações entre ensino, práticas artísticas e pesquisa: princípios didáticos para a formação de professor de Artes Visuais**. 2016. Tese (Doutorado em Educação) - Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2016.

TRINCHÃO, Gláucia. **O desenho como objeto de ensino: história de uma disciplina a partir dos Livros Didáticos Luso-Brasileiros Oitocentistas**. 2008. Tese (Doutorado em Educação) - Setor de Educação, UNISINOS, São Leopoldo, 2008.

VASCONCELLOS, Sonia Tramuja. **Entre (dobras) lugares da pesquisa na formação de professores de Artes Visuais e as contribuições da pesquisa baseada em Arte na Educação**. 2015. Tese (Doutorado em Educação) - Setor de Educação, Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2015.

VIÑAO FRAGO, Antonio. El espacio y el tiempo escolares como objeto histórico. **Contemporaneidade e Educação (Temas de História da Educação)**, Rio de Janeiro, v. 5, n. 7, p. 93-111, 2000.

VIÑAO FRAGO, Antonio. La escuela y la escolaridad como objetos históricos. Facetas y problemas de la historia de la educación. **Revista da Associação Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação**, Pelotas, v. 12, n. 25, p. 9-54, maio ago. 2008.

VINCENT, Guy; LAHIRE, Bernard; THIN, Daniel. Sobre a história e a teoria da forma escolar. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, n. 33, p. 7-47, jun. 2001.

ZAGONEL, Bernadete (org.). **Metodologia do ensino de Arte**. Curitiba: Intersaberes, 2013.

ZAUPA, Maria de Fátima da Silva. **O filme na escola: abordagens pedagógicas para a educação das artes visuais**. 2013. Dissertação (Mestrado em Arte) - Universidade de Brasília, Brasília, 2013.

**APÊNDICE 1 – LISTA DAS PESQUISAS SOBRE LIVRO DIDÁTICO, MATERIAL DIDÁTICO E METODOLOGIA DE ENSINO**

Pesquisas sobre LIVRO DIDÁTICO

Programas de Pós-Graduação em Artes Visuais (ou similares) no Brasil						
Ano	IES	M	D	Autoria	Título	Orientação
2009	UFG	x		BRISOLLA, Lívia Santos	Práticas reflexivas e trabalho pedagógico: entre contornos e sombras de um Livro Didático de Arte	Irene Tourinho
2009	UFG	x		SILVA, Gisele Costa Ferreira da	Livros Didáticos para o ensino de Arte: diálogos, práticas e (des)caminhos	Irene Tourinho
2016	UNICAMP	x		VALARINI, Denise	Livros didáticos de ensino de Arte: avaliação e análise crítica	Lucia Helena Reily
2018	UDESC		x	BORN, Rodrigo Montandon	O Livro Didático de Artes Visuais como espaço expositivo: contribuições para o debate sobre a alienação do objeto de Arte	Maria Cristina da Rosa Fonseca da Silva
2019	UDESC	x		FREITAS, Hiannay Tupyara Jovem de	A representação do Nordeste nos Livros Didáticos de Arte aprovados pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD)	Maria Rúbia Sant'Anna
2019	UNICAMP		x	QUATTRER, Milena	A cor no livro didático de Arte	Anna Paula Silva Gouveia
2020	UFG	x		AMORIM, Andréa Alcântara Almeida	Relações de poder e de gênero nos Livros Didáticos de Arte do Ensino Fundamental	Carla Luzia de Abreu
2020	UFPB UFPE	x		MIRANDA, Marcos Paulo Gomes	Artes Visuais no Ensino Médio: afastamentos e aproximações da prática pedagógica no uso do livro didático	Luciana Borre Nunes

Programas de Pós-Graduação em Educação no Paraná						
Ano	IES	M	D	Autoria	Título	Orientação
2012	UFPR	x		OLIVEIRA NETO, Marcolino	Arte e silêncio: a Arte africana e afro-brasileira nas diretrizes curriculares estaduais e no livro didático público de Arte do Paraná	Paulo Vinicius Baptista da Silva

## Pesquisas sobre MATERIAL DIDÁTICO

Programas de Pós-Graduação em Artes Visuais (ou similares) no Brasil						
Ano	IES	M	D	Autoria	Título	Orientação
2015	UDESC	x		ROCHA, Stéfani Rafaela Pintos da	A formação dos licenciados em Artes Visuais no Projeto PIBID interdisciplinar UDESC: um estudo da produção de materiais para pessoas com deficiência	Maria Cristina da Rosa Fonseca da Silva
2016	UFMG		x	LOYOLA, Geraldo Freire	Professor-artista-professor: materiais didático-pedagógicos e ensino-aprendizagem em Arte	Lucia Gouvêa Pimentel
2017	UFG	x		GUALTIERI, Nicolas Andres	Experiências de mediação com artefatos didáticos no contexto da Educação a Distância da Universidade Federal de Goiás no Curso de Especialização África em Arte-Educação: construção de objetos pedagógicos	Raimundo Martins
2019	UFMG	x		MAGALHÃES, Ana Luiza Emerich	Materiais Didático-Pedagógicos para o ensino/aprendizagem em Arte: relações no contexto escolar	Lucia Gouvêa Pimentel

Programas de Pós-Graduação em Educação no Paraná						
Ano	IES	M	D	Autoria	Título	Orientação
2018	UNICENTRO	x		DOMINGOS FILHO, Doacir	A diversidade de gênero em materiais didáticos da disciplina Arte	Margarida Gandara Rauen

## Pesquisas sobre METODOLOGIA

Programas de Pós-Graduação em Artes Visuais (ou similares) no Brasil						
Ano	IES	M	D	Autoria	Título	Orientação
2013	UFMG		x	BARCELOS, Fátima Pinheiro	Instâncias da Orientação de Monografias de final de curso no ensino de Artes Visuais na modalidade a distância: a interterritorialidade com uso de estratégias didáticas e metodologia para construção de conhecimento	Lucia Gouvêa Pimentel
2019	UEMG	x		OLIVEIRA, Gabriela	Artista-Professor: metodologias de ensino em Arte	Raquel Cecília de Oliveira
2020	UFPR	x		LIMA, Camila Bourguignon de	A competência artística do professor de Artes Visuais e os procedimentos didático-metodológicos: um estudo de caso de professores egressos da UEPG-PR	Adriane Knoblauch

Programas de Pós-Graduação em Educação no Paraná						
Ano	IES	M	D	Autoria	Título	Orientação
2018	UNICENTRO	x		DOMINGOS FILHO, Doacir	A diversidade de gênero em materiais didáticos da disciplina Arte	Margarida Gandara Rauen

## APÊNDICE 2 – LISTA DOS 35 LIVROS LOCALIZADOS NAS BIBLIOTECAS

N	Título do livro	Editora	Autor	Ano
1	Arte e didática (Coleção Como bem Ensinar)	Vozes	SELBACH, Simone	2010
2	Didática aplicada ao ensino da Arte	UNICENTRO	SCHLICHTA, Consuelo; FONSECA, Josilene	2014
3	Didática do ensino de Arte - A língua do mundo: poetizar, fluir e conhecer Arte	FTD	MARTINS, Mirian Celeste; PICOSQUE, Gisa; GUERRA, Maria Terezinha T.	1998
4	Artes Visuais na educação inclusiva: metodologias e práticas no Instituto Rodrigo Mendes	Peirópolis	MENDES, Rodrigo; CAVALHERO, José; GITAHY, Ana Maria	2010
5	Metodologia do ensino de Arte (Coleção 2º Grau: formação de professores)	Cortez	FERRAZ, Maria Heloísa; FUSARI, Maria	1991 1993 1995 1999 2001 2009 2010 2011
6	Metodologia do ensino de Arte (Série Metodologias)	Intersaberes	ZAGONEL, Bernadete (org.)	2013
7	Metodologia do ensino de Arte	IBPEX	SANTOS, Gisele do Rocio	2006
8	Conteúdo, metodologia e avaliação do ensino de Arte: curso de Pedagogia: séries iniciais do ensino fundamental na modalidade de educação a distância	UFPR	SCHLICHTA, Consuelo; TAVARES, Isis; TROJAN, Rose Meri	2002
9	O meio como ponto zero: metodologia da pesquisa em Artes Plásticas	UFRGS	BRITES, Blanca; TESSLER, Elida (orgs.)	2002
10	Arte-educação: vivência experimentação ou livro didático?	Loyola	FERRAZ, Maria Heloísa; SIQUEIRA, Idméa	1987 2003
11	Como gerir um museu: manual prático	ACAM Portinari	BOYLAN, Patrick	2015
12	Direção de câmera: um manual de técnicas de vídeo e cinema	Summus	WATTS, Harris	1999
13	El manual del dibujo: estrategias de su enseñanza en el siglo XX	Cátedra	GÓMEZ-MOLINA, Juan	2008
14	Fashion Illustrator: manual do ilustrador de moda	Cosac Naif	MORRIS, Bethan	2007 2009
15	Guia completo de fotografia: a técnica fotográfica explicada passo a passo	Martins Fontes	HEDGECOE, John	2001
16	Graffiti school: a student guide - with teacher's manual	Thames e Hudson	GANTER, Christoph	2013
17	Grande manual de fotografia	Dinalivro	FREEMAN, Michael	2001

18	Manual básico de desenho técnico (Série Didática)	UFSC	SPECK, Henderson José	1997 2002 2004
19	Manual de animação: Manual de métodos, princípios e fórmulas para animadores clássicos de computadores, de jogos, de stop motion e de internet	SENAC	WILLIAMS, Richard	2016
20	Manual de Arte Prehistórico	Ariel	SANDRICHIDRAN-TORTI, José Luis	2001
21	Manual de câmera digital	Bookman	FREEMAN, Michael	2013
22	Manual completo del encuadernador: teorico y práctico (Série Aprendiz)	Clan Libera	MONJE-AYALA, Mariano	2001
23	Manual de fotografia	Cengage learning	FOLTS, James	2011
24	Manual de fotografia	Civilização	HEDGECOE, John	2003
25	Manual de fotografia digital	Evergreen	DALY, Tim	2000
26	Manual de produção de jogos digitais	Bookman	CHANDLER, Heather	2012
27	Manual de técnicas de pintura	Martins Fontes	TATE, Elisabeth; HARRISON, Hazel	2014
28	Manual do artista-etc.	Beco do Azougue	BAUSBAUN, Ricardo	2013
29	Manual do artista: técnicas e materiais	Martins Fontes	RALPH, Mayer	1996 1999 2002 2015
30	Manual do escultor	AGE	CORBETTA, Glória	2000
31	Manual para realização de eventos em Artes Visuais (Série Manuais técnicos)	UEL	CAMARGO, Isaac	2012
32	Manual prático de procedimentos museológicos	MACS	MOTTA, Denyse de	2014
33	Manual prático do artista	A&C	SMITH, Ray	2003 2006 2008
34	Minha vila filmo eu: ensinando cinema na escola - Manual do professor	Imagens da Terra	MANCUSO, Bruno Freddi	2012
35	O novo manual de fotografia: guia completo para todos os formatos	SENAC	HEDGECOE, John	2005